

Caderno de Resumos 2019

9^a JORNADA DISCENTE

PPGJOR | UFSC | 2019

Reitor

Ubaldo Cesar Balthazar

Pró-Reitor de Pós-Graduação

Cristiane Derani

Diretor do CCE

Arnoldo Debatin Neto

Chefe do Depto. Jornalismo

Leslie Sedrez Chaves

Coordenadora do PPGJOR

Cárlida Emerim

Subcoordenadora do PPGJOR

Rita Paulino

Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPGJOR)

Campus Universitário, Trindade

88040-980 - Florianópolis/SC

(48) 3721.9463 - www.ppgjor.posgrad.ufsc.br

Caderno de Resumos - 2019



ISSN 2526-1231

Comissão Organizadora

Coordenação

Cárlida Emerim, Janaíne Kronbauer, Mariane Ventura, Rita Paulino

Equipe

Alessandra Natasha Costa Ramos, Ana Carla Pimenta, Ana Marta Moreira Flores, Anaíra Sousa de Moraes Sarmiento, Andressa Kikuti Dancosky, Arnaldo Zimmermann, Cândida de Oliveira, Carlos Nascimento Marciano, César Augusto Rosati, Criselli Maria Montipó, Dairan Paul, Edwin dos Santos Carvalho, Gabriela Almeida, Gabriela Schander Braga, Ingrid Pereira de Assis, Janara Nicoletti, Jessica Gustafson Costa, Juliana Freire Bezerra, Juliana Gobbi Betti, Leoní Serpa, Letícia Paola Beilfuss, Magali Moser, Marcionize Elis Bavaresco, Marisvaldo Silva Lima, Nayane Cristina Rodrigues de Brito, Olga Clarindo Lopes, Paulo José Mueller, Rafael Rangel Winch, Ricardo Aoki, Ricardo Torres, Silvio da Costa Pereira, Suelyn Cristina Carneiro da Luz.

Projeto gráfico

Frederico S. M. de Carvalho

Diagramação

Marcionize Elis Bavaresco

Revisão

Carlos Nascimento Marciano, Edwin dos Santos Carvalho, Ingrid Pereira de Assis, Juliana Freire Bezerra, Juliana Gobbi Betti, Marcionize Elis Bavaresco.



SUMÁRIO

PROGRAMAÇÃO	6
APRESENTAÇÃO	10
TECNOLOGIAS E INOVAÇÕES	12
Reportagem radiofônica: reconstituição do formato na convergência hipermediática.....	13
Novas tecnologias na produção jornalística: possibilidades de expansão via sistema modular.....	15
Sistema de Mediações Algorítmicas: mediação e recepção no contexto das plataformas digitais.....	17
Um olhar no jornalismo do futuro a partir da Internet das Coisas (IoT) e Inteligência Artificial (AI): prospecções científicas e os desafios tecnológicos nas redações.....	19
A construção do conhecimento a partir da produção e desenvolvimento de newsgames como prática jornalística.....	21
Hiperinfografia: como se manifesta a visualização sintética no jornalismo pós-industrial.....	23
REPORTAGEM E ÉTICA JORNALÍSTICA	25
Políticas da escrita e memória na reportagem contemporânea: histórias da ditadura brasileira em livros de jornalistas.....	26
Prudência moral nas decisões tomadas por jornalistas.....	28
Os direitos animais no jornalismo brasileiro contemporâneo.....	30
O método jornalístico a partir da prática de “repórteres especiais”.....	32
Os poderes de afetação e de revelação do acontecimento na cobertura jornalística da tragédia da Chapecoense.....	34
Jornalismo vigilante sob vigilância nociva: vulnerabilidades e potencialidades do jornalismo investigativo brasileiro.....	36
JORNALISMO ESPECIALIZADO	38
Adaptações na programação radiojornalística de emissoras de Santa Catarina com a migração AM-FM.....	39
A cobertura noticiosa dos temas sobre a Ciência do Espaço Sideral no Brasil e em Portugal.....	41
Jornalismo de Dados: desafios no ensino e mudanças nas práticas profissionais...43	

O micromundo dos jornalistas de dados no Brasil: trajetórias profissionais e construção de identidade.....	45
Comunicar ciência nas rádios públicas e universitárias: experiências, programas e narrativas jornalísticas em Portugal, Brasil e Espanha.....	47
Jornalismo e a construção do agronegócio brasileiro.....	49

CIDADANIA E MINORIAS **51**

Representações sociais dos povos Romani (ciganos) no jornalismo brasileiro.....	52
Percepções sobre cidadania e direitos humanos entre repórteres.....	54
Acessibilidade comunicativa em telejornalismo universitário.....	56
Imprensa e a Base de Alcântara: a cobertura jornalística do acordo Brasil - EUA..	58
O jornalismo que interessa aos jovens moradores de periferias.....	60
Jornalismo e pobreza: as vozes das classes populares na reportagem televisiva.....	62

TEORIAS DO JORNALISMO, CRÍTICA DE MÍDIA E VALORES PROFISSIONAIS **64**

Imprensa e educação: a posição editorial dos principais jornais brasileiros a partir da proposta política do movimento Escola Sem Partido	65
Hegemonia, Jornalismo e conhecimento: possíveis leituras sobre práxis jornalística contra-hegemônica.....	67
Notícias autodestrutivas: produção de conteúdo jornalístico na pós-modernidade.....	69
Percurso da pesquisa para avaliar a correlação das condições laborais dos jornalistas e a qualidade da informação.....	71
Autocrítica jornalística pelo trabalho dos ombudsmans	73
Jornalismo e democracia no Brasil: uma trajetória de pesquisa.....	75
Complexidades identitárias em Santa Catarina: Análise de narrativas de rivalidade entre times catarinenses na mídia esportiva impressa local.....	77

JORNALISMO E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS **79**

Da pauta ao play: metodologia para desenvolvimento de newsgames como ferramenta jornalística.....	80
Contribuições da África para o ensino de Jornalismo: as experiências de Angola, Moçambique e Cabo Verde.....	82

Lacunas em torno da socialização de conhecimentos pelo jornalismo.....	84
Desafios e potencialidades do jornalismo popular em sua relação com a comunicação comunitária.....	86
O ensino de jornalismo em meio a transformações do ambiente midiático e a novas diretrizes curriculares nacionais.....	88

JORNALISMO E GÊNERO **90**

Quebrando o teto de vidro: como as mulheres jornalistas saem da mídia tradicional e vão experimentar um enfoque de gênero na mídia independente.....	91
Os discursos das revistas feministas online.....	93
Jornalismo feminista em atuação na América Latina.....	95
Dimensões de análise da produção radiofônica informativa para o público feminino.....	97
A construção de representações sociais das candidatas à vice-presidência na campanha eleitoral de 2018 na mídia impressa.....	99

ROTINAS PRODUTIVAS NO JORNALISMO **101**

A participação da audiência na produção e distribuição do Jornalismo Transmídia.....	102
Circulação da notícia em redes sociais: um estudo de caso dos oito anos da Folha de S. Paulo no Facebook.....	104
Valores-notícia incorporados ao jornalismo a partir de sites de redes sociais.....	106
Programação radiojornalística maranhense: alguns resultados da pesquisa de campo.....	108
Aspectos históricos e inovadores do telejornalismo local catarinense: um estudo de caso do Bom Dia Santa Catarina.....	110
Reflexões sobre uma pesquisa de campo de corte etnográfico.....	112

PASSOS INICIAIS: PESQUISA EM JORNALISMO **114**

Modelos de negócios para o jornalismo online independente brasileiro.....	115
O radiojornalismo das emissoras comunitárias maranhenses em ambiente convergente: uma proposta de pesquisa.....	117

The background features a complex, abstract design. It consists of various overlapping geometric shapes, including circles, squares, and rectangles, in shades of light green and white. A prominent feature is a large, solid white circle in the center. The overall aesthetic is clean and modern, with a focus on geometric patterns and a color palette of greens and whites.

PROGRAMAÇÃO

PROGRAMAÇÃO JORNADA DISCENTE 2019

PPGJOR/UFSC – 14, 15 E 16 DE OUTUBRO

SEGUNDA-FEIRA, 14 DE OUTUBRO

LOCAL: HALL DO BLOCO B - CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO (CCE)

16H30

RODA DE CONVERSA: O início da pesquisa em Jornalismo: Troca de experiências

LOCAL: AUDITÓRIO HENRIQUE FONTES, BLOCO B - CCE

PALESTRA DE ABERTURA: Mídia e processos de criminalização (18h)

Convidada: Profa. Dra. Marília de Nardin Budó

Mediação: Prof. Dr. Jorge Kanehide Ijuim

MESA COM EGRESSOS DO PPGJOR (19h15)

Convidados: Dra. Ana Marta Moreira Flores

Dr. Hendry Anderson André

Dra. Miriam Santini de Abreu

Mediação: Profa. Dra. Gislene Silva

TERÇA-FEIRA 15 DE OUTUBRO

LOCAL: SALA DRUMMOND, BLOCO B - CCE

MESA 1: Tecnologias e inovações (9h)

Mediação: Profa. Dra. Cárilda Emerim e Prof. Dr. Ildo Francisco Golfetto

- Reportagem radiofônica: reconstrução do formato na convergência hipermediática - Arnaldo Zimmermann
- Novas tecnologias na produção jornalística: possibilidades de expansão via sistema modular - Frederico S. M. de Carvalho
- Sistema de Mediações Algorítmicas: mediação e recepção no contexto das

plataformas digitais - Kérley Winkes

- Um olhar no jornalismo do futuro a partir da Internet das Coisas (IoT) e Inteligência Artificial (AI): prospecções científicas e os desafios tecnológicos nas redações - Marcelo Barcelos
- A construção do conhecimento a partir da produção e desenvolvimento de newsgames como prática jornalística - Ricardo Aoki
- Hiperinfografia: como se manifesta a visualização sintética no jornalismo pós-industrial - William Robson Cordeiro

LOCAL: SALA DRUMMOND, BLOCO B - CCE

MESA 2: Reportagem e ética jornalística (13-15h)

Mediação: Daisi Vogel e Rogério Christofoletti

- Políticas da escrita e memória na reportagem contemporânea: histórias da ditadura brasileira em livros de jornalistas - Cândida de Oliveira
- Prudência moral nas decisões tomadas por jornalistas - Dairan Paul
- Os direitos animais no jornalismo brasileiro contemporâneo - Daniela Caniçali Martins Pinto
- O método jornalístico a partir da prática de “repórteres especiais” - Magali Moser
- Os poderes de afetação e de revelação do acontecimento na cobertura jornalística da tragédia da Chapecoense - Rafaela Taísa Menin
- Jornalismo vigilante sob vigilância nociva: vulnerabilidades e potencialidades do jornalismo investigativo brasileiro - Ricardo Torres

LOCAL: SALA DRUMMOND, BLOCO B - CCE

MESA 3: Jornalismo Especializado (15h30)

Mediação: Carlos Locatelli e Daiane Bertasso

- Comunicar ciência nas rádios públicas e universitárias: experiências, programas e narrativas jornalísticas em Portugal, Brasil e Espanha - Paulo Roberto Santhias
- A cobertura noticiosa dos temas sobre a Ciência do Espaço Sideral no Brasil e em Portugal - Leoní Serpa
- Adaptações na programação radiojornalística de emissoras de Santa Catarina com a migração AM-FM - Karina Woehl de Farias
- O micromundo dos jornalistas de dados no Brasil: Trajetórias profissionais e construção de identidade - Patrícia Medeiros de Lima
- Jornalismo de Dados: desafios no ensino e mudanças nas práticas profissionais - Mariane Ventura
- Jornalismo e a construção do agronegócio brasileiro - Suelyn Cristina Carneiro da Luz

LOCAL: SALA DRUMMOND, BLOCO B - CCE

MESA 4: Cidadania e minorias (18h30)

Mediação: Terezinha Silva e Jorge Kanehide Ijuí

- Representações sociais dos povos Romani (ciganos) no jornalismo brasileiro - Anaíra Sousa de Moraes Sarmiento
- Percepções sobre cidadania e direitos humanos entre repórteres - Criselli Maria Montipó
- Acessibilidade comunicativa em telejornalismo universitário - Letícia Paola Beiffuss
- Imprensa e a Base de Alcântara: a cobertura jornalística do acordo Brasil - EUA - Marisvaldo Silva Lima
- O jornalismo que interessa aos jovens moradores de periferias - Marli Paulina Vitali
- Jornalismo e pobreza: as vozes das classes populares na reportagem televisiva - Rafael Rangel Winch

QUARTA-FEIRA, 16 DE OUTUBRO

LOCAL: SALA DRUMMOND, BLOCO B - CCE

MESA 5: Teorias do jornalismo, crítica de mídia e valores profissionais (9h)

Mediação: Samuel Lima e Jacques Mick

- Imprensa e educação: a posição editorial dos principais jornais brasileiros a partir da proposta política do movimento Escola Sem Partido - Alexandro Kichileski
- Hegemonia, Jornalismo e conhecimento: possíveis leituras sobre práxis jornalística contra-hegemônica - Clarissa Peixoto
- Notícias autodestrutivas: produção de conteúdo jornalístico na pós-modernidade - Ingrid Pereira de Assis
- Autocrítica jornalística pelo trabalho dos ombudsmans - Juliana de Amorim Rosas
- Jornalismo e democracia no Brasil: uma trajetória de pesquisa - Marcionize Elis Bavaresco
- Complexidades identitárias em Santa Catarina: análise de narrativas de rivalidade entre times catarinenses na mídia esportiva impressa local – Matheus Simões Mello
- Percurso da pesquisa para avaliar a correlação das condições laborais dos jornalistas e a qualidade da informação - Janara Nicoletti

LOCAL: SALA DRUMMOND, BLOCO B - CCE

MESA 6: Jornalismo e práticas pedagógicas (13h)

Mediação: Rita Paulino e Isabel Colucci

- Da pauta ao play: metodologia para desenvolvimento de newsgames como ferramenta jornalística - Carlos Nascimento Marciano
- Contribuições da África para o ensino de Jornalismo: as experiências de Angola, Moçambique e Cabo Verde - Edwin dos Santos Carvalho

- Lacunas em torno da socialização de conhecimentos pelo jornalismo - Janaíne Kronbauer
- Desafios e potencialidades do jornalismo popular em sua relação com a comunicação comunitária - Juliana Freire Bezerra
- O ensino de jornalismo em meio a transformações do ambiente midiático e a novas diretrizes curriculares nacionais - William Ricardo Boessio

LOCAL: SALA DRUMMOND, BLOCO B - CCE

MESA 7: Jornalismo e Gênero (15h30)

Mediação: Carmen Rial e Valentina Nunes

- Quebrando o teto de vidro: como as mulheres jornalistas saem da mídia tradicional e vão experimentar um enfoque de gênero na mídia independente - Andressa Kikuti Dancosky
- Os discursos das revistas feministas online - Gabriela Schander Braga
- Jornalismo feminista em atuação na América Latina - Jéssica Gustafson Costa
- Dimensões de análise da produção radiofônica informativa para o público feminino - Juliana Gobbi Betti
- A construção de representações sociais das candidatas à vice-presidência na campanha eleitoral de 2018 na mídia impressa - Keltryn Wendland

LOCAL: SALA DRUMMOND, BLOCO B - CCE

MESA 8: Rotinas produtivas no jornalismo (18h30)

Mediação: Valci Zuculoto e Flávia Guidotti

- A participação da audiência na produção e distribuição do Jornalismo Transmídia - Ana Carla Pimenta
- Circulação da notícia em redes sociais: um estudo de caso dos oito anos da Folha de S. Paulo no Facebook - César Augusto Rosati
- Valores-notícia incorporados ao jornalismo a partir de sites de redes sociais - Ingrid Cristina dos Santos
- Programação radiojornalística maranhense: alguns resultados da pesquisa de campo - Nayane Cristina Rodrigues de Brito
- Aspectos históricos e inovadores do telejornalismo local catarinense: um estudo de caso do Bom Dia Santa Catarina - Paulo José Mueller
- Reflexões sobre uma pesquisa de campo de corte etnográfico - Silvio da Costa Pereira

APRESENTAÇÃO

Coordenação da Comissão Organizadora

Cárlida Emerim (coordenadora do PPGJOR/UFSC), ***Rita Paulino*** (vice-coordenadora do PPGJOR/UFSC), ***Janaíne Kronbauer e Mariane Ventura*** (representantes dos discentes do PPGJOR/UFSC)

A educação é um dos instrumentos elementares para a melhor condução e o desenvolvimento de um país. Em 2019, porém, a educação no Brasil sofreu reveses inéditos para a grande maioria de estudantes, professores e trabalhadores, principalmente àqueles que vivem e acreditam na formação educacional livre, gratuita e de qualidade. Do ensino fundamental à pós-graduação, concretizou-se um cenário de recrudescimento ainda maior nas instituições públicas de ensino, com a redução drástica de investimentos e cortes de receita, de bolsas e de apoio financeiro a pesquisas e a extensão.

Não obstante a este cenário, é preciso resistir e provar a necessidade e a importância da educação pública e, nesta direção, em 2019, o Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina – PPGJOR/UFSC manteve a realização, com muito esforço e dedicação, da 9ª edição da Jornada Discente, organizada pelos alunos do programa. Prova desta resistência é o fato de que a Jornada ocorreu em meio a uma greve estudantil de pós-graduandos (somada ao movimento iniciado pelos estudantes de graduação da UFSC),

que procurava externar as precariedades enfrentadas pela Universidade em todos os seus pilares, o ensino, a pesquisa e a extensão diante dos cortes e do confisco de verbas essenciais, justamente por quem deveria zelar por ela. E, mais do que isso, demonstrar a necessidade de resistir aos ataques oportunistas e sequenciais lançados sobre as universidades públicas.

A 9ª Jornada Discente do PPGJOR evidenciou que a empatia, a reciprocidade e a ação coletiva organizada são instrumentos de luta para sustentar e revigorar ânimos. Mesmo frente às dificuldades, a edição da Jornada Discente ocorreu entre os dias 14 e 16 de outubro, no Bloco B do CCE-UFSC, reunindo, em diferentes atividades, pós-graduandos de mestrado e de doutorado em Jornalismo assim como professores mediadores, efetivos do programa ou convidados.

O cenário motivou inovar e adaptar, por isso, criou-se uma roda de conversa com alunos ingressantes no Programa, para inaugurar uma forma mais próxima de acolhimento e de troca de experiências. Esta atividade aconteceu no saguão do CCE, um espaço aberto, coletivo e inclusivo. A noite, a palestra de abertura com a Profa. Dra. Marília de Nardin Budó, demonstrou a relação entre jornalismo e direito, discutindo, principalmente, suas narrativas e as formas como elas podem potencializar o trabalho de ambos. Como tradição, desde que se formou a primeira turma de Doutores, a Jornada realiza uma mesa com doutores egressos do último ano no PPGJOR. O evento este ano contou com a presença de Ana Marta M. Flores, Hendry Anderson André e Míriam Santini de Abreu. Nas oito mesas científicas distribuídas nos dois dias sequenciais do evento, a cooperação também foi ingrediente essencial, pois contou com a participação de docentes efetivos e convidados para a mediação das mesas de trabalhos além de muitos discentes que contribuíram participando das equipes responsáveis pela organização da Jornada Discente.

Cada Jornada é um processo de aprendizado para os alunos envolvidos que vai além da apresentação do seu próprio trabalho e da troca de experiências, noções e que resultam em muitas contribuições para o desenvolvimento da pesquisa.

Ao todo, foram apresentadas 47 pesquisas de pós-graduandos, distribuídas nas seguintes mesas: 1 – Tecnologia e Inovações, 2 – Reportagem e ética jornalística, 3 – Jornalismo especializado, 4 – Cidadania e minorias, 5 – Teorias do jornalismo, crítica de mídia e valores profissionais, 6 – Jornalismo e práticas pedagógicas, 7 – Jornalismo e Gênero e, 8 – Rotinas produtivas no jornalismo. Cada uma delas integra temas de estudo das linhas de pesquisa do PPGJOR, que até a data de realização do evento eram duas: Jornalismo, Cultura e Sociedade e Tecnologias, Linguagens e Inovação em Jornalismo. A composição das mesas e suas apresentações foram propostas para convergir e socializar os esforços de pesquisa desenvolvidos pelo corpo discente. Convidamos a todos e todas à usufruírem da leitura a partir dos resumos apresentados na 9ª Jornada Discente bem como desejamos que a próxima Jornada seja executada dentro de um ambiente menos restritivo e mais produtivo para a pós-graduação no Brasil.

Desejamos a todas e a todos, uma excelente leitura!

TECNOLOGIAS E INOVAÇÕES

Reportagem radiofônica: reconstituição do formato na convergência hipermidiática
Arnaldo Zimmermann

Novas tecnologias na produção jornalística: possibilidades de expansão via sistema modular
Frederico S. M. de Carvalho

Sistema de Mediações Algorítmicas: mediação e recepção no contexto das plataformas digitais
Kérley Winqes

Um olhar no jornalismo do futuro a partir da Internet das Coisas (IoT) e Inteligência Artificial (AI): prospecções científicas e os desafios tecnológicos nas redações
Marcelo Barcelos

A construção do conhecimento a partir da produção e desenvolvimento de *newsgames* como prática jornalística
Ricardo Aoki

Hiperinfografia: como se manifesta a visualização sintética no jornalismo pós-industrial
William Robson Cordeiro

Reportagem radiofônica: reconstituição do formato na convergência hipermidiática

Arnaldo Zimmermann¹ – Doutorado

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Valci Regina Mousquer Zuculoto

Linha de Pesquisa: Tecnologias, Linguagens e Inovação no Jornalismo

Palavras-chave: radiojornalismo; rádio; reportagem radiofônica; hipermídia; tecnologia.

Esta pesquisa tem como objeto de estudo a reconfiguração da reportagem radiofônica ao se considerar as transformações nos hábitos de audiência advindas após a introdução do ambiente multimidiático. O cenário atual de convergência sugere que vivemos uma fase de aceleração das tecnologias no radiojornalismo, mais veloz e menos previsível que as anteriores. Dentro deste panorama, parte-se da intenção de sugerir uma configuração do formato reportagem radiofônica que possa ser emitido considerando simultaneamente o ambiente digital e o ambiente das ondas hertzianas. Neste sentido, apontamos também a relevância em estabelecer condições de mutação da reportagem radiofônica que atendam distintos espaços e situações de caráter híbrido.

O problema de pesquisa parte da concepção de que a reportagem hipermidiática no rádio tem se inclinado, até o momento, em reportagens gravadas para o rádio hertziano e depois transpostas para a web, fazendo suas conexões através de tags e alguns hiperlinks nos textos de chamada para o áudio. No entanto, a ordenação dos fatos, o encadeamento entre as partes ou a divisão de blocos informativos devem levar em consideração a intervenção do ouvinte-internauta com roteiros distintos de navegação e com a capacidade de compartilhamento do conteúdo. Com a retomada da cultura do uso da voz a partir do avanço de dispositivos móveis, vislumbra-se uma oportunidade ao meio rádio de reconquistar seu protagonismo nos acontecimentos.

O objetivo geral deste estudo é verificar a reconfiguração existente na estrutura do formato reportagem radiofônica dentro do contexto da nova era tecnológica. A metodologia utiliza o Estudo de Caso Múltiplo como estratégia de pesquisa, tendo como objeto empírico três emissoras de rádio com cobertura nacional operando em rede e três emissoras afiliadas com cobertura local/regional. O corpus é delimitado em trinta reportagens da programação e da versão online das seis emissoras (cinco reportagens em cada emissora). O período selecionado é de cinco dias em uma mesma semana, utilizando uma reportagem por dia por emissora. Nas etapas iniciais da pesquisa, serão selecionadas reportagens veiculadas na programação e seu material correspondente na versão online das emissoras. Na etapa de

análise, serão identificadas alterações no conteúdo e na estrutura entre as reportagens em ambos os ambientes, além das formas de integração dos conteúdos com a mesma temática.

O percurso teórico para a análise passa pelos conceitos de Características do rádio na cobertura jornalística, Entrevista radiofônica, Interação e participação do ouvinte, Reportagem Radiofônica e Hipermídia. Os conceitos teóricos acerca da relação entre reportagem radiofônica e a perspectiva do radiojornalismo hipermidiático partem de autores como Kischinhevsky (2016), Lopez (2010) e Cebrián Herreros (2008). A aproximação é fundamentada a partir das especificidades no conteúdo sonoro e jornalístico (MEDITSCH, 2007) e do estado da arte sobre o conceito de hipermídia e as formas de transposição, adaptação, propagação e engajamento do conteúdo jornalístico para as novas plataformas (CANAVILHAS, 2014; JENKIS, FORD E GREEN, 2014; RECUERO, 2009).

A hipótese inicial é a de que as reportagens radiofônicas são transpostas da programação para a versão online das emissoras sem a adaptação adequada para o ouvinte-internauta e que não oferecem as condições necessárias de navegação e interação com o conteúdo, prejudicando a contextualização dos acontecimentos narrados. Ao final da análise, propõe-se uma formatação base padronizada para a utilização do conteúdo e da estrutura tanto na versão online como nas ondas hertzianas.

Nota

¹O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Referências

CANAVILLAS, João. Hipertextualidade: Novas arquiteturas noticiosas. In: CANAVILLAS, João (org.). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã (PT): Ed. LabCom, 2014, p. 3-24.

CEBRIÁN HERREROS, Mariano. **La radio em Internet: de La ciberradio a las redes sociales y La radio móvil**. Buenos Aires: La Crujiá, 2008.

JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua. **Cultura da Conexão**. São Paulo: Aleph, 2014.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

LOPEZ, Debora Cristina. **Radiojornalismo Hipermidiático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica**. Covilhã, UBI, LabCom, 2010. E-book.

MEDITSCH, Eduardo. **O rádio na era da informação: teoria e técnica do novo radiojornalismo**. 2. ed. rev. Florianópolis: Insular: Ed. UFSC, 2007.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

Novas tecnologias na produção jornalística: possibilidades de expansão via sistema modular

Frederico S. M. de Carvalho¹ – Doutorado

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Rita Paulino

Linha de Pesquisa: Tecnologias, Linguagens e Inovação no Jornalismo

Palavras-chave: sistema de gerenciamento de conteúdo; UX design; usabilidade; processos jornalísticos.

Tradicionalmente, ferramentas de gerenciamento de conteúdo (SGCs) trazem taxonomias e lógicas de arquitetura sustentadas no conhecimento de desenvolvedores com a eficiência sendo posta à frente da funcionalidade e experiência do usuário (UX), obrigando jornalistas a adequarem-se ao modelo. Isso acarreta em uma deficiência na execução da função para a qual os sistemas são propostos (THOMPSON, 2011). Dessa forma, a modernização das redações jornalísticas e adequações dos processos de produção a novas mídias e tecnologias encontram nos sistemas de gerenciamento de conteúdo uma barreira.

Ferramentas da atualidade não acompanham novas tecnologias. Gêneros jornalísticos que são incorporados de forma incipiente nos processos de produção das redações – como jornalismo de base de dados, newsgames, infografias interativas... – não são contemplados adequadamente mesmo nas ferramentas de maior alcance – Wordpress, Drupal, Joomla (BUILTWITH, 2019). Assim, para atingir seus objetivos na produção e difusão jornalística, as redações utilizam dezenas de ferramentas para explorar parte da tecnologia disponível na apresentação, difusão e monetização do produto jornalístico (CARVALHO, 2017). Essas, nem sempre compatíveis, são adequadas forçadamente ou tem seu potencial limitado para que os profissionais obtenham resultados aceitáveis. O que amplia a possibilidade de apresentação de erros, retarda a produção e exige tempo e dedicação de jornalistas e profissionais de tecnologia que poderiam dedicar-se à melhoria de qualidade do produto jornalístico como um todo, caso uma ferramenta mais adequada estivesse disponível.

No Simpósio Georgia Tech's Computation + Journalism, em 2013, os pesquisadores Irfam Essa e Philip Meyer levantaram uma questão ao público de jornalistas e pesquisadores em jornalismo (DIAKOPOULOS, 2013): “Não ensinem as pessoas apenas a usarem ferramentas, ensine-as a criá-las, imagine uma fluência computacional e estética próxima do que seria o melhor texto jornalístico”. Para Diakopoulos, enquanto profissionais da computação preocupam-se com o desenvolvimento de ferramentas mais generalistas, o jornalista que se envolve na produção de ferramentas desenvolveria algo específico às necessidades do profissional.

Empreitadas como a do *New York Times*, *Washington Post* e *Vox Media*, são conhecidas na batalha pelo SGC mais adequado às rotinas dos profissionais, fluxos de trabalho e

monetização do conteúdo jornalístico. Destas, tanto o Arc – *Washington Post* –, quanto o Chorus – *Vox Media* – estão disponíveis para uso por outras empresas via assinatura. Porém, ambas nasceram em território de língua inglesa e foram desenvolvidas com base na realidade norte-americana de produção noticiosa: idioma, hábitos e mesmo de formação dos profissionais.

A dissertação “Sistemas de Gerenciamento de Conteúdo por jornalistas: um modelo adequado às demandas no jornalismo contemporâneo” (CARVALHO, 2017), trouxe luz ao cenário de uso de SGCs por jornalistas de redações de grande porte e independentes, focando na usabilidade das ferramentas e experiência dos usuários-jornalistas na interação com os sistemas. Agora, percebe-se a necessidade de aprofundamento do conteúdo apresentado com o intuito de apresentar um formato adequado não apenas ao jornalista de hoje, mas ao profissional e às tecnologias de amanhã. Assim, para a tese “Novas tecnologias na produção jornalística: possibilidades de expansão via sistema modular”, buscar-se-á trazer quais tendências tecnológicas são incorporadas às redações, como os processos e equipes jornalísticas estão se moldando para receber estas tecnologias e que demandas surgem com estas mudanças.

O conteúdo levantado será utilizado para o desenvolvimento de um projeto modular de SGC cujas características serão desenhadas colaborativamente com parte dos respondentes dos questionários e entrevistas realizadas para levantamento dos dados obtidos. Foco na experiência do usuário (UX Design) e na usabilidade do sistema. Desta forma, pretende-se obter o design de um SGC voltado ao jornalista brasileiro, embasado nas tecnologias globais e preparado para evoluir de acordo com as demandas tecnológicas e processuais do jornalismo.

Nota

¹O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Referências

BUILTWITH. CMS Usage Distribution in the Top 1 Million Sites. 2019. Disponível em: <<https://trends.builtwith.com/cms>>. Acesso em 09 outubro 2019.

CARVALHO, Frederico S. M. de. Sistemas de Gerenciamento de Conteúdo por Jornalistas – Um modelo adequado às demandas no jornalismo contemporâneo. 242 p. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Programa de Pós-graduação em Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

DIAKOPOULOS, Nicholas. Finding Tools Vs. Making Tools: Discovering Common Ground between Computer Science and Journalism. 2013. Disponível em: <<http://www.niemanlab.org/2013/02/finding-tools-vs-making-tools-discovering-common-ground-between-computer-science-and-journalism/>> Acesso em 17 mar 2018

THOMPSON, Matt. 4 Ways Content Management Systems are Evolving and Why It Matters to Journalists. Digital Strategies, Poynter, 2011.

Sistema de Mediações Algorítmicas: mediação e recepção no contexto das plataformas digitais

Kérley Winkes – Doutorado

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Raquel Ritter Longhi

Linha de Pesquisa: Tecnologias, Linguagens e Inovação no Jornalismo

Palavras-chave: jornalismo on-line; algoritmos; mediação; recepção; sistema.

As plataformas digitais e os algoritmos não são somente um meio, mas são mediação. Por suas linguagens, formatos, misturas, modulação e performatividade podem ser vistas como mediadoras institucionalizadas (HJARVARD, 2015). Isso porque, ao adquirir uma posição dominante, elas estruturam a interação dos sujeitos e auxiliam na produção de sentidos. Por isso, para alcançar os entendimentos e construir uma ligação entre os algoritmos e a formação da opinião pública e de uma espiral do silêncio no contexto contemporâneo é preciso compreender como os estudos das mediações culturais auxiliam nas compreensões que versam os objetivos da pesquisa. A elaboração do Mapa do Sistema de Mediações Algorítmicas leva em consideração os quatro mapas noturnos de Martín-Barbeiro, de 1987, 1998, 2010 e 2017, resgatados por Lopes (2018). A autora considera que os mapas barberianos se desprendem, podendo ser apropriados de diferentes formas, direções e densidades. Além disso, a cartografia barberiana é de origem dialética, quer dizer, um mapa não substitui o outro, mas sim se apropria, reinterpreta e acrescenta.

A opção pela palavra sistema está alinhada às considerações feitas por Figaro (2019). Segundo a autora, o conceito recobre um vasto campo de sentidos; com apropriações na biologia, economia, na matemática, na comunicação e assim por diante. Entretanto, embora haja usos particulares em cada área do conhecimento, é primordial considerar que “falar de sistema significa tratar de algo, um conjunto, um todo que se relaciona dentro de uma mesma ordem, ou seja, há uma lógica de relação, cuja lei sintetiza o funcionamento. No caso, trata-se da ordenação das partes em função do todo” (FIGARO, 2019, p. 4). Na comunicação e nas áreas da computação, o termo é eixo central do constructo teórico, onde aparecem outros conceitos: “transmissão, efeito, controle, função, modelo, equilíbrio, matéria, energia, volume, ator rede, entre outros” (FIGARO, 2019, p. 5). A maioria destes princípios servem para explicar o fluxo da informação, as trocas por intermédio dos meios de comunicação e as interfaces de interação com as máquinas.

Nesse sentido, conforme a autora, as mediações se tornaram uma concepção importante para cartografar os modos de relacionamento entre os sujeitos e os meios de comunicação e, por isso, “o conceito de indivíduo/social histórico é mais produtivo para os estudos de recepção, porque permite a compreensão das lutas de classes e como se dá a hegemonia no poder. Nesse desenho teórico, o conceito de sistema é recolocado sob as leis da dialética” (FIGARO, 2019, p. 12). Por essa perspectiva, Figaro (2019) enxerga o sistema como aberto e subordinado ao movimento social e histórico, portanto, as contradições são inerentes à transformação da matéria e colocam em diálogo a natureza e a sociedade. Os interesses que envolvem os grupos hegemônicos e a dependência da regulação e o controle por meio da vigilância colocam a necessidade de o sistema interferir no comportamento social e induzir soluções. É nesse contexto que a autora avalia a pertinência dos estudos de recepção, que podem dar enfoques políticos nas relações que envolvem a comunicação, “para sobrelevar a ação do indivíduo/social e suas condições em se colocar no mundo; bem como de identificar no processo de comunicação como as relações de produção intensificam as disputas pela hegemonia” (FIGARO, 2019, p. 13).

Por isso, a cartografia barberiana, a partir de seus eixos sincrônicos e diacrônicos, é fundamental para pensar o sistema de mediações que tem na máquina e nos algoritmos um papel importante no movimento que envolve pensar o sujeito/social histórico. Figaro (2019) compreende que o conceito de sistema é fundamental para compreender os sistemas digitais como artefatos da cultura. Feita essa explanação, o Mapa do Sistema de Mediação Algorítmicas possui como mediações básicas: a) no eixo vertical: institucionalidade e tecnicidade; b) e no horizontal: temporalidades e fluxos. Como eixos de submediações aparecem: narrativas, algoritmos, socialidade e cidadania.

Referências

FIGARO, Roseli. Estudos de recepção no contexto do big data como sistema de controle. In: **Anais do XXVIII ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS**. Porto Alegre, 2019. Disponível em: <http://abre.ai/6I3>. Acesso em: 17 de jul. de 2019.

HJARVARD, Stig. Da mediação à midiatização: a institucionalização das novas mídias. **Parágrafo**, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 51-62, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/2Ka3MUI>. Acesso em: 18 de jul. de 2019.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. A teoria barberiana da comunicação. **MATRIZES**, v. 12, n. 1, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2K2GVvk>. Acesso em: 28 de jun. de 2019.

Um olhar no jornalismo do futuro a partir da Internet das Coisas (IoT) e Inteligência Artificial (AI): prospecções científicas e os desafios tecnológicos nas redações

Marcelo Barcelos¹ – Doutorado

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rita Paulino

Linha de Pesquisa: Tecnologias, Linguagens e Inovação no Jornalismo

Palavras-chave: Jornalismo; Internet das Coisas; Inteligência Artificial; Estudos do Futuro; Prospectiva Estratégica.

A pesquisa de doutorado, em fase de finalização, apresenta prospecções científicas e um retrato sobre redações jornalísticas se atualizam sobre o futuro do jornalismo, baseada em investigação de narrativas noticiosas produzidas, automatizadas e veiculadas em dispositivos e suportes da Internet das Coisas (IoT) e Inteligência Artificial (AI). A partir disso, o autor ensaia um arranjo inédito enquadrado como Jornalismo das Coisas. Nesta pesquisa sob a abordagem dos Estudos do Futuro, onde, muito em breve, tudo poderá ser conectado, pareado e midiaticado. De modo particular e universal, investiga-se formatos, dispositivos e linguagens embutidos em objetos inteligentes (robôs, sistemas autônomos e assistentes virtuais), até então não entendidos como suporte/meio jornalístico, como carros conectados, casas inteligentes e agência por automação de voz sintética.

O objetivo geral é definir potencialidades para o jornalismo, explorando tecnologias exponenciais na *smart city* (cidade inteligente), em busca de resposta para a pergunta da pesquisa: “Se o Jornalismo das Coisas pode ser um novo arranjo jornalístico, qual é sua identidade?”. Assim, o problema desta pesquisa está centrado em “Quais produtos, dispositivos e telas – entendidos como coisas cognificáveis e/ou objetos inteligentes – derivados da IoT e AI – que se adaptam e se prestam para publicação, distribuição e consumo de material jornalístico?”. E, nesse sentido, o que nos permite determinar a constituição deste novo arranjo, configurando uma fase além e mais avançada do Jornalismo Ubíquo. Optamos definir e defender que temos um novo cenário relevante sob o argumento de que o Jornalismo das Coisas reúne expressão técnica, formato e linguagem exclusivos.

Neste sentido, a tese discute uma conceituação da Internet das Coisas (Lemos, 2015) e Inteligência Artificial (Lindén, 2018) apropriada pelo jornalismo a partir de uma categorização baseada em *affordances* – (qualidades que fazem um objeto convidar o usuário a uma

ação), ubiquidade e design de interface (Paulino, 2015). Como procedimento metodológico inicial, o estudo adota método hipotético dedutivo e descritivo para revisar conteúdos em objetos inteligentes e narrativas autônomas, veiculados em relógios inteligentes, assistentes virtuais e sistemas de produção/redação automática de informação jornalística em características como 1) ubiquidade, 2) tipo de agência (voz ou toque), 3) affordances – o potencial que um objeto desperta no usuário para realizar uma ação.

Como segunda ferramenta metodológica, aplicamos a perspectiva estratégica a prospectiva estratégica de Michel Godet (2008) para levantar indícios de futuro, na forma de cenários, junto a pesquisadores no Brasil, EUA e Europa, por meio de entrevistas em profundidade, presenciais, por email e Skype, realizadas entre novembro de 2018 e abril de 2019. Por fim, executamos a perspectiva dentro das redações de *Zero Hora* e *O Globo*, com aplicação de formulário eletrônico individualizado, para conhecer como os jornalistas das duas marcas referenciais se preparam para a Internet das Coisas (IoT) e Inteligência Artificial (AI).

Nota

¹O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Referências

- ANDERSON, C. W.; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. Jornalismo Pós-Industrial: adaptação aos novos tempos. **Revista de Jornalismo ESPM**, abril-junho de 2013, p. 30-89.
- ASIMOV, Isaac. **Eu, Robô**. São Paulo: Aleph, 2015.
- DORR, K. N. Mapping the field of algorithmic journalism. **Digital Journalism**, v. 4, n. 6, p. 700-722, 2016.
- GODET, M. DURANCE, P. DIAS, Julio. **A prospectiva estratégica para as empresas e os territórios**. IEESF: Lisboa, 2008.
- LEMONS, André; PASTOR, Leonardo. Internet das coisas, automatismo e fotografia: uma análise pela Teoria Ator-Rede. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 1016-1040, set./dez. 2015. p. 1016 - 1040.
- LINDEN, Carl-Gustav. Algoritmos para Jornalismo: o futuro da produção de notícias. 2018. **Revista Líbero**. v. 21, n. 41, 2018.
- SADIN, Eric. **La vie algorithmique: Critique de l'raison numérique**. Paris: L'échappée, 2015, p. 107.
- SANTOS, Márcio Carneiro. Comunicação **Digital e Jornalismo de Inserção**. Como big data, inteligência artificial, realidade aumentada e internet das coisas estão mudando a produção de conteúdo informativo. São Luiz: LABCOM DIGITAL, 2016.
- PAULINO, R. C. R. Revistas Digitais: uma abordagem sóciotecnológica de um sistema hipermídia para tablets. In: **XII Encontro Nacional dos Pesquisadores em Jornalismo 2015**. X Encontro Nacional dos Pesquisadores em Jornalismo. Brasília: Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, 2015.

A construção do conhecimento a partir da produção e desenvolvimento de *newsgames* como prática jornalística

Ricardo Aoki¹ – Doutorado

Orientador: Prof^o. Dr^a. Rita Paulino

Linha de Pesquisa: Tecnologias, Linguagens e Inovação no Jornalismo

Palavras-chave: newsgames; prática jornalística; ciberjornalismo.

A pesquisa tem por objetivo demonstrar que a conceitualização e desenvolvimento de jogos digitais no formato de *newsgames* pode ser considerada uma prática jornalística geradora de conhecimento, o que requer capacitação do jornalista no domínio de técnicas computacionais e conceituais necessárias para a produção desse tipo de mídia digital. Para tal demonstração, em 2018, a disciplina Questões empíricas e aplicadas na Pesquisa em Jornalismo do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPGJor) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) aplicou uma metodologia de aprendizado da produção de *newsgames* com uma turma de 20 alunos. A área dos Jogos Digitais é considerada uma das mais promissoras no mercado mundial e sua aproximação com o Jornalismo necessita de entendimentos quando eles são produzidos no formato de *newsgames*.

Nos últimos 20 anos, a pesquisa em Jornalismo tem focado em entender a organização das instituições jornalísticas, em especial no que tange à busca de compreensão sobre os impactos dos meios digitais e do ciberjornalismo nas práticas que cercam a tribo jornalística (SALAVERRIA, 2019). Nesse período, apesar de existir uma boa produção científica sobre os *newsgames*, houve períodos de esquecimento total e ainda existem dúvidas sobre a produção desse tipo de mídia como uma prática jornalística (AOKI, 2018). A ideia da disciplina é fundamentar uma análise crítica sobre o estereótipo dos jogos digitais como mero entretenimento e, assim, propor uma quebra de paradigma relacionada ao uso desses produtos multimídia como potenciais itens inovadores na prática do Jornalismo. Os alunos foram apresentados aos métodos de análise e desenvolvimento de *newsgames*, partindo inicialmente da ideia de notícia como jogo e em seguida transformá-la em um modelo conceitual por meio da escrita de um *Game Design Document* (GDD) (MARCIANO, 2018).

Os 20 participantes foram divididos em quatro grupos que deveriam produzir um *news-game*. Cada grupo teve quatro funções propostas sendo: Conteúdo, Redator, Audiovisual e

Programador. A tarefa foi produzir um GDD com as informações que deveriam constar no jogo. Respectivamente, os grupos de um a quatro produziram os seguintes jogos: “SOS Herólio”, “Metete a colher”, “Fact-checking – O jogo” e “Quando as regras vêm”. A dinâmica da disciplina demonstrou que os jornalistas têm grande capacidade de absorver novos conhecimentos. Quase metade dos 20 participantes mencionou possuir algum tipo de conhecimento em lógica e linguagem de programação. Fato que facilitou a produção dos *newsgames* desenvolvidos. Deuze (2005) analisa que existe uma distância entre o que acontece no campo profissional e o que é ensinado no campo educacional no Jornalismo. É provável que o campo profissional já exija algum tipo de capacitação computacional dos jornalistas além das básicas como domínio de editores de texto.

Quatorze participantes avaliaram, por meio de um questionário, que o aprendizado oferecido na disciplina contribuiu de alguma forma para a geração de conhecimento pessoal e que, provavelmente, esse aprendizado será utilizado no exercício da profissão. Os resultados demonstram que a formação dos jornalistas apresenta um embasamento multidisciplinar fundamental para desenvolver mais de uma capacidade na produção de uma notícia. Foi possível verificar que jornalistas são capazes de desenvolver jogos digitais sem a necessidade de intervenção de uma equipe de T.I. Apesar dos cursos de Jornalismo não terem disciplinas técnicas aprofundadas em linguagem de programação, percebe-se que os profissionais buscam construir esse conhecimento para o desenvolvimento de suas carreiras. Em pesquisa futura tentará se identificar as capacidades tecnológicas necessárias e não oferecidas nos cursos de jornalismo para formação profissional em tempos gamificados.

Nota

¹O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Referências

AOKI, R. L.. Aprendizagem baseada em jogos digitais para o ensino de Redação Jornalística: um estudo de caso da narrativa digital aplicada no *newsgame* Aprendendo Jornalismo. 2018. 201 f. **Dissertação** (Mestrado) - Programa de Pós Graduação em Tecnologias da Informação e Comunicação, Universidade Federal de Santa Catarina, Araranguá, 2018.

DEUZE, M.. What is journalism?: Professional identity and ideology of journalists reconsidered. **Journalism**, [s.l.], v. 6, n. 4, p.442-464, nov. 2005. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1177/1464884905056815>.

MARCIANO, C. N.. Da pauta ao play: proposta de GDD para o desenvolvimento de *newsgames*. In: **Anais do 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor)**, 2018, São Paulo. Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo FIAM-FAAM / Novembro de 2018. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2018.

SALAVERRÍA, R.. Digital journalism: 25 years of research. Review article. **El Profesional de La Información**, [s.l.], v. 28, n. 1, p.1-26, 19 jan. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.3145/epi.2019.ene.01>.

Hiperinfografia: como se manifesta a visualização sintética no jornalismo pós-industrial

William Robson Cordeiro¹ – Doutorado

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Raquel Ritter Longhi

Linha de Pesquisa: Tecnologias, Linguagens e Inovação no Jornalismo

Palavras-chave: Hiperinfografia; visualização sintética; Jornalismo; Infografia.

A pesquisa se propõe a construir conceitualmente e trabalhar com uma nova categoria evolutiva, que estamos denominando *a priori* de Hiperinfografia. Apontar experimentações que surgiram historicamente, para que se entenda a natureza dos três estágios evolutivos dos gêneros (SANCHO, 2001; RODRIGUES, 2009; AMARAL, 2010; TEIXEIRA, 2010; CORDEIRO, 2013) a partir de um levantamento diacrônico, até o momento atual, que afeta mais fortemente formatos, produtores e usuários. Estes últimos, colocados diante de uma participação cada vez mais efetiva perante as potencialidades de imersão.

Tal contexto se coloca em um provável quarto estágio dos infográficos, que abarca estes novos exemplos de caráter imersivo ou mesmo desemboca numa estrutura em comum, que congrega a visualização da notícia (apresentação) e a visualidade da notícia (estética) – distinções observadas por Valero Sancho (2012). É desse olhar que estamos partindo para além desses estágios e, assim, propor uma visão cuidadosa na gama de infografias com altas capacidades expressivas no jornalismo.

A Hiperinfografia poderia ser classificada como modelos autônomos ou conjunto de modelos de infográficos autônomos de alta capacidade expressiva e imersiva, disponíveis no ambiente hipermidiático (LONGHI; CORDEIRO, 2018). O prefixo “Hiper” pode ser atribuído à “grandeza” e, do mesmo modo, ao ambiente. Caracteriza-se em suas manifestações complexas na hipermídia e se materializa em formatos mais sofisticados em termos de visualização sintética.

Procuramos, assim, estabelecer quatro aspectos que consideramos importantes para entender este fenômeno: *a priori*, o contexto do jornalismo pós-industrial (ANDERSON, BELL, SHIRKY, 2013), que pressupõe novas formas de produção, novos formatos, práticas jornalísticas, de consumo e novas narrativas. O segundo ponto demarca os estágios evolutivos da infografia no jornalismo. Se as pesquisas acadêmicas até então trabalharam em três, propomos adentrar em um quarto momento, em que novas experimentações hipermidiáticas são possíveis. O terceiro ponto são as novas narrativas, as novas formas de contar as novidades, as notícias, princípio básico do jornalismo. A hiperinfografia é uma delas e instiga atenção especial. E, por fim, o quarto ponto engloba as seis categorias levantadas para identificar a hiperinfografia.

As seis categorias são: síntese (imagem realisticamente construída com intenção de relatar algo (SANCHO, 2012, p 18)); interação (a capacidade de participação do usuário no ambiente do hiperinfográfico); autonomia (não necessita complementar reportagens, tem caráter principal e substituto sob qualquer outro gênero jornalístico); hipermídia (o hiperinfográfico apenas se materializa na hipermídia, ambiente que permite a hibridização de linguagens); recursos expressivos - visualidade estética (apelo visual estético, com finalidade de atrair o usuário); sincronia: (necessita agrupar todos os seus infogramas de modo que “conversem” no mesmo ambiente).

Os modelos de natureza imersiva, ubicativa, 3D, 4D, *newsgames*, ultrapassam os paradigmas clássicos da infografia, a exemplo dos comparativos, os fluxogramas e as anamorfoses, entre outros, profundamente utilizados pelo jornalismo.

Para operacionalizar a pesquisa, combinamos métodos que implicam revisão bibliográfica para o levantamento diacrônico, recolha de exemplos de hiperinfográficos, estudos de casos múltiplos (YIN, 2001) e estrutura que construímos, denominada de Matriz de Análise Hiperinfográfica.

Nota

¹É integrante do Grupo de Pesquisa Nephi-Jor. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Referências

- AMARAL, R. C. G. Infográfico Jornalístico de Terceira Geração: Análise do Uso da Multimídia na Infografia. Florianópolis. 2010. **Dissertação** (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- ANDERSON, C. W.; BELL, E.; SHIRKY, C. Jornalismo Pós-Industrial: adaptação aos novos tempos. **Revista de Jornalismo ESPM**, São Paulo. Editora ESPM. p.30-89, abr./jun. 2013.
- CORDEIRO, W. R. **Infografia Interativa na Redação** – O Exemplo do Diário do Nordeste. Mossoró, RN. Sarau das Letras. 2013.
- LONGHI, R. R.; CORDEIRO, W. R. No jornalismo imersivo, o infográfico é hiper. **Líbero**, São Paulo, v. 42, n. 21, p.159-174. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3456bsZ>. Acesso em: 02 dez. 2018.
- RODRIGUES, A. A. Infografia Interativa em Base de Dados no Jornalismo Digital. Salvador. 2009. **Dissertação** (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia.
- SANCHO, J. L. V. **Infografia Digital**. La visualización Sintética. Barcelona: Bosch, 2012.
- SANCHO, J. L. V. **La Infografia: Técnicas, Análisis y Usos Periodísticos**. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona, 2001.
- TEIXEIRA, T. **Infografia e Jornalismo** – Conceito, análises e perspectivas. Salvador: EDUFBA, 2010.
- YIN, R. K. **Estudo de Caso** – Planejamento e Métodos. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

REPORTAGEM E ÉTICA JORNALÍSTICA

Políticas da escrita e memória na reportagem contemporânea: histórias da ditadura brasileira em livros de jornalistas

Cândida de Oliveira

Prudência moral nas decisões tomadas por jornalistas

Dairan Paul

Os direitos animais no jornalismo brasileiro contemporâneo

Daniela Caniçali Martins Pinto

O método jornalístico a partir da prática de “repórteres especiais”

Magali Moser

Os poderes de afetação e de revelação do acontecimento na cobertura jornalística da tragédia da Chapecoense

Rafaela Taísa Menin

Jornalismo vigilante sob vigilância nociva: vulnerabilidades e potencialidades do jornalismo investigativo brasileiro

Ricardo Torres

Políticas da escrita e memória na reportagem contemporânea: histórias da ditadura brasileira em livros de jornalistas

Cândida de Oliveira¹ – Doutorado

Orientador: Prof. Dr. Jorge Kanehide Ijuim

Linha de Pesquisa: Jornalismo, Cultura e Sociedade

Palavras-chave: Jornalismo e sociedade; narrativa; memória; ditadura brasileira; Livro de reportagem.

A pesquisa investiga a construção narrativa e a mobilização de discursos e saberes acerca da memória na escrita da reportagem contemporânea sobre fatos da ditadura brasileira. O foco de questionamento incide sobre a relação entre subjetividade e linguagem e temas relacionados à configuração da experiência no embate com a memória. A hipótese é que os modos de narrar e a articulação da noção de memória constituem, nessas reportagens, práticas de escrita que ensejam novos modos de sentir e induzem a novas formas de subjetivação política (RANCIÈRE, 2009). A definição do objeto empírico leva em conta estudos sobre o aumento da produção de livros por jornalistas, perquirindo a hipótese de uma eventual virada autoral no jornalismo (BASTIN; RINGOOT, 2015). Considera, ainda, o contexto de intensos debates sobre o período ditatorial (1964-1985), estimulados no atual cenário brasileiro, em certa medida, por processos e políticas de memória que inserem, desde a primeira década do novo século, o passado recente na agenda pública do país. Nesse sentido, analisam-se os textos de reportagens em livros que abordam lutas e resistências à ditadura brasileira. Essa temática alinha-se, pode-se dizer, às reivindicações e movimentos que buscam o reconhecimento e a responsabilização das violações de direitos humanos ocorridas naquela época.

O referencial teórico-metodológico interdisciplinar permite compreender o jornalismo como um fenômeno cultural resultante de práticas discursivas e não discursivas, que atua e se manifesta na experiência e se constitui em articulação com outras práticas, discursos e saberes. As relações históricas e conceituais entre o jornalismo e a literatura – explícitas, por exemplo, nos campos textuais do Novo Jornalismo (WOLFE, 2005) e do romance-reportagem (COSSON, 2005), paradigmas dos atuais livros-reportagem (FERREIRA, 2003) – alimenta o debate sobre alguns tensionamentos e paradoxos que se encontram nas bases da atividade jornalística, como a discussão sobre o real e o ficcional na narrativa jornalística. O termo “políticas da escrita”, de Rancière (1995), sintetiza uma questão calcada no entendimento de que a escrita tem implicações políticas; ela própria é política. A escrita é política,

9ª Jornada Discente | PPGJOR-UFSC

no entanto, não por ser instrumento de poder ou via oficial de saber, mas por pertencer à “constituição estética” de uma sociedade². A escrita é, portanto, prática política e, como tal, sempre atravessada por uma dimensão estética, já que a política, assim como a arte, é fundada sobre o mundo sensível.

Ao ampliar seu pensamento sobre as relações entre a estética e a política, Rancière (2009) as entende como maneiras de organizar o sensível, de tornar os acontecimentos visíveis e inteligíveis. A noção de escrita como ato ou espaço político reúne autores como Walter Benjamin, Jacques Rancière e Georges Didi-Huberman, entre outros, como interlocutores das discussões propostas. Suas abordagens sobre a história e a literatura contribuem para pensar e problematizar os conceitos de narrativa, memória e acontecimento. O desdobramento da questão política para pensar o jornalismo e a atenção aos entrelaçamentos discursivos que constituem suas práticas é o que fundamenta, nesta pesquisa, a discussão sobre a dimensão estética e política de uma escrita que se pode chamar literário-jornalística, dando-se ênfase aos seus modos de dizer, articular a memória e atuar na configuração do sensível.

Notas

¹O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

²A configuração estética pode ser entendida a partir do conceito de “partilha do sensível” (RANCIÈRE, 1995; 2009), o modo como se dá: as relações entre modos do fazer, modos do dizer e modos do ser; as relações entre os corpos, distribuídos de acordo com as atribuições e finalidades, e a circulação do sentido; as relações entre a ordem do visível e a ordem do dizível.

Referências

BASTIN, Gilles; RINGOOT, Roselyne. Os livros de jornalistas: uma virada autoral no jornalismo? In: MOURA, Dione Oliveira; PEREIRA, Fábio Henrique; ADGHIRNI, Zélia Leal. **Mudanças e permanências do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2015. p.193-215.

COSSON, Rildo. Romance-reportagem: o império contaminado. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. 2. ed. São Paulo: Escrituras Editora, 2005. p. 57-70.

FERREIRA, Carlos Rogé. **Literatura e Jornalismo, práticas políticas: discurso e contradiscursos, o Novo Jornalismo, o romance-reportagem e os livros-reportagem**. São Paulo: Edusp, 2003.

RANCIÈRE. **A partilha do sensível: estética e política**. Tradução de Mônica Costa Netto. 2. ed. São Paulo: EXO experimental org.; Editora 34, 2009.

RANCIÈRE, Jacques. **Políticas da escrita**. Tradução de Raquel Ramallete *et al.* Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e O Novo Jornalismo**. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Prudência moral nas decisões tomadas por jornalistas

Dairan Paul¹ – Doutorado

Orientador: Prof. Dr. Rogério Christofolletti

Linha de Pesquisa: Jornalismo, Cultura e Sociedade

Palavras-chave: ética jornalística; deontologia do jornalismo; ética das virtudes; desenvolvimento moral; *phrônesis*.

Enquanto agentes morais, jornalistas tomam decisões valorativas constantemente. Para Donsbach (2004), elas ocorrem sob a implicação de quatro fatores: pressão do tempo; pressão da competição; falta de critérios objetivos para a sua avaliação; alta visibilidade pública, quando transformadas em matérias. Com base em aportes teóricos da Psicologia, o autor também observa que as decisões tomadas por jornalistas são atravessadas por dois fatores: a estabilização de pré-disposições cognitivas e a validação social dos julgamentos pelos colegas de profissão.

Diante desse quadro, consideramos que o jornalismo carrega consigo uma responsabilidade epistêmica. Concordamos com a filósofa Lorraine Code (1984) que epistemologia e moral estão entrelaçadas, de modo que o conhecimento social resultante da prática jornalística é um processo cognitivo permeado por valores.

Na vertente dos estudos psicológicos sobre desenvolvimento moral, Lawrence Kohlberg (1992) aponta que o estágio mais avançado dos sujeitos, em suas argumentações éticas, é o pós-convencional. É quando eles desobedecem regras e exercitam sua imaginação autônoma na busca por outros valores. Tal patamar, que corresponde a decisões éticas complexas, é encontrado principalmente em iniciativas de jornalismo comunitário, segundo uma *survey* aplicada por Wilkins e Coleman (2005), a partir de instrumentos metodológicos da Psicologia. A empatia também é entendida como um mecanismo que complexifica essa tomada de decisão, ao situar o jornalista no lugar de sua fonte e permitir que este “suspenda” seu julgamento moral.

A partir dessas contribuições, a pesquisa compreende que o conceito aristotélico de *phrônesis* corresponde a um exercício virtuoso da responsabilidade epistêmica. A noção diz respeito à virtude da prudência nos julgamentos morais e está materializada, segundo nossa hipótese, em três valores: escuta, cuidado e empatia.

Objetivamente, a pesquisa busca aferir se e em quais condições jornalistas “desobede-

cem” regras, potencializando uma criação imaginativa de valores no jornalismo.

Não se pressupõe, necessariamente, que há “novos” valores, mas talvez um reforço, por exemplo, do que Cláudia Lago (2003) denomina como *ethos* romântico do jornalismo. Nesse sentido, o jornalismo é visto como uma causa, e a ética jornalística, por sua vez, como uma prática radical e ativista (WARD, 2015). A partir disso, questionamos: quais são as condições necessárias para o exercício da *phrônesis* no jornalismo?

Em relação aos aspectos metodológicos, a pesquisa se vale de uma abordagem etnográfica e pretende realizar uma imersão no cotidiano de jornalistas, a fim de acompanhar suas tomadas de decisão rotineiras. Tem-se, como hipótese, que os valores da *phrônesis* estão expressos principalmente em iniciativas autodenominadas como jornalismo alternativo, devido a sua própria fundamentação moral (HARCUP, 2015), em oposição à imprensa *mainstream*. O objeto empírico, ainda não definido, deve contemplar tais veículos.

Nota

¹O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Integrante do Observatório da Ética Jornalística (ObjETHOS).

Referências

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Martin Claret, 2007.

CODE, Lorraine. Toward a ‘responsibilist’ epistemology. **Philosophy and phenomenological research**, v. 45, n. 1, 1984.

DONSBACH, Wolfgang. Psychology of news decisions: factors behind journalists’ professional behavior. **Journalism**, v. 5, n. 2, p. 131-157, 2004.

HARCUP, Tony. Voice to the voiceless: the practices and ethics of alternative journalism. In: ATTON, C. (ed.). **The Routledge Companion to alternative and community media**. Routledge: New York, pp. 313-323, 2015.

KINSELLA, Elizabeth; PITMAN, Alan. Engaging phronesis in professional practice and education. In: KINSELLA, Elizabeth; PITMAN, Allan (ed.). **Phronesis as professional knowledge: practical wisdom in the professions**. Rotterdam: Sense Publishers, 2012.

KOHLBERG, Lawrence. **Psicologia del desarrollo moral**. Bilbao: Editorial Desclée de Brower, 1992.

LAGO, Cláudia. De romântico e de louco... reflexões sobre o romantismo jornalístico. **Anais do XII Encontro Anual da Compós**. Recife: UFPE/Compós, 2003.

QUINN, Aaron. **Virtue ethics and professional journalism**. California: Springer, 2018.

WARD, Stephen. **Radical media ethics: a global approach**. Chichester: Wiley-Blackwell, 2015.

WILKINS, Lee; COLEMAN, Renita. **The moral media: how journalists reason about ethics**. Mahwah: Lawrence Erlbaum, 2005.

Os direitos animais no jornalismo brasileiro contemporâneo

Daniela Caniçali Martins Pinto – Doutorado

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Daisi Vogel

Linha de Pesquisa: Jornalismo, Cultura e Sociedade

Palavras-chave: direitos animais; especismo; jornalismo; reportagem.

Desde os primórdios da história do pensamento humano há registros de vozes que defenderam a pertinência e relevância de incluir as demais espécies sencientes em nossa esfera de consideração moral. Portanto, mesmo que tenha levado algum tempo para se constituir como “movimento”, pode-se dizer que os fundamentos argumentativos dos direitos animais existem desde que existe o pensamento racional. No Oriente, o respeito pelos animais se fez presente de forma mais abrangente, sobretudo pela ideia de “ahimsa” (não violência), que está no cerne de muitas religiões orientais, como o hinduísmo e o budismo. No Ocidente, entretanto, essa reflexão esteve, a maior parte do tempo, restrita aos círculos de intelectuais e ativistas que se propuseram a pensar e agir em prol das demais espécies. Isso se deve igualmente em virtude das religiões predominantes, essencialmente cristãs e apoiadas na Bíblia, e, mais tarde, à hegemonia do pensamento cartesiano e às concepções filosóficas e “científicas” de que animais não são seres com valor intrínseco, mas sim “coisas”, “instrumentos”. Logo, não possuem um fim em si mesmo, existindo apenas para servir a nós, humanos.

Observa-se que, nas últimas décadas, a discussão sobre direitos animais tem extrapolado os limites do ativismo e da academia, ocupando gradualmente um espaço maior e mais significativo na esfera pública. O processo de disseminação de ideias não-hegemônicas para além dos campos sociais mais herméticos perpassa, inevitavelmente, o jornalismo. Nas mais diversas áreas de conhecimento, a atividade jornalística exerce um papel fundamental ao tornar acessíveis e difundir pensamentos heterodoxos. Esse processo é necessário para viabilizar a emancipação coletiva e as transformações das estruturas vigentes, de modo a garantir modos de vida (cada vez mais) justos e democráticos. É válido observar, portanto, se e como o jornalismo contemporâneo exerce seu potencial emancipatório, contribuindo para impulsionar mudanças de paradigmas.

Isto posto, esta pesquisa visa averiguar a atuação do jornalismo no âmbito específico da noção de direitos animais. A partir da análise de reportagens publicadas em veículos brasileiros ao longo da última década, busca-se verificar se e como estão presentes ideias que questionam o pensamento dominante e a moral vigente. A seleção do corpus deteve-se nos

textos que abordam o tema de forma direta ou que evidenciam questões éticas envolvendo o tratamento destinado a animais. A intenção foi voltar o olhar não para qualquer matéria que versasse sobre animais – pois estas são abundantes e, previsivelmente, em conformidade à ideologia corrente –, mas para reportagens com potencial para apresentar outras perspectivas.

A metodologia foi inspirada no caminho percorrido por Edward Said em *Orientalismo* (2007) e *Cultura e imperialismo* (2011). Said investiga, no primeiro livro, como certos textos ocidentais foram responsáveis por construir e consolidar uma concepção errônea, deturpada e preconceituosa do Oriente e dos orientais. No segundo, o autor se volta à literatura do século XIX para demonstrar como obras consagradas e, aparentemente, “inofensivas” em termos de conteúdos políticos, sustentaram uma cultura imperialista que perdura até os tempos atuais. O autor procurava identificar, em cada caso, os alicerces que fundamentaram os pares de opostos Oriente/Ocidente, império/colônia, com suas respectivas relações hierárquicas e de submissão. Neste estudo, o que se busca constatar nos textos escolhidos é a presença ou ausência de perspectivas críticas ao especismo – análogo ao racismo e ao sexismo, o especismo baseia-se na concepção de que determinado grupo (no caso, humanos), por ser “superior” a outro (animais), teria a prerrogativa para explorá-lo, sacrificá-lo etc.

O primeiro capítulo apresenta uma breve história do pensamento ocidental sobre direitos animais, iniciando com Pitágoras e os filósofos pré-socráticos, passando por Plutarco, Porfírio, Montaigne, Jeremy Bentham, Schopenhauer e outros, até os mais recentes como Peter Singer, Tom Regan, Steven Wise e Gary Francione. Para além do âmbito filosófico e acadêmico, também foram consideradas outras formas de expressão cultural – como a literatura e o documentário – que são igualmente importantes para a desconstrução de ideias especistas. O segundo capítulo analisa o corpus selecionado, sem perder de vista o panorama em que este se insere, buscando compreender em que medida as reportagens são permeáveis ou não à reflexão sobre direitos animais, colaborando para manter ou subverter o status quo. O terceiro e último capítulo desenvolve uma reflexão sobre o potencial do jornalismo (e sua efetivação) para questionar o que, de tempos em tempos, é considerado “natural”, “normal”, “correto”.

Referências

- SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- SAID, Edward W. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

O método jornalístico a partir da prática de “repórteres especiais”

Magali Moser¹ – Doutorado

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Meditsch

Linha de Pesquisa: Jornalismo, Cultura e Sociedade

Palavras-chave: Jornalismo interpretativo; metodologia da reportagem; epistemologia do Jornalismo; repórteres especiais.

Reportagem é um termo de ambiguidades e significados polissêmicos no campo jornalístico. Assume pelo menos três atribuições distintas: como processo de investigação, departamento de redações e estilo de texto (LAGE, 2001; PONTES, 2015). A ação de checagem, entrevista e apuração recebe essa denominação, tanto que as equipes de emissoras de televisão, por exemplo, costumam ser chamadas de “equipe de reportagem”. A palavra também é concebida como gênero, com maior possibilidade de análise, contexto e interpretação, em detrimento da notícia. Reconhecida pela centralidade alcançada na prática do jornalismo, a reportagem carece de um embasamento teórico. Em todo o mundo é muito estudada como gênero jornalístico, como no Brasil, onde diversos autores publicaram livros sobre o tema (BELTRÃO, 1976; LAGE, 2001; MARQUES DE MELO, 1985; CHAPARRO, 2008; ERBOLATO, 1991; ASSIS, 2010). No entanto, como método, ainda há poucos estudos.

Esta pesquisa tem como objeto de estudo uma das práticas que caracterizam o fazer jornalístico, mas carece de referenciais teóricos e discussão sobre seus processos: a reportagem como método. O objetivo é compreender o processo de produção e a metodologia envolvida na reportagem a partir de cada uma de suas etapas: da pauta à apuração propriamente dita, incluindo a narrativa levada ao público. O estudo se volta para a compreensão das dimensões (cognitiva e técnica) do conhecimento tácito acumulado por “repórteres especiais”, geralmente traduzido como *insights* pessoais, intuições, palpites, inspirações e percepções consideradas “naturais” (NONAKA, TAKEUCHI, 2008). Para tanto, o objeto empírico do trabalho se concentra no tensionamento das práticas de repórteres com passagem por plataformas diversas, reconhecimento nacional e amplo prestígio entre o público e o campo acadêmico e profissional.

No jornalismo, as noções de aprendizado e da própria experiência na prática são recorrentes, assim como “os saberes que circulam nas redações” (MAROCCO, 2016). Parto do pressuposto de que existe um método jornalístico (SPONHOLZ, 2009) e de que a reportagem é a metodologia do jornalismo (OSÓRIO VARGAS, 2017).

A prática jornalística, assim como sua reflexão teórica, parece apontar para um consenso de que cada investigação jornalística requer uma metodologia específica e, portanto, de acordo com as necessidades de cada situação. Ou que o método de apuração é resultado de uma prática muito pessoal ou idiossincrática. No entanto, a intenção é compreender os processos que se repetem na produção da reportagem e indicam um possível método jornalístico da reportagem. Método é compreendido aqui no sentido de caminho percorrido a fim de atingir um dado objetivo. Com certa margem de previsibilidade, de protocolos, de atos a serem obrigatoriamente realizados e percorridos/preenchidos. Não nos interessa enquadrar a metodologia da reportagem num sistema fechado, nem fazer dela um manual. Embora a partir da proposta se possa atingir uma discussão de procedimentos mínimos para sua realização dentro de um parâmetro profissional.

Nota

¹Bolsista Fapesc.

Referências

- ASSIS, Francisco. Fundamentos para a compreensão dos gêneros jornalísticos. **Revista Alceu**, Departamento de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. v. 11 - n.21 - p. 16 a 33 - jul./dez. 2010. Disponível em: <<http://revistaalceu.com.pucrio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=376&sid=33>>. Acesso em: 18 dez. 2018.
- BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo interpretativo: filosofia e técnica**. Porto Alegre: Sulina, 1976.
- CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques d'aquém e d'além mar: travessias para uma nova teoria de gêneros jornalísticos**. São Paulo: Summus, 2008.
- ERBOLATO, Mário. L. **Técnicas de codificação em jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário**. 5 ed. São Paulo: Ática, 1991.
- LAGE, Nilson. **Ideologia e Técnica da Notícia**. Florianópolis: Insular, Ed. da UFSC, 2001.
- MAROCCO, Beatriz. **Ações de resistência no jornalismo: "Livro de repórter"**. Florianópolis: Insular, 2016.
- MARQUES DE MELO, José. **A opinião no jornalismo brasileiro**. São Paulo: Vozes, 1985.
- TAKEUCHI, Hirotaka; NONAKA, Ikujiro. **Gestão do conhecimento**. Porto Alegre: Bookman, 2008, 320. Tradução de Ana Thorell.
- OSORIO VARGAS, Raul. **El reportaje como metodología del periodismo**. Na polifonia de saberes. Medellín: Editorial Universidad de Antioquia, 2017.
- PONTES, Felipe Simão. **Adelmo Genro Filho e a teoria do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2015.
- SPONHOLZ, Liriam. **Jornalismo, conhecimento e objetividade: além de espelho e das construções**. Florianópolis: Insular, 2009.

Os poderes de afetação e de revelação do acontecimento na cobertura jornalística da tragédia da Chapecoense

Rafaela Taísa Menin¹ – Mestrado

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Terezinha da Silva

Linha de Pesquisa: Jornalismo, Cultura e Sociedade

Palavras-chave: Jornalismo; acontecimento; tragédia; cobertura jornalística; Associação Chapecoense de Futebol.

As “tragédias” costumam ter ampla cobertura jornalística e repercussão pública. Especialmente nos primeiros dias e semanas após o acontecimento trágico, há produção de notícias e reportagens em veículos de comunicação diversificados. Ao longo dos últimos anos, há vários exemplos: o ataque do “11 de setembro”, nos Estados Unidos, em 2001; a passagem do furacão Katrina, nos Estados Unidos, em 2005; o desaparecimento de Madeleine McCann, em Portugal, em 2007; a morte de Isabella Nardoni, em São Paulo, em 2008; o incêndio na Boate Kiss, em Santa Maria (RS), em 2013; o rompimento da barragem de Mariana (MG), em 2015; e a queda do avião da Associação Chapecoense de Futebol, ocorrido na Colômbia, em 2016.

A intensa midiáticação de todas as dimensões da vida social (o cotidiano, a política, a religião, o esporte, etc.) é certamente um fator a explicar a repercussão e o modo como esse tipo de acontecimento repercute. Da mesma forma, certas características específicas de cada acontecimento trágico também são razões importantes a considerar. Outros fatores socioculturais ainda podem ajudar a entender por que esse tipo de acontecimento toca e interessa tanto a atenção pública e jornalística. É o que nos interessa explorar nesta pesquisa. Desta forma, a dissertação toma como objeto de estudo a cobertura jornalística sobre a queda do avião da Associação Chapecoense de Futebol e dos seus desdobramentos.

Nosso percurso e escolhas metodológicas começaram com a compreensão de que a “tragédia” é uma forma de nomear e caracterizar uma ocorrência que, por suas características de ruptura e de inesperado, pode ser vista como um acontecimento. Tal entendimento nos levou, junto com a elaboração de uma revisão da pesquisa acadêmica sobre tragédia, a escolher a abordagem teórico-metodológica do acontecimento proposta por Louis Quéré (2005) para analisar nosso objeto empírico: a cobertura jornalística sobre a queda do avião da Chapecoense e seus desdobramentos. O autor francês destaca principalmente o papel

que o acontecimento desempenha na organização da ação dos sujeitos e da experiência coletiva (SILVA, 2011). Também enfatiza duas características fundamentais de um acontecimento: o seu poder de revelação e o seu poder de afetação de indivíduos e coletividades. O primeiro se refere ao potencial hermenêutico do acontecimento em originar novos sentidos, de revelar problemas ou possibilidades antes não pensadas a respeito do passado e do futuro. O segundo corresponde ao fato do acontecimento suscitar inquietações, demandar escolhas e provocar ações (QUÉRÉ, 2005; SILVA, 2016; FRANÇA, LOPES; 2017). Isto é, um acontecimento se define pela forma como afeta a experiência dos sujeitos (poder de afetação) e pelo que expõe do contexto em que ocorre (poder de revelação).

É a partir desta fundamentação que decidimos a grade analítica, que será utilizada para analisar nosso objeto empírico. De forma mais específica, serão analisadas 146 matérias jornalísticas de três impressos: *Folha de S. Paulo*, de circulação nacional; *Diário Catarinense*, de circulação estadual; e *Diário do Iguçu*, veiculado na região de Chapecó/SC, sede do time da Chapecoense. Para cumprir o objetivo desta investigação analisamos a cobertura dessas mídias em dois momentos: 1) queda do avião da Chapecoense e seus desdobramentos nos primeiros dias; 2) a memória de um ano da queda do avião. A partir desta análise, pretende-se cumprir com o objetivo geral da pesquisa: analisar o modo como a cobertura jornalística produz sentidos sobre a queda do avião da Associação Chapecoense de Futebol, buscando compreender: 1) por que o acontecimento afeta/repercute tanto na esfera pública e midiática; e 2) o que o acontecimento revela sobre o contexto sociocultural brasileiro.

Referências

FRANÇA, Vera; LOPES, Suzana. Análise do acontecimento: possibilidades metodológicas. **Matrizes**, São Paulo, v.11, n. 3, p. 71-87, set./dez. 2017.

QUÉRÉ, Louis. Entre o facto e sentido: a dualidade do acontecimento. **Trajectos - Revista de Comunicação, Cultura e Educação**, n. 6. Lisboa: ISCTE / Casa das Letras / Editorial Notícias, 2005, p. 59-75.

SILVA, Terezinha. A constituição simbólica de um acontecimento - análise do processo de individualização do Mensalão. **Tese** (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação e Informação. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte (MG), 2011.

SILVA, Terezinha. A 'Tragédia em Mariana' e o Poder Hermenêutico do Acontecimento - uma Análise Preliminar. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 39, 2016, São Paulo. **Anais...** São Paulo: INTERCOM, 2016.

Jornalismo vigilante sob vigilância nociva: vulnerabilidades e potencialidades do jornalismo investigativo brasileiro

Ricardo Torres¹ – Doutorado

Orientador: Prof. Dr. Rogério Christofolletti

Linha de Pesquisa: Tecnologias, Linguagens e Inovação no Jornalismo

Palavras-chave: jornalismo investigativo; jornalismo brasileiro; privacidade; segurança digital para jornalistas; vigilância digital.

A proposição central do estudo é que o contexto atual de vigilância comunicacional em meios digitais exige dos jornalistas investigativos um senso permanente de sua vulnerabilidade e a adoção de uma cultura de segurança digital. Verifica-se como jornalistas que desenvolvem investigações jornalísticas sobre temas sensíveis enfrentam as possibilidades de intervenção relacionadas à vigilância das comunicações, interceptação e armazenamento de dados pessoais e o monitoramento de ações jornalísticas no ecossistema digital.

A partir desse panorama o presente estudo é orientado pelo seguinte problema de pesquisa: diante da vigilância digital massiva realizada por governos e corporações, quais são as principais vulnerabilidades e potencialidades do jornalismo investigativo brasileiro? Parte-se dos seguintes pressupostos: a investigação jornalística transpassada pelas possibilidades tecnológicas pode ser limitada por ferramentas de vigilância comunicacional; as ferramentas de comunicação digital facilitam a projeção de ações ligadas ao jornalismo, ao ativismo e de hacktivistas e, ao mesmo tempo, fazem emergir a urgência da proteção das comunicações e fontes dos jornalistas; a desproporção entre a capacidade de vigilância do Estado e de grandes corporações transnacionais em relação ao jornalismo gera consequências nocivas à democracia.

Nosso principal objetivo é examinar ações que envolvem o jornalismo investigativo apontando potencialidades e vulnerabilidades no ecossistema digital. Os objetivos específicos são: observar a emergência de tensionamentos impostos pela vigilância relacionados ao jornalismo investigativo, verificar implicações resultantes da possibilidade de intrusão comunicacional na atividade jornalística contemporânea e defender a necessidade de estímulos e convenções relacionadas com a formatação de uma cultura de riscos digitais para jornalistas.

O percurso metodológico adotado está organizado em quatro etapas distintas. Ini-

cialmente, desenvolvemos uma pesquisa exploratória e revisão bibliográfica, que discute questões teóricas e delimita os caminhos metodológicos mais adequados aos objetivos. Na sequência, realizamos o mapeamento de casos concretos e ações jornalísticas relacionadas às diferentes formas de vigilância digital, em contextos distintos, a partir de apontamentos e condutas indicadas em relatórios de agressões à jornalistas e ataques à liberdade de imprensa. Na terceira etapa, selecionamos jornalistas investigativos para realização de entrevistas em profundidade, três para validação do roteiro de perguntas e seis para a efetivação da técnica de pesquisa, em seguida, avaliamos as entrevistas por meio de protocolo de análise elencando os aspectos percebidos, adequados e negligenciados nas investigações jornalísticas realizadas em espaços digitais potencialmente vigiados. Na quarta etapa, utilizamos a técnica de pesquisa survey baseada na amostragem bola de neve (GOODMAN, 1961) para aplicação de questionários a jornalistas investigativos ligados à abordagem de temas sensíveis.

Os resultados apontam as ações que estão sendo desenvolvidas assim como lacunas e problemáticas que envolvem a vigilância digital, o vazamento de dados e o acesso às novas fontes de informação no ambiente digital. Apresentam, também, práticas jornalísticas relevantes em matéria de vigilância das comunicações, aspectos negligenciados pelos profissionais, identificação de ferramentas e condutas para minimização da intrusão comunicacional, vulnerabilidades e possibilidades presentes nas investigações jornalísticas contemporâneas.

Nota

¹Integrante do Grupo de Pesquisa ObjETHOS.

Referências

BELL, Emily et al. (org.). **Journalism After Snowden: The Future of Free Press in the Surveillance State**. New York: Columbia University Press, 2017. Disponível em: <http://migre.me/wf7aT>. Acesso em: 09 out. 2017.

GOODMAN, L. Snowball Sampling. **Annals of Mathematical Statistics**, 32, p. 148-170, 1961.

MARX, Gary T. **Windows into the Soul: Surveillance and Society in an Age of High Technology**. Chicago: Chicago Press, 2016.

JORNALISMO ESPECIALIZADO

Adaptações na programação radiojornalística de emissoras de Santa Catarina com a migração AM-FM

Karina Woehl de Farias

A cobertura noticiosa dos temas sobre a Ciência do Espaço Sideral no Brasil e em Portugal

Leoní Serpa

Jornalismo de Dados: desafios no ensino e mudanças nas práticas profissionais

Mariane Ventura

O micromundo dos jornalistas de dados no Brasil: trajetórias profissionais e construção de identidade

Patrícia Medeiros de Lima

Comunicar ciência nas rádios públicas e universitárias: experiências, programas e narrativas jornalísticas em Portugal, Brasil e Espanha

Paulo Roberto Santhias

Jornalismo e a construção do agronegócio brasileiro

Suelyn Cristina Carneiro da Luz

Adaptações na programação radiojornalística de emissoras de Santa Catarina com a migração AM-FM

Karina Woehl de Farias¹ – Doutorado

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Valci Regina Mousquer Zuculoto

Linha de Pesquisa: Tecnologias, Linguagens e Inovação no Jornalismo

Palavras-chave: migração AM-FM; programação radiojornalística; tecnologias; linguagens no jornalismo.

Esta pesquisa analisa a migração do rádio AM para o FM em emissoras de Santa Catarina. O objetivo é identificar as adaptações na programação jornalística de rádios catarinenses que trocaram de dial. Já migraram no Estado 47 das 99 AMs existentes até se iniciar o processo em 2016. Desta forma, esta tese de doutoramento vem verificando e analisando o reposicionamento das grades no processo migratório catarinense.

O estudo se configura como uma pesquisa exploratória e histórica, com estratégias metodológicas que incluem revisão de literatura, análise de programação radiojornalística, análise documental e ferramentas como entrevistas semiestruturadas. Investigam-se estas primeiras transformações em modelos, gêneros e formatos radiojornalísticos antes e depois da migração, mapeando caminhos percorridos do processo ao funcionamento no novo dial; bem como levanta mudanças no alcance, na sustentabilidade, nas linhas editoriais e nos impactos sobre o futuro do rádio AM.

No referencial bibliográfico, são abordadas questões que dão suporte à pesquisa, como os aspectos históricos do rádio (ORTRIWANO, 1985), a programação jornalística (ZUCULOTO, 2012), e as mudanças iniciais relacionadas à migração AM-FM (PRATA; DEL BIANCO, 2018) que afetaram o rádio nos últimos anos. Observa-se, preliminarmente, nas emissoras pesquisadas até agora, maior alcance geográfico e retorno à grade eclética, mesclando entretenimento e informação, com ampliação do espaço dedicado ao jornalismo. Igualmente, nota-se a busca por uma audiência mais jovem, a partir da adoção de estratégias como a inserção de prestação de serviço ao estilo dinâmico do FM e ampliação dos mecanismos de interação com o público.

O estudo aponta ainda para o potencial legado da migração para um melhor aproveitamento das características do rádio que o tornam um dos meios mais adequados à prática jornalística, em especial do jornalismo local/regional. Fatos evidenciados em parte das emis-

soras já analisadas, que afirmaram ter ampliado o espaço para as notícias de outras regiões em decorrência a um alcance maior após a troca de banda.

Aponta-se, assim, a necessidade de termos um novo olhar sobre o jornalismo local no rádio, levando-se em consideração a identidade e a cultura do entorno (CEBRIAN-HERREROS, 2011) como possibilidade de sobrevivência do meio, não somente como evolução técnica, mas de informação.

Nota

¹Integrante do Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (Girafa).

Referências

BALSEBRE, A. A linguagem radiofônica. In: MEDITSCH, E. (Org.). **Teorias do rádio: textos e contextos**. Florianópolis: Insular, 2005. p. 327-326.

CEBRIÁN-HERREROS, M. La radio en el entorno de las multiplataformas de comunicaciones. **Revista Rádio-Leituras**, v.2, n.2, p. 31-68, 2011.

LOPEZ, D. C. et. al. Reposicionamento do radiojornalismo frente aos novos desafios da migração do AM para o FM: análise de caso de quatro emissoras tradicionais. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 16^a, 2018, São Paulo. **Anais...** São Paulo: SBPJOR, 2018. Disponível em: <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2018>. Acesso em: jul. 2019.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. Summus Editorial, 1985.

PRATA, Nair; DEL BIANCO, Nélia R. (orgs.) **Migração do rádio AM para o FM: Avaliação de impacto e desafios frente à convergência tecnológica**. Florianópolis: Insular, 2018.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **No ar – a história da notícia de rádio no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2012.

A cobertura noticiosa dos temas sobre a Ciência do Espaço Sideral no Brasil e em Portugal

Leoní Serpa – Doutorado (Modalidade Cotutela)

Orientadores: Prof. Dr. Eduardo Meditsch e Prof. Dr. Jorge Pedro Sousa (UFP, Portugal)

Linha de Pesquisa: Jornalismo, Cultura e Sociedade

Palavras-chave: Jornalismo Especializado; Jornalismo Científico; Ciência do Espaço.

A A proposta decorre da etapa inicial da investigação e dos processos da pesquisa, no âmbito do doutoramento, na Especialidade em Jornalismo e Estudos Mediáticos, pela Universidade Fernando Pessoa, (UFP-Porto, PT) e no doutorado em Jornalismo, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC- BR), na Modalidade Cotutela.

O objetivo, nesta etapa, é de conhecer melhor os processos produtivos do jornalismo científico para compreender como se constroem as notícias sobre o Espaço Sideral. Também, entender as notícias a partir da delimitação da pesquisa - a especialização do jornalismo em ciência - com temática espacial. Assim, identifica-se a origem das fontes e os principais temas, especialmente nos jornais *Folha de São Paulo*, BR e *Público*, PT.

Dentre os aportes teóricos e para efeitos nesta etapa da pesquisa, procuramos abranger o jornalismo dentro dos pressupostos que o colocam como forma de produção de conhecimento singular, em Genro Filho, (2012) e Park (2008). Sobre processos produtivos e a especialização jornalística pelo entendimento de Traquina (2004); Gomis (2004); Quesada (2012); Ramírez y López (2014); Os estudos sobre Jornalismo Científico em Bueno (1998) e Granado (2011). Em Bourdieu (1983) e Schudson (2005) sobre os campos sociais, as suas relações de força, autonomias e interesses. O entendimento das produções de notícias com temas sobre o espaço sideral passa também por uma apreensão sobre a Ciência do Espaço Sideral, em Sagan (2012) e Johnson-Freese (2017).

Neste percurso, especialmente da pesquisa empírica, identificamos que a produção jornalística especializada em ciência, com temática espacial, tem sido dependente das assessorias, especialmente das Agências Espaciais e dos artigos das Revistas Científicas (SERPA, 2019).

Desde que a corrida espacial deu seus primeiros passos, em meados do século passado, o mundo presencia uma série de eventos científicos decorrentes da exploração e da tecnologia espacial. As imagens captadas por telescópios, sondas e missões espaciais, bem como

os resultados das pesquisas sobre o Cosmo chegam à mídia. No entanto, o tema vem sendo pouco considerado nos estudos sobre comunicação da ciência e jornalismo científico. Desta forma, a presente pesquisa investiga como o tema espaço, bem como a exploração espacial estão sendo divulgados pela mídia do Brasil e de Portugal. Procura-se abranger como se discute a temática, tendo em vista a atual conjugação de avanço científico das pesquisas com corrida espacial, numa supremacia econômica com ênfase mercadológica.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: Renato Ortiz (org.). **Coleção Grandes cientistas sociais**. São Paulo: Ed. Ática, 1983, p. 122-155.
- BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo científico no Brasil: aspectos teóricos e práticos**. ECA/USP, São Paulo: Série Pesquisa. v.7, 1988.
- GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide - para uma teoria marxista do jornalismo**. Série Jornalismo a Rigor. V. 6. Florianópolis: Insular, 2012.
- GOMIS, Lorenzo. Os interessados produzem e fornecem os fatos. **Estudos em Jornalismo e Mídia** (Florianópolis), v. 1, n. 1, 2004.
- GRANADO, António. Slaves to journals, serfs to the web: The use of the internet in newsgathering among European science journalists. **Journalism**. Reprints and permission: sagepub. co.uk/journals Permissions.nav, 2011.
- GROTH, Otto. **O poder cultural desconhecido: fundamento da Ciência dos Jornais**. Tradução de Líriam Sponholz. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- JOHNSON-FREESE, Joan. Build on the Outer Space Treaty. **Nature**, v. 550, p. 182-184. 12 out. Disponível em: https://www.nature.com/news/polopoly_fs/1.227891/menu/main/topColumns/topLeftColumn/pdf/550182a.pdf.
- PARK, Robert E. A Notícia como Forma de Conhecimento: um capítulo da Sociologia do Conhecimento. Notícia e poder da imprensa. In: BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz. **A Era Glacial do Jornalismo**. Vol 2. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- QUESADA, Montse. **Periodismo Especializado**. Editora: Síntesis, Espanha, 2012.
- RAMIREZ, Francisco Esteve; LÓPEZ, Juan José Jover. **Nuevos retos del Periodismo Especializado**. Madrid: Schedas. Volume 1 - Colección Universidad, 2014.
- SAGAN, Carl. **Cosmos**. Lisboa, Portugal: Gradiva Publicações, 2012.
- SCHUDSON, Michael. Autonomy from What? In: BENSON, R.; NEVEU, E. (ed.). **Bourdieu and the Journalistic field**. Cambridge: Polity, 2005. p. 214-223.
- SERPA, Leoní. Os temas do espaço nas páginas dos jornais Público e Folha de São Paulo em 2018. p.331-350. IN: SOUSA, Jorge Pedro (org.). **Jornalismo e Estudos Mediáticos: Memória II** [eBook]. Porto: Publicações UFP, 2019. 372 p. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10284/7713>.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2004. v.1.

Jornalismo de Dados: desafios no ensino e mudanças nas práticas profissionais

Mariane Ventura¹ – Doutorado

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rita Paulino

Linha de Pesquisa: Tecnologias, Linguagens e Inovação no Jornalismo

Palavras-chave: Jornalismo; Jornalismo de Dados; Ensino de Jornalismo; formação profissional.

O crescimento exponencial do número de dados disponibilizados na rede, assim como o avanço e a popularização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) traz para o ecossistema jornalístico desafios e possibilidades. O avanço tecnológico tem facilitado o acesso e o desenvolvimento de ferramentas capazes de acessar, capturar, armazenar e publicar dados. O fenômeno conhecido como Big Data advém dessa reunião de dados brutos criados continuamente no mundo inteiro. Porém, para que toda essa informação tenha serventia, inclusive para os jornalistas, é necessário um tratamento prévio, que transforme o dado em um recurso, e posteriormente, em um produto (COLUSSI; SILVA, 2017). Essa seria uma das etapas do chamado Jornalismo de Dados, uma prática que envolve aspectos desde a apuração até a disponibilização das informações para o público (TRASEL, 2014).

O Jornalismo de Dados também se diferencia do restante do jornalismo por conta das “novas possibilidades que se abrem quando se combina o tradicional ‘faro jornalístico’ e a habilidade de contar uma história envolvente com a escala e o alcance absolutos da informação digital agora disponível”(GRAY; BOUNEGRU; CHAMBERS, 2014, on-line). E as inovações podem acontecer em qualquer parte do processo de produção de conteúdo, os dados podem ser as fontes da pauta ou o conteúdo principal. Além disso, há diversas ferramentas disponíveis para a coleta, mineração e combinação dos dados que facilitam o trabalho do jornalista e reduzem as chances de erros.

Observa-se que para executar essa prática é necessário conhecimento das ferramentas a serem utilizadas assim como interpretar corretamente as informações contidas nos dados. Philip Meyer (1991), considerado um dos pioneiros na área, já apontava as habilidades necessárias para efetivar a prática do JD, resumindo-as em três elementos: “1. Como encontrar informações; 2. Como calcular e analisar; 3. Como comunicá-lo de uma forma que elimine o excesso de informação e entregue para as pessoas o elas que precisam e querem” (MEYER, 1991, p. 2). Mas como toda habilidade, essas também requerem conhecimento, a fim de que a prática seja executada com aptidão.

Partindo-se da premissa de que a academia é o espaço de ensino no qual os futuros jornalistas devem ter contato com a teoria e o conhecimento de novas práticas de apura-

ção, tal como o JD; observa-se que mais de duas décadas se passaram desde as constatações de Meyer e se verifica que ainda existem poucos cursos de jornalismo que possuem na sua matriz curricular uma disciplina específica ao ensino dessa prática (MIELNICZUK; TRÁSEL, 2017). Tem-se como hipótese que a carência de disciplinas voltadas para o ensino de JD e áreas afins que envolvam o ensino de matemática e estatísticas nas escolas de jornalismo é um fator histórico e seria uma das razões para que os jornalistas busquem outros meios para aprender a lidar com dados numéricos.

Nesse contexto, essa pesquisa investiga as carências no ensino de jornalismo de dados, as mudanças nas práticas profissionais relacionadas a essa área bem como fatores curriculares que possam estar relacionados à hipótese proposta.

Tem-se como objetivo principal problematizar o ensino do JD dentro nos cursos de graduação em paralelo com as práticas dos profissionais que atuam no mercado e propor caminhos para um ensino que supra as carências encontradas entre a teoria e a prática. Como estratégia metodológica para verificar a hipótese, utiliza-se de do método de triangulação, que se caracteriza pela combinação de instrumentos metodológicos. Fazendo-se, neste caso, o uso de pesquisa exploratória, para mapear os cursos e currículos; entrevistas semiestruturadas com profissionais de JD; professores e alunos de jornalismo; e, possivelmente, análises comparativas de trabalhos de JD feitos por acadêmicos e profissionais.

Notas

¹O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Integrante do Grupo de Pesquisa Nephijor.

²No original: “1. How to find information; 2. How to evaluate and analyze it; 3. How to communicate it in a way that will pierce the babble of information overload and reach the people who need and want it” (MEYER, 1991, p.2).

Referências

COLUSSI, J.; SILVA, F. Do jornalismo de dados à narrativa hipermídia: um estudo de caso dos jornais brasileiros ‘Folha’ e ‘Estadão’. *Index.Comunicación*, [s. l.], v. 7, n. 3, p. 163–186, 2017.

GRAY, J.; BOUNEGRU, L.; CHAMBERS, L. **Manual de jornalismo de dados**. Open Knowledge Foudation, 2014.

MEYER, P. **The new precision journalism**. 1991. Disponível em: <http://www.unc.edu/~pmeyer/book/>. Acesso em: 28 set. 2019.

MIELNICZUK, L.; TRÁSEL, M. Data-driven journalism as professional innovation and its challenges for education. *Contemporanea Comunicação e Cultura*, [s. l.], v. 15, n. 2, p. 609–629, 2017.

TRÁSEL, M. Entrevistando planilhas: estudo das crenças e do ethos de um grupo de profissionais de jornalismo guiado por dados no Brasil. 2014. 315 f. **Tese** (Doutorado) - Curso de Pós-graduação em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

O micromundo dos jornalistas de dados no Brasil: trajetórias profissionais e construção de identidade

Patrícia Medeiros de Lima – Doutorado

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Rita Paulino

Coorientador: Prof. Dr. Fábio Pereira (UnB)

Linha de Pesquisa: Tecnologias, Linguagens e Inovação no Jornalismo

Palavras-chave: mundo social; trajetória profissional; micromundo; jornalistas de dados; identidade.

Esta pesquisa tem como objeto de estudo a construção da identidade dos jornalistas de dados no Brasil a partir da carreira profissional. O objetivo é discutir como os jornalistas constituem suas trajetórias a partir dos engajamentos, mobilidades, organização e cooperações no micromundo do jornalismo de dados.

Neste sentido, utilizamos o conceito de Mundo Social de Howard Becker (1982) e Anselm Strauss (1992) no âmbito dos estudos do interacionismo simbólico. Para os teóricos as interações entre os variados atores e suas práticas vão além dos espaços institucionalizados e são premissas balizares para enxergar os movimentos de funcionamento e mudanças do espaço profissional. O indivíduo orienta suas ações a partir da maneira como ele interpreta e antecipa a reação do outro. Neste trabalho o conceito é usado para pensar a construção do micromundo do jornalismo de dados na perspectiva de um estudo sobre a trajetória profissional dos atores que o compõe. A metodologia tem inspiração etnográfica, baseada na técnica de observação participante e entrevistas abertas.

A prática do jornalismo de dados tem ganhado espaço nas redações do mundo inteiro. Alguns motivos explicam esse interesse crescente. Um deles e possivelmente o mais preponderante é o modelo de negócio das empresas jornalísticas na atualidade. Um jornalismo pós-industrial como já apontava em 2013 C.W. Anderson, Emily Bell e Clay Shirky, da Escola de Jornalismo de Columbia, no estudo *Post-Industrial Journalism: adapting to the present*. Nesse modelo de jornalismo as organizações se estruturam de forma diferenciada. As redações ganham espaços menores, com profissionais multitarefa e com dinâmicas aliadas com a internet. Junto a esse movimento de mudanças, observa-se outro movimento que vem em paralelo que é a cultura dos dados abertos na Web. Essa dinâmica gerou em muitos países a tendência do princípio democrático dos dados governamentais abertos ou *Open Government*.

Diante dessa conjuntura, o trabalho do jornalista ganha novas possibilidades e natureza. A informação agora é abundante e seu processamento tornou-se mais importante. Diferente de quando os esforços do jornalista eram procurar e reunir dados, pois a informação era escassa (FLEW et al., 2012). Temos, nesse sentido, a exigência de maior qualificação profissional. Observa-se no Brasil a crescente atuação de jornalistas na área apontada para transformações na trajetória profissional.

Diante do cenário exposto, os movimentos dos atores nos possibilitam perceber a construção identitária do grupo e como isso também constitui o próprio âmbito da prática do jornalismo de dados. A pesquisa busca em meio as variadas perspectivas de explicar o jornalismo o contexto dos estudos de carreira para compreender as dinâmicas profissionais.

Referências

ANDERSON, C.W.; BELL, E.; SHIRKY, C. **Post-Industrial Journalism**: Adapting to the Present. Columbia Journalism School, 2013. Disponível em: http://towcenter.org/wp-content/uploads/2012/11/TOWCenter-Post_Industrial_Journalism.pdf.

BECKER, H. S. **Art worlds**. Berkeley & Los Angeles: University of California Press, 1982.

FLEW, T.; SPURGEON, C.; DANIEL, A.; SWIFT, A. The promise of computational journalism. **Journalism Practice**. v. 6, 2012.

STRAUSS, A. L. **La trame de lanégociation**: sociologie qualitative et interactionnisme. Paris: Éditions L'Harmattan, 1992.

Comunicar ciência nas rádios públicas e universitárias: experiências, programas e narrativas jornalísticas em Portugal, Brasil e Espanha

Paulo Roberto Santhias¹ – Doutorado (modalidade cotutela)

Orientadores: Prof.^a Dr.^a Valci M. Zuculoto e Prof. Dr. Ricardo Morais (UBI, Portugal)

Linha de Pesquisa: Tecnologias, Linguagens e Inovação no Jornalismo

Palavras-chave: comunicação da Ciência; radiojornalismo; rádio pública; rádio universitária; científico.

Na geografia comunicacional formada por Brasil, Espanha e Portugal, emissoras de rádios universitárias e públicas dedicam espaços à transmissão de conteúdos relacionados à Ciência. Cada programa tem seu formato específico. Percebe-se nisso a possibilidade de firmar-se um elo entre o investigador, o entrevistador e o ouvinte, além de uma mera estratégica entre a produção científica da universidade à sociedade. Convém enfatizar o papel específico das estações universitárias e públicas de irradiar conteúdos educativos, científicos e, logicamente, de interesse público. Trata-se de prestação de serviço público e de responsabilidade social da comunicação da ciência e do conhecimento, propiciada através de divulgação científica e do jornalismo científico heterogêneo. Desse modo, ins-ta-se a geração de modelo comunicacional com clareza, acurácia, precisão e linguagem do radiojornalismo do cotidiano.

Este projeto tem por objeto de estudo a comunicação da ciência através das rádios públicas e universitárias de Portugal, Brasil e Espanha.

Tem-se por objetivo investigar o modo e o processo de produção do radiojornalismo científico nas estações universitária e pública do Brasil, Espanha e Portugal.

A formulação do projeto iniciou em 2018, na Universidade da Beira Interior, Portugal, sob a orientação do prof. Dr. Ricardo Morais². Em fevereiro deste ano houve a apresentação à banca de examinadores da UBI. Este projeto encontra-se, atualmente, em fase de maturação e ajustes sob a orientação da prof. Dr. Valci Zuculoto, do PPGJor, da UFSC. Tal parceria resulta do Acordo de Cotutela firmado entre as duas instituições.

O corpus da pesquisa foi constituído por seis emissoras de rádio pública e universitária selecionadas do Brasil, Espanha e Portugal. Duas por país, sendo uma pública e a outra universitária. As rádios foram selecionadas e constam no plano de pesquisa e cro-

nograma.

Assenta-se por hipótese o seguinte: a recontextualização decorre como mediação do conhecimento adquirido na interlocução entre jornalista e cientista/investigador.

A metodologia compreende a revisão bibliográfica, coleta de programas em duas fases com interstício de seis meses, entrevistas, acompanhamento de produção, gravação, edição e recolhimento de roteiros dos programas, inquéritos e observação participante.

Notas

¹Integrante do Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (Girafa).

²Professor da Universidade da Beira Interior (UBI), Covilhã, Portugal.

Referências

GRADIM, Anabela; MORAIS, Ricardo. **Anões aos ombros de gigantes**: desafios contemporâneos na comunicação de ciência. Coleção Media e Jornalismo. Lisboa: Livros Horizonte, 2016.

MEDITSCH, Eduardo. **O Rádio na Era da Informação – Teoria e técnica do novo radiojornalismo**. 2ª edição, Florianópolis: Insular, Editora da UFSC, 2007.

PULIDO, Paloma Contreras; CUÉLLAR, Macarena Parejo (coord.). **Más Ciencia**. Como trabajar la divulgación científica desde las Radios Universitarias. Salamanca: Comunicación Social Ediciones e Publicaciones, 2013.

ZUCULOTO, Valci R.M. **A programação de rádios públicas brasileiras**. Florianópolis: Editora Insular, 2012.

Jornalismo e a construção do agronegócio brasileiro

Suelyn Cristina Carneiro da Luz¹ – Doutorado

Orientador: Prof. Dr. Carlos Locatelli

Linha de Pesquisa: Jornalismo, Cultura e Sociedade

Palavras-chave: Jornalismo especializado; Jornalismo de marca; Comunicação Organizacional; imagem pública.

Segundo o Monitoramento da Propriedade da Mídia no Brasil, publicado em 2017, em parceria com o projeto *Media Ownership Monitor* (MOM)², a relação do agronegócio com os 50 veículos de televisão, rádio, publicações impressas e portais de notícias *on-line* de maior audiência no país é constatada nos investimentos financeiros, na produção de conteúdos e na concentração de propriedade. Conforme sintetiza Pompéia (2018), agronegócio é uma terminologia utilizada para definir o conjunto de funções relacionadas não apenas à produção agropecuária, mas, também, às cadeias produtivas de máquinas, insumos, armazenagem, transportes, industrialização e comércio.

Apesar de parecer circunscrita à questões econômicas e produtivas do rural, a composição do agronegócio é mais complexa e envolve os “poderes do Estado, da academia, do mercado financeiro, de empresas de comunicação e consultoria” (POMPÉIA, 2018, p. 44), com o intuito de agir na “valorização da imagem do setor” (CHÃ, 2018, p. 21). Nesta pesquisa, parte-se do pressuposto de que o agronegócio é, sobretudo, um fenômeno político (POMPÉIA, 2018), que além da formulação de políticas públicas, abrange a produção de conhecimento científico e a produção social de conhecimento pelo jornalismo (GENRO FILHO, 1987). Ou seja, pode estar relacionado à aspectos do interesse público de diversas formas.

Para Weber (2004, p. 292), a mídia é determinante na formação de uma imagem pública e “quem disputa o poder pretende controlar o modo de ver e o de ser visto”. Atualmente, mesmo com o jornalismo especializado que “pressupõe uma área de cobertura” (BUENO, 2015, p. 282) específica, observa-se uma inserção da “ruralidade em diferentes editorias, e o noticiário, que antes se restringia ao agrícola, agora ocupa as páginas de economia, cidades, esportes, política, gastronomia, ciências e outras” (MAIO, 2015, p. 15).

Nesse sentido, o objetivo geral desta pesquisa é compreender a construção da imagem pública do agronegócio brasileiro a partir da sua gestão de comunicação organizacional e da sua relação com o jornalismo de forma abrangente. Nesta fase da pesquisa, desenvolvo levantamentos sobre essa relação a partir de dois enfoques: o primeiro, no mapeamento

de veículos jornalísticos especializados e críticos ao agronegócio; e o segundo, no monitoramento das estratégias desenvolvidas pelas empresas do agronegócio, principalmente, na utilização da interface entre jornalismo e publicidade, denominada jornalismo de marca (ou *Brand Journalism*), bem como na relação institucional com a mídia.

Assim, como objeto empírico, até o momento, reúno as iniciativas do *De Olho nos Ruralistas - Observatório do Agronegócio*, o projeto *Por trás do Alimento*, resultante da parceria entre a Agência Pública e a *Repórter Brasil* e as ações de comunicação organizacional desenvolvidas no âmbito da Associação Brasileira do Agronegócio (ABAG), em parceria com a Associação Brasileira de Comunicação Empresarial (ABERJE) e com o *Grupo Estado*, por meio do Lab de Comunicação para o Agronegócio e dos empreendimentos em jornalismo de marca *Canal* e *Caderno Agro*. Em termos teórico-metodológicos, embaso a pesquisa na análise crítica do discurso (ACD), proposta por Fairclough (2008), a fim de comparar as práticas discursivas do jornalismo e da comunicação organizacional, além de planejar a realização de entrevistas em profundidade.

Nota

¹O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

²Disponível em: <http://brazil.mom-rsf.org/br/>. Acesso em: 30 de setembro de 2019.

Referências

BUENO, Wilson da Costa. Jornalismo especializado: resgatando conceitos e práticas. In: SANTOS, Marli dos; BUENO, Wilson da Costa (Org.). **Jornalismo Especializado no Brasil: Teoria, prática e ensino**. São Paulo: Editora Metodista, 2015.

CHÃ, Ana Manuela. **Agronegócio e indústria cultural: estratégias das empresas para a construção da hegemonia**. 1 edição. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora da UnB, 2008.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre.: Tchê, 1987.

MAIO, Ana Maria Dantas de. Jornalismo agropecuário: do êxodo da grande mídia à sobrevivência no jornal local sob o comando das assessorias. In: SANTOS, Marli dos; BUENO, Wilson da Costa (Org.). **Jornalismo Especializado no Brasil: teoria, prática e ensino**. São Paulo: Editora Metodista, 2015.

POMPÉIA, Caio. A Formação Política do agronegócio. **Tese (doutorado)** – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, 2018.

WEBER, Maria Helena. Imagem Pública. In: RUBIM, Antonio Albino Canelas (Org.). **Comunicação e Política: conceitos e abordagens**. Salvador: Edufba, 2004.

CIDADANIA E MINORIAS

Representações sociais dos povos Romani (ciganos) no jornalismo brasileiro
Anaíra Sousa de Moraes Sarmento

Percepções sobre cidadania e direitos humanos entre repórteres
Criselli Maria Montipó

Acessibilidade comunicativa em telejornalismo universitário
Letícia Paola Beilfuss

Imprensa e a Base de Alcântara: a cobertura jornalística do acordo Brasil - EUA
Marisvaldo Silva Lima

O jornalismo que interessa aos jovens moradores de periferias
Marli Paulina Vitali

Jornalismo e pobreza: as vozes das classes populares na reportagem televisiva
Rafael Rangel Winch

Representações sociais dos povos Romani (ciganos) no jornalismo brasileiro

Anaíra Sousa de Moraes Sarmiento¹ – Mestrado

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Terezinha da Silva

Linha de Pesquisa: Jornalismo, Cultura e Sociedade

Palavras-chave: Jornalismo; cidadania; representações sociais; lutas por reconhecimento; ciganos.

As pesquisas envolvendo a etnia Romani² - termo politicamente correto para designar os povos ciganos - têm crescido no Brasil durante os últimos 20 anos. Contudo, os processos históricos de exclusão vivenciados por essa população fizeram e fazem parte da dinâmica dos Estados, que ainda enxergam os grupos ciganos como perigosos e desnecessários (ANDRADE JÚNIOR, 2013).

Mesmo uma rápida análise dos meios de comunicação é suficiente para perceber que a relação das mídias com essa população tende a se manifestar de duas formas: 1) invisibilidade e/ou 2) reforço a estereótipos nas representações que constroem acerca das(os) ciganas(os) e suas práticas sócio-culturais. Outros estudos (BATISTA, et.al. 2012) mostram como esses povos ainda são associados às imagens literárias, à condição nômade e à falta de moralidade.

Diante deste contexto, a presente em andamento objetiva identificar e analisar as representações elaboradas pelas narrativas jornalísticas acerca dessas comunidades, buscando compreender de que modo tais representações se relacionam e tensionam o respeito à diferença, a cidadania e o reconhecimento desses povos no âmbito do jornalismo. Toma-se como objeto de estudo as representações sociais construídas pela cobertura jornalística brasileira sobre os povos de etnia Romani. Entendemos que a mídia noticiosa desempenha um papel fundamental no processo de (re)construção de representações acerca dos sujeitos e grupos sociais, as quais afetam o modo como eles são reconhecidos ou não enquanto sujeitos de direitos. Tais representações se apoiam e dialogam com valores sociais vigentes na sociedade, compartilhados pelas mídias e pelos jornalistas (SILVA; FRANÇA, 2017).

A dissertação deve ser estruturada em torno de quatro eixos: 1) contextualização sobre a história e presença dos povos de etnia Romani no Brasil; 2) discussões contemporâneas de conceitos centrais para este estudo, como cidadania (REIS, 1999; MOUFFE, 2003) e lutas por reconhecimento (HONNETH, 2003), e o modo como se articulam com as práticas jornalísticas e com o debate público acerca de direitos; 3) fundamentação teórica do conceito de representações sociais (MOSCOVICI, 2007; JODELET, 2001) e sua relação com a comunicação, para a construção de um modelo/método de análise da cobertura jornalística sobre (as)os ciganas(os); 4) apresentação dos resultados da pesquisa acerca das representações sociais identificadas nos materiais jornalísticos selecionados para análise. O *corpus* desta pesquisa ainda está sendo levantado e, até o momento, consiste em publicações dos jornais *Estado de*

Minas (MG), *Correio* (BA) e *O Popular* (GO), escolhidos como objeto empírico para explorar as questões propostas por se localizarem nos Estados brasileiros com maior concentração de acampamentos ciganos. sta pesquisa tem como objeto de estudo a reconfiguração da reportagem radiofônica ao se considerar as transformações nos hábitos de audiência advindas após a introdução do ambiente multimidiático. O cenário atual de convergência sugere que vivemos uma fase de aceleração das tecnolo hertzianas. Neste sentido, apontamos também a relevância em estabelecer condições de mutação da reportagem radiofônica que atendam distintos espaços e situações de caráter híbrido. nas ondas hertzianas.

Notas

¹O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

²Os termos corretos para designar os(as) ciganos(as) são “Rom” ou “Roma”. No entanto, nem todas as pessoas ciganas conhecem esses termos ou se consideram Roma, uma vez que existem outras etnias que diferem esses grupos. Usa-se o termo “Romani” como adjetivo (COSTA; CAVALCANTE; CUNHA, 2017).

Referências

ANDRADE JÚNIOR, Lourival. Os ciganos e os processos de exclusão. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 33, p. 95-112, 2013.

BATISTA, Mércia Rejane R; BRAZ, Izabelle Aline D; CUNHA, Jamilly Rodrigues da; MEDEIROS, Jessica Cunha de; NASCIMENTO, Caroline Leal D. **O papel de um jornal paraibano na construção da imagem dos ciganos**. São Paulo: 28a Reunião Brasileira de Antropologia. 2012.

COSTA, Elisa; CAVALCANTE, Lucimara; CUNHA, Jamilly. Acampamentos “ciganos” 2017: os desafios da implementação de direitos. **Reia: Revista de Estudos e Investigações Antropológicas**, Recife, v. 2, p.231-265, 2017.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Ed. 34, 2003.

JODELET, Denise (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MOUFFE, Chantal. Democracia, cidadania e a questão do pluralismo. Tradução de Kelly Prudencio. In: *Revista Política & Sociedade: Revista de Sociologia Política*. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. v. 1 n. 3. Florianópolis: Cidade Futura, 2003.

REIS, Elisa. Cidadania: história, teoria e utopia. In: **Cidadania, Justiça, Violência**. p.11-17, Ed. FGV, 1999. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6742/39.pdf>. Acesso em: 30 de set. de 2019.

SILVA, Terezinha; FRANÇA, Vera. Jornalismo, noticiabilidade e valores sociais. **E-Compós**, Brasília, v. 20, n. 3, set./dez. 2017. Disponível em: <http://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1398/948>. Acesso em: 30 de set. de 2019..

Percepções sobre cidadania e direitos humanos entre repórteres

Criselli Maria Montipó – Doutorado

Orientador: Prof. Dr. Jorge Kanehide Ijuim

Linha de Pesquisa: Jornalismo, Cultura e Sociedade

Palavras-chave: Jornalismo; repórteres; cidadania; direitos humanos; mídia.

Jornalismo, cidadania e direitos humanos foram construídos historicamente e estão socialmente intercambiados. Nesta perspectiva, o objetivo geral da tese é investigar as percepções de cidadania e direitos humanos predominantes entre jornalistas. Como objetivos específicos apresentam-se: (1) conhecer e compreender quais percepções de cidadania e direitos humanos prevalecem entre repórteres; (2) averiguar como a simbiose entre jornalismo e democracia influencia tal responsabilidade jornalística; (3) analisar de que modo a práxis e as concepções sobre o tema colaboram com o ideal do jornalismo de promovê-los.

Dentre a literatura técnico-normativa, discute-se o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (FENAJ, 2007) e a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) (ONU, 1948). Também são apontados os pressupostos éticos das Teorias do Jornalismo, segundo Karam (2004) e Medina (2003), bem como o papel democrático do jornalismo (TRAQUINA, 2012). Os sentidos de cidadania e direitos humanos na contemporaneidade - fruto de tensões sociais nas lutas de poder - são discutidos a partir de literatura histórico-crítica, com as pesquisas de Botelho e Schwarcz (2012), Mondaini (2009) e Hunt (2009). No que se refere à imbricação com o jornalismo, Gentili (2005) é um dos autores que relaciona a prática do jornalismo ao acesso aos direitos, além de Genro Filho (2012), para quem o jornalismo está comprometido com a ambivalente necessidade de combate à desigualdade econômica, social e política, portanto, como potencial garantidor da cidadania. Também se discute sua indissociabilidade com os direitos humanos.

Na pesquisa empírica, realiza-se entrevistas (GASKELL, 2002) com repórteres atuantes na mídia on-line tradicional e alternativa. A entrevista é compreendida a partir de suas possibilidades dialógicas (MEDINA, 2000) como método potencial para entender as transformações pelas quais a profissão de jornalista é atravessada. O levantamento privilegiou uma amostragem que contempla três faixas-etárias: repórteres com até 25 anos; dos 25 até 45 anos; e de 45 anos em diante, bem como a maioria composta por mulheres, para ser representativa do perfil contemporâneo do jornalista em exercício, em que estão evidentes os fenômenos de feminilização e juvenização das redações, conforme Mick e Lima (2013).

Os resultados preliminares apontam o entendimento dos entrevistados sobre os temas, mas constrangimentos profissionais, especialmente, econômicos e de políticas editoriais, são fatores determinantes para que as reportagens abordem as temáticas com profundidade e contextualização menor do que a pretendida pelos repórteres. Também fica evidente o crescente ativismo pessoal dos repórteres mais jovens sobre os temas, em suas diversas vertentes: gênero, povos tradicionais, população negra, questões ambientais, entre outros. O momento em que o jornalismo e os temas direitos humanos e cidadania estão inseridos tem sido uma preocupação dos repórteres sobre o cenário de desinformação que impacta a dinâmica social, bem como o ambiente político polarizado do Brasil que complexifica a discussão aprofundada sobre os temas.

Referências

- BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz. Cidadania e direitos: aproximações e relações. In: **Cidadania, um projeto em construção: minorias, justiça e direitos**. São Paulo: Claro Enigma, 2012.
- FENAJ - Federação Nacional dos Jornalistas. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**, 2007.
- GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. p. 64-89, 2002.
- GENRO FILHO, Adelmo. **O Segredo da Pirâmide**: Para uma teoria marxista do jornalismo. Série Jornalismo a Rigor. Florianópolis: Insular, 2012.
- GENTILLI, Victor. **Democracia de Massas - jornalismo e cidadania**: estudo sobre as sociedades contemporâneas e o direito dos cidadãos à informação. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2005.
- HUNT, Lynn. **A invenção dos direitos humanos**: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- KARAM, Francisco José Castilhos. **A ética jornalística e o interesse público**. São Paulo: Summus, 2004.
- MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 2000.
- MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente**. Narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.
- MICK, Jacques; LIMA, Samuel. **Perfil do jornalista brasileiro - Características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012**. Florianópolis: Insular, 2013.
- MONDAINI, Marco. **Direitos humanos no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2009.
- ONU – Organização das Nações Unidas. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Paris, França, 1948.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. Porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, Volume I, 3a. ed. rev., 2012.

Acessibilidade comunicativa em telejornalismo universitário

Letícia Paola Beilfuss – Mestrado

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cárilda Emerim

Linha de Pesquisa: Tecnologias, Linguagens e Inovação no Jornalismo

Palavras-chave: acessibilidade comunicativa; telejornalismo; telejornalismo universitário; extensão universitária.

O objeto de estudo desta pesquisa é identificar a potencialidade do uso de acessibilidade comunicativa no TJ UFSC, telejornal universitário da Universidade Federal de Santa Catarina. Acessibilidade comunicativa é o recurso que possibilita a inclusão de pessoas com deficiência no âmbito comunicacional. Como o objetivo principal é verificar de que forma o telejornalismo universitário, no contexto da extensão, contribui na preparação de profissionais para a produção de conteúdo telejornalístico acessível, essa pesquisa se justifica tendo o jornalismo como fonte principal de formação de opinião e o pouco uso da acessibilidade na totalidade da produção de conteúdos telejornalísticos. Por meio da metodologia de Estudo de Caso, articulada com a observação não participante e entrevista com os envolvidos, analisa-se a rotina jornalística do TJ UFSC.

Para eliminar essas barreiras, o jornalista pode trabalhar com recursos acessíveis disponíveis hoje. Baseados na Acessibilidade Comunicativa compreendida como “o conjunto de processos que visam desobstruir e promover a comunicação sem barreiras como direito humano fundamental” (BONITO, 2015, p. 88). Desta forma, podemos usar da prática do Desenho Universal, projeto de produtos que podem ser usados por todos, sem adaptações, ou seja, qualquer pessoa, independente de suas características (altura, tamanho ou até deficiência).

No jornalismo diário há restrições para que as Pessoas com Deficiência Visual (PDV) e Pessoas com Deficiência Auditiva (PDA) consumam as informações. Mesmo com o advento da internet, que só potencializa o jornalismo para uma cobertura mais ampla, seja ela de conteúdo ou de pessoas, são raros os conteúdos que possuem a prática do Desenho Universal, ou seja, não há conteúdo informativo para pessoas cegas ou surdas, da mesma forma que há para quem enxerga ou ouve.

Neste sentido, percebe-se que há uma grande desigualdade social e cultural, totalmente produzida por quem deveria produzir a homogeneidade: Os informantes. Ressaltamos e voltamos a dizer que um dos principais papéis do jornalista é o papel social. Pessoas consomem o que fizemos, entretanto, por que não produzir para todos? Considerando que:

o jornalismo tem uma função social nobre, transformar as informações em conhecimento público, logo não podemos continuar a fazer distinção, por preconceito comunicativo, de quem deve ou não ter acesso ao conhecimento gerado (BONITO, 2012, p. 14).

O jornalista, ao construir sua narrativa, desde a ideia em que surge a pauta, já deveria pensar na Acessibilidade Comunicativa como uma das práticas jornalísticas consagradas. O jornalista ao definir sua pauta, já começa a fazer a produção da notícia através de pesquisa sobre o determinado assunto, marcar entrevistas, produzir o conteúdo, ou seja, há um roteiro a ser seguido, porém a acessibilidade, que deveria ser pensada em conjunto e construída com a pauta, é deixada de lado ou, às vezes, é pensada depois da matéria pronta, o que torna uma parte do conteúdo adaptada, entretanto, nunca de maneira igualitária para quem enxerga ou ouve.

A acessibilidade comunicativa se trata de disponibilizar o conteúdo com acessibilidade com recursos tecnológicos: Audiodescrição (AD), Janela de Tradução em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), Braille, contraste, opção de zoom nos textos, dentre outros. Claro que essas opções não são apenas disponíveis para o webjornalismo, entretanto, a TV Aberta e o Rádio, desde os anos 2000 protelam as leis e os decretos que regulamentam as questões dos direitos das pessoas com deficiência.

Como já dito aqui, propomos que a acessibilidade comunicativa seja pensada em todos os meios jornalísticos, independente de suas especificidades, no entanto, com a convergência destes meios, o fazer jornalístico foi remodelado. Hoje, o que passou na rádio está na TV, que está no impresso também que está na web. Com o advento da internet, — não há mais tanto sentido em separar as mídias, tudo é conteúdo digital (CANNITO, 2010), ou seja, a era digital propõe um novo período para a comunicação, uma fase mais democrática, na qual quem não pode acompanhar o telejornal, ouvir o rádio ou comprar o jornal impresso, terá a informação a qualquer momento, sem hora marcada.

Referências

BONITO, Marco. Jornalismo digital deficiente e inconvergente. **Anais do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação- Intercom**, Fortaleza, 2012.

BONITO, Marco. Processos da comunicação digital deficiente e invisível: mediações, usos e apropriações dos conteúdos digitais pelas pessoas com deficiência visual no Brasil. **Tese** (Doutorado) — Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, São Leopoldo, RS, 2015.

CANNITO, Newton Guimarães. **A televisão na era digital: interatividade, convergência e novos modelos de negócio**. São Paulo: Summus, 2010.

Imprensa e a Base de Alcântara: a cobertura jornalística do acordo Brasil - EUA

Marisvaldo Silva Lima¹ – Mestrado

Orientador: Prof. Dr. Carlos Locatelli

Linha de Pesquisa: Jornalismo, Cultura e Sociedade

Palavras-chave: imprensa; Base de Lançamento de Alcântara; Acordo Brasil - EUA; comunidades quilombolas.

A base de lançamento de foguetes instalada em Alcântara, Maranhão, na década de 1980 e os diversos conflitos de ordem ambiental, social e territorial decorrentes de sua criação têm sido estudados nos últimos 40 anos por diferentes áreas, em especial pelas Ciências Humanas. Para compreender os impactos do deslocamento compulsório de comunidades remanescentes de quilombolas em diversos âmbitos da vida e sociabilidade desses sujeitos, os estudos que abordam esse acontecimento são majoritariamente ligados à Antropologia, História e Geografia, dentre outros.

Almeida (2006) aponta em seu laudo antropológico que os deslocamentos alteraram as relações de comércio estabelecidas entre comunidades e impuseram novos modos de subsistência atrelados ao funcionamento do Centro de Lançamento de Alcântara (CLA). Conforme Saule Jr (2003, p. 17), “a situação de Alcântara possui um elevado grau de conflito por ali conviverem um projeto de tecnologia de ponta aeroespacial internacional e as necessidades, interesses e a preservação das comunidades locais”.

Nesse sentido, a dissertação tem o objetivo de compreender qual o tratamento jornalístico dado pela imprensa à retomada do projeto da Base de Alcântara, no período demarcado de maio de 2017 a agosto de 2019, em que se destacam, entre outros fatos, o anúncio da abertura comercial da base, durante o Fórum de Investimentos Brasil; o rompimento do acordo com a Ucrânia e extinção da empresa binacional *Alcântara Cyclone Space*; a celebração de um acordo de Salvaguardas Tecnológicas (AST) entre Brasil e Estados Unidos, que permite que a base militar seja utilizada por outros países; e a apreciação do projeto na Câmara dos Deputados.

O objeto empírico é formado por materiais informativos dos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Globo*, dois dos jornais de maior circulação e referência no país, e o jornal *O Estado do Maranhão*, pois se considera a cobertura local dos acontecimentos importante para a pesquisa. Discute-se conceitualmente imprensa e acontecimento, visibilidade midiática, interesse público, políticas públicas, cidadania e territorialidade. Como aporte metodológico, adota-se a Análise Crítica do Discurso (ACD) faircloughniana.

Fairclough (2008) aponta que os veículos de comunicação exercem um lugar privilegiado na sociedade e cumprem a função de veicular um conjunto de discursos construídos na esfera pública para serem consumidos em âmbito público e privado e que, por isso, a mídia contribui para o fortalecimento de sistemas de crença ao apresentar os discursos como “verdade”. Nesse sentido, é importante entender se e como os quilombolas aparecem no discurso jornalístico, pois, como destaca Maia (2003), a visibilidade que os grupos recebem serve para “os atores modificarem suas estratégias de apresentação e suas práticas discursivas na cena pública, diante de um público indefinido de cidadãos, mas, também, para moldar a maneira pela qual os membros do grupo se entendem a si próprios e a seus interesses legítimos” (MAIA, 2003, p. 19).

Maia (2003, p. 7) define a esfera de visibilidade midiática como o “conjunto de emissões dos mídia, em suas diversas modalidades”, um *lócus* que é acessado por diversos atores e grupos sociais em busca de gerar argumentos que incidem e pautam como a sociedade debate seus assuntos. Dessa forma, a autora ressalta a importância de uma equânime oferta de perspectivas sobre os fatos. Para ela, “se a maioria dos *output* da mídia favorece apenas um ator político, partido, ou ponto de vista ou, ainda, se exclui os partidos menores e as perspectivas minoritárias, reduz-se o ambiente informativo” (MAIA, 2003, p. 11).

Dessa forma, a pesquisa é um esforço para verificar como o discurso produzido pelo jornalismo constrói e delimita fronteiras e horizontes para a visibilidade midiática de populações quilombolas, assim como somar com os diversos estudos que têm se dedicado a compreender especificamente as relações conflituosas entre quilombos e a Base de Alcântara..

Nota

¹O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Referências

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Os quilombolas e a base de lançamento de foguetes de Alcântara**: laudo antropológico / Alfredo Wagner Berno de Almeida. – Brasília: MMA, 2006. 2 v.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008, 320 p.

MAIA, Rousiley. Dos dilemas da visibilidade midiática para a deliberação pública. 2003. Apresentado no **XII Encontro Anual da Compós**, Recife, 2003. 23 p.

SAULE JR., Nelson (Org.). **A situação dos direitos humanos das comunidades negras e tradicionais de Alcântara**. O direito à terra e à moradia dos remanescentes de quilombos de Alcântara, MA - Brasil. Relatório da Missão da Relatoria Nacional do Direito à Moradia Adequada e à Terra Urbana. São Paulo, Instituto Pólis, 2003. 56p..

O jornalismo que interessa aos jovens moradores de periferias

Marli Paulina Vitali – Doutorado

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cárilda Emerim

Linha de Pesquisa: Tecnologias, Linguagens e Inovação no Jornalismo

Palavras-chave: Jornalismo; juventude de periferia; dispositivos móveis; Estudos da Cultura Latino-Americana.

Entender qual o jornalismo que interessa ao jovem morador de periferia é a proposta que norteia este estudo. Saber se ele acessa esses conteúdos via smartphone, tendo acesso ou não a essa tecnologia é outro ponto de investigação. O estudo envolve grupos específicos de adolescentes e jovens moradores de bairros periféricos da cidade de Criciúma (SC) e que frequentam os Centros de Referência em Assistência Social (CRAS). Para tanto, buscou-se referência nos estudos da cultura latino-americana, e autores como Martín-Barbero (2009, 2015) e Canclini (2010).

A condição da juventude não está apenas ligada à idade. Sua constituição também é atravessada pela cultura, por um modo de experimentar e estar no mundo. Perpassa pelas questões biológicas, mas também se refere aos fenômenos culturais que são relativos à idade. Para Margulis; Urresti (2011), a geração em que está inserido é ponto chave para esse processo de transformação do indivíduo.

A discussão que envolve este grupo, estipulado na faixa etária entre 15 e 30 anos, estabelece uma rotulagem que os identifica, mas que não serve para demarcar uma identidade única se forem pensadas as multiplicidades de indivíduos que integram essa fase. É preciso participar do seu cotidiano, ouvindo e dialogando junto (GOBBI, 2012).

E o jornalismo tem papel relevante nesse contexto, observando realidades distintas que se formam e são formadas. Por muito tempo a periferia foi olhada pela mídia não como esse espaço de união comum, mas pelo aspecto mais negativo. Paim *et al* (2012, p. 30) destaca que essa realidade violenta era reforçada todos os dias nos telejornais. Não se pode olhar um universo tão plural como o da comunicação e o da própria sociedade de uma maneira única (MARTÍN-BARBERO, 2009). É preciso observar peculiaridades e divisões.

A pesquisa que está em andamento quer entender qual o jornalismo que interessa a esse jovem morador da periferia de uma cidade do interior de Santa Catarina e é acessado via smartphone. A partir destas observações, pretende-se definir elementos que possam contri-

buir para a proposição de um modelo de produção de conteúdo para o jornalismo móvel. O foco são jovens que frequentam os Centros de Referência em Assistência Social (CRAS) da cidade de Criciúma, sul de Santa Catarina, com idades que variam de 12 a 29 anos.

Dados preliminares mostram a relação desses jovens com a tecnologia. Mesmo residindo em bairros com poder econômico menor, o acesso ao uso do smartphone é identificado. Um questionário da fase inicial, realizado com 101 jovens, apontou que 80% possuem o aparelho. Embora já tecnológicos, a TV aberta ainda aparece como o meio onde ficam sabendo das notícias, 34%. Em seguida vem Facebook, 26%, Whatsapp 18% e o Rádio, com 13%. De modo geral, conteúdos como futebol/esportes e violência, surgem em alta, com 28% e 25%, respectivamente do que eles assistem.

Por tudo que se apresentou até então, percebe-se que o jornalismo tem a oportunidade de repensar alguns de seus parâmetros e ampliar ainda mais a sua potencialidade junto ao público jovem.

Referências

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadão: conflitos multiculturais da globalização**. 8ª Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010.

GOBBI, Maria Cristina. **Na trilha juvenil da mídia: dos suplementos teen para as tecnologias digitais**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. **La juventude es más que una palabra**. Bibliografía sobre Nuevos Objetos de la comunicación a disposición: Juventud. Facultad de Periodismo y Comunicación Social de la Universidad Nacional de La Plata. Argentina, 2011. Disponível em: <https://perio.unlp.edu.ar/catedras/contenido/juventud>. Acesso em: 15 jun. 2019.

MARTÍN BARBERO, Jesús.. Uma aventura epistemológica – entrevistado por Maria Immacolata Vassalo de Lopes. **MATRIZES**, São Paulo, v. 2, n. 2, 2009, p. 143-162. Disponível em: www.revistas.usp.br/matrizes/article/download/38228/41001/. Acesso em: 30 mar. 2019.

MARTÍN BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 6. ed. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2015.

PAIM, Denise da Cruz; et al. A organização midiática de um ethos de periferia a partir de narrativas televisivas. **Revista Barbaroi**, n. 36, Santa Cruz do Sul, Jun. 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-65782012000100003. Acesso: 7 fev. 2017.

Jornalismo e pobreza: as vozes das classes populares na reportagem televisiva

Rafael Rangel Winch¹ – Doutorado

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Daiane Bertasso

Linha de Pesquisa: Jornalismo, Cultura e Sociedade

Palavras-chave: telejornalismo; classe social; pobreza; discurso; vozes.

A pesquisa apresenta como objeto de estudo as relações entre os marcadores de classe social e o discurso jornalístico sobre a pobreza. A hipótese é a de que o discurso jornalístico situa os dizeres das classes populares em posições de ilustração, descrição e lamentação em detrimento de posições de saber, decisão e proposição. Esse modo de valoração das vozes interfere na forma como o fenômeno é apreendido pelo telejornalismo. Embora a tese focalize a classe social no discurso jornalístico, tal conceito não é pensado de maneira isolada e indiferente à clivagens igualmente relevantes na distinção dos sujeitos, como raça e gênero, por exemplo. Pretende-se, como objetivo da pesquisa, compreender como os marcadores de classe social interferem na forma como a pobreza é apreendida pelo discurso jornalístico.

Esse propósito encaminha uma análise discursiva (AD) de grandes reportagens televisivas sobre o tema. As matérias constituintes do *corpus* são oriundas dos seguintes programas jornalísticos *Caminhos da Reportagem (TV Brasil)*; *Câmera Record (Rede Record)*; *Conexão Repórter (SBT)*; *Documento Verdade (RedeTV!)*; *Globo Repórter (Rede Globo)*. Ao assumir a complexidade dos discursos produzidos por esses programas, observa-se os modos como a classe social atua nos arranjos e encaixes de dizeres das reportagens, colaborando, muitas vezes, na manutenção de posições pré-estabelecidas para os sujeitos das classes populares. Os noticiários televisivos constroem o mundo por meio de textos, sons e imagens, a partir de sua janela particular, o que abrange desde aspectos técnicos e estéticos de cada meio até diretrizes relativas à política editorial da emissora responsável pela produção e veiculação do telejornal (COUTINHO, 2009, p. 107).

Igualmente pertinente para a investigação é a dimensão sociocultural manifesta no discurso jornalístico e nas interpretações desse. A seleção de temas e acontecimentos seus consequentes processos de apuração, edição e narração não se dão de modo alheio ao imaginário e aos valores sociais inscritos em nossa cultura. Logo, as vozes visibilizadas e amplificadas pelo telejornalismo – e seus marcadores de classe – extrapolam conformações midiáticas, uma vez que ecoam, antes de tudo, no mundo social. Os dizeres produzidos pelo jornalismo não raras vezes enfocam a situação das classes populares apenas num plano in-

dividual, sem incluir os processos históricos que estruturam a desigualdade social brasileira. Assim, consideram apenas as características dos indivíduos para explicar uma condição de pobreza e miséria, bem como apelam para leis econômicas, apresentando-as como naturais, imutáveis e independentes da ação humana (REGO, PINZANI, 2013). Reconhecer a complexidade em torno da pobreza pressupõe entendê-la como algo não imanente aos sujeitos, mas uma consequência perversa dos processos históricos de exclusão social.

O jornalismo, delimitado por suas condições de produção discursiva, pode tanto reproduzir sentidos conservadores acerca da problemática, como, também, romper com percepções unidirecionais e naturalistas sobre o fenômeno. Tais possibilidades estão fortemente relacionadas aos modos como as vozes das classes populares estão inscritas em um dado discurso. Para além do mapeamento, discussão e compreensão dos marcadores de classe social nas vozes do discurso jornalístico sobre a pobreza, a pesquisa pode abrir caminho para o telejornalismo pensar em outros possíveis arranjos de dizeres das classes populares, isto é, outros modos de valoração das vozes dos mais pobres. Uma vez que se parte da perspectiva conceitual-metodológica da AD para pensar a conformação desses dizeres, as vozes são pensadas em sua historicidade e em suas articulações interdiscursivas. Isso significa que, embora o gesto analítico se volte para o discurso jornalístico sobre a pobreza, entende-se que os modos de valoração das vozes estão dispersos e legitimados no espaço social, o que não invalida o esforço em problematizar esse processo em reportagens do telejornalismo.

Nota

¹ Bolsista Fapesc/Capes. Integrante do Grupo de Pesquisa Transverso.

Referências

COUTINHO, Iluska. Lógicas de produção do real no telejornal: a incorporação do público como legitimador do conhecimento oferecido nos telenoticiários. In: GOMES, Itania Maria Mota (org.). **Televisão e Realidade**. Salvador: EDUFBA, 2009.

REGO, Walquíria Leão; PINZANI, Alessandro. **Vozes do Bolsa Família**: autonomia, dinheiro e cidadania. São Paulo: Unesp, 2013.

TEORIAS DO JORNALISMO, CRÍTICA DE MÍDIA E VALORES PROFISSIONAIS

Imprensa e educação: A posição editorial dos principais jornais brasileiros a partir da proposta política do movimento Escola Sem Partido - Alexandro Kichileski

Hegemonia e práxis jornalística contra-hegemônica - Clarissa Peixoto

Notícias autodestrutivas: produção de conteúdo jornalístico na pós-modernidade - Ingrid Pereira de Assis

Percurso da pesquisa para avaliar a correlação das condições laborais dos jornalistas e a qualidade da informação - Janara Nicoletti

Autocrítica jornalística pelo trabalho dos ombudsmans - Juliana de Amorim Rosas

Jornalismo e democracia no Brasil: uma trajetória de pesquisa - Marcionize Elis Bavaresco

Complexidades identitárias em Santa Catarina: Análise de narrativas de rivalidade entre times catarinenses na mídia esportiva impressa local - Matheus Simões Mello

Imprensa e Educação: a posição editorial dos principais jornais brasileiros a partir da proposta política do movimento Escola Sem Partido

Alexandro Kichileski – Mestrado

Orientador: Prof. Dr. Carlos Locatelli

Linha de Pesquisa: Jornalismo, Cultura e Sociedade

Palavras-chave: Jornalismo; Escola Sem Partido; editorial; Educação.

A pesquisa propõe identificar o posicionamento editorial dos jornais *Folha de S. Paulo*, *Estado de S. Paulo* e *O Globo* a partir das propostas políticas do movimento Escola Sem Partido (ESP). O movimento foi criado em 2004 com o objetivo de denunciar as doutrinações ideológicas existentes nas instituições educacionais. A justificativa do ESP é embasada na ideia que a escola, o currículo e o trabalho pedagógico não devem entrar no campo das convicções morais, religiosas e políticas do educando.

O embasamento teórico parte da compreensão da Esfera Pública (HABERMAS, 2014; SILVA, 2002; ESTEVES, 2003; GOMES, 2008; MAIA, 2008) a entendendo como uma engrenagem social que busca soluções coletivas publicamente discutidas, formuladas e deliberada fazendo valer os interesses da sociedade civil. Na esfera pública, os meios de comunicação, em especial o jornalismo, têm forte influência por agirem, simultaneamente, como agentes políticos e dispositivos que oferecem visibilidade aos demais atores envolvidos. A Educação é compreendida em relação com a sociedade (ADORNO, 1995; BOURDIEU; PASSERON, 1975; DURKHEIM, 2011) respaldando seus aspectos objetivos de reprodução social, bem como sua potencialidade na formação emancipatória. Da teoria da educação são destacadas as principais tendências pedagógicas (LIBÂNEO, 1990; SAVIANI, 2005) que balizam a atividade pedagógica nas instituições escolares.

O problema que a dissertação procura responder é: diante das propostas políticas do movimento Escola Sem Partido como se posicionaram, editorialmente, os principais jornais brasileiros? A escolha de Editoriais se dá sobretudo no reconhecimento de que o editorial mostra a agenda, o posicionamento do próprio jornal. E, como intérprete, exerce o papel de agente político ao pressionar, com suas opiniões, o que julga mais adequado. O Editorial é o gênero jornalístico que vai expressar a opinião oficial da empresa diante os acontecimentos de maior repercussão ou importância social do momento. Reflete os consensos que emanam dos diferentes núcleos que participam da propriedade e organização do jornal (BELTRÃO, 1980; MARQUES DE MELO, 2003). O *corpus* é composto pelos editoriais dos jornais publicados 9ª Jornada Discente | PPGJOR-UFSC

entre o período que compreende janeiro de 2014 a dezembro de 2018, tempo que constitui a criação e arquivamento de projetos de lei reforçando as propostas do Escola Sem Partido no Congresso Nacional.

Metodologicamente a análise dos editoriais ocorrerá com adaptação da análise crítica do discurso (FAIRCLOUGH, 2001). A prática discursiva necessita ser analisada no contexto interdiscursivo, compreendendo e contextualizando a situação histórica, política e ideológica no qual o texto está inserido. Para organizar e analisar o objeto empírico será utilizado o enquadramento (MAIA, 2009), colaborando na compreensão dos editoriais e dos acontecimentos circunscritos no texto, gerando esquemas interpretativos no processo de estruturação de sentido, relacionando com a dinâmica social.

A leitura crítica dos editoriais favorece a compreensão de como as instituições jornalísticas pretendem coagir os dirigentes do Estado sobre os assuntos públicos, bem como na constituição da Opinião Pública. Os resultados preliminares da análise indicam que os jornais corroboram com as denúncias de doutrinação, porém, discordam do procedimento proposto pelos projetos de lei, considerando uma via autoritária e paternalista.

Referências

- ADORNO, T.W. **Educação e Emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 1995.
- BELTRÃO, L. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J. **A Reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora S/A, 1975.
- DURKHEIM, E. **Educação e Sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- ESTEVES, J. **Espaço público e democracia**: comunicação, processo de sentido e identidade social. São Leopoldo: Unisinos, 2003.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2001.
- GOMES, W. Da discussão a esfera pública. In: GOMES, W.; MAIA, R.C. **Comunicação e democracia**: problemas e perspectiva. São Paulo: Paulus, 2008.
- HABERMAS, J. **Mudança estrutural da esfera pública**. São Paulo: Ed. Unesp, 2014.
- LIBÂNEO, J. C. **Democratização da Escola Pública**. São Paulo: Loyola, 1990.
- MAIA, R.; MOREIRA, C. (org.). **Mídia e democracia deliberativa**. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- MAIA, R. Debates públicos na mídia: enquadramentos e trocas públicas de razões. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, 2009.
- MARQUES DE MELO, J. **Jornalismo opinativo**: gêneros opinativos no jornalismo. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.
- SAVIANI, D. **Escola e Democracia**. Campinas: Autores Associados, 2005.
- SILVA, F. **Espaço Público em Habermas**. Lisboa: Instinto de Ciências Sociais, 2002.

Hegemonia, Jornalismo e conhecimento: possíveis leituras sobre práxis jornalística contra-hegemônica

Clarissa Peixoto¹ – Mestrado

Orientadora: Prof. Dr. Samuel Pantoja Lima

Linha de Pesquisa: Jornalismo, Cultura e Sociedade

Palavras-chave: Jornalismo; hegemonia; contra-hegemonia; conhecimento; práxis.

A crítica ao jornalismo tradicional não se restringe a uma reação à falta de rigor diante de um conjunto de concepções teóricas. Cabe a ela observar, em uma perspectiva histórica, os interesses econômico-políticos que antecipam a atividade jornalística e a direção ideológica que funda a sua própria teoria. Nessa perspectiva, o jornalismo está condicionado à realidade material, objetiva, atuando como agente para transformá-la e sofrendo as modificações que ela impõe. É uma arena da disputa de ideias, com capacidade de influenciar a sociedade, convencionando determinada visão de mundo e estimulando uma certa lógica de pensamento e ação.

Essa percepção fomenta um conjunto de iniciativas jornalísticas de contestação, conhecidas como alternativas, independentes, à margem, contra-hegemônicas. Elas buscam se diferenciar de certo padrão estabelecido e atuam balizadas por elementos éticos-morais da profissão. Apresentam visões de mundo dissonantes daquelas reproduzidas pelo jornalismo alinhado aos interesses dominantes, refletindo a resistência à hegemonia, em geral, realizada por meio dos movimentos sociais.

Esta pesquisa é uma exploração teórica cujo objeto de estudo é o jornalismo como instrumento de resistência ao sistema hegemônico. Busca-se, a partir das conexões entre a teoria da hegemonia gramsciana e o jornalismo como forma de conhecimento, pensar possíveis leituras de uma práxis jornalística contra-hegemônica. O estudo se baseia na teoria da hegemonia de Gramsci², articulada à sua concepção de conhecimento e de práxis jornalística. Apresenta-se a perspectiva histórica e teórica, partindo-se da noção de jornalismo como forma de produção de conhecimento e relacionando-a à práxis jornalística no atual contexto hegemônico. Reflete, ainda, sobre as experiências jornalísticas alternativas no Brasil, considerando o papel dos movimentos sociais e do ativismo comunicacional, da cultura digital e do jornalista. A partir das reflexões preliminares, pretende-se realizar o cruzamento conceitual das práticas jornalísticas hegemônicas e contra-hegemônicas, propondo possíveis

leituras de uma práxis anti-hegemônica no jornalismo.

Compreender o jornalismo a partir da chave conceitual da hegemonia requer pensar a práxis jornalística como reflexo das relações de poder e de direção ideológica da sociedade. Primeiro, porque a hegemonia se realiza em uma unidade teórico-prática, cimentada por uma ideologia capaz de conformar as relações produtivas e sociais em torno de certo consenso. Depois, porque as forças que articulam um conjunto hegemônico prescindem desse consenso constituído no discurso; logo, o jornalismo é um espaço público importante que promove no cotidiano a ideologia dominante.

Por outro lado, as forças que compõem determinado arranjo hegemônico não são estanques. Considerando as condições históricas e conjunturais, é possível que uma nova aglutinação de forças se realize, reconfigurando um novo bloco histórico e rearticulando uma nova vontade coletiva, segundo a perspectiva gramsciana. Seguindo esta percepção, é possível pensar o jornalismo como um instrumento de ação contra-hegemônica, na qual outras visões de mundo que se contraponham ao consenso dominante possam ser apresentadas à sociedade.

O que justifica este tema de pesquisa é a compreensão de que o jornalismo é um espaço de debate público e luta política no campo das ideias, no qual os conhecimentos préestabelecidos por uma lógica hegemônica podem ser questionados, embora, ele também reproduza essa visão de mundo dominante, num dado momento histórico. Neste sentido, pesquisar características do jornalismo a partir da lógica de quem resiste ao pensamento dominante pode gerar discussões que melhorem as práticas e apontem outras perspectivas teórico-práticas para o jornalismo. Outro fato que justifica o interesse pelo jornalismo contrahegemônico é a crise do modelo tradicional, que atinge não somente o financiamento do negócio jornalístico, mas também a sua credibilidade, desembocando numa crise de relacionamento com seus diferentes públicos (assinantes, leitores, audiências, anunciantes, investidores, *stakeholders* no geral). Esse cenário fomenta a criação de novos empreendimentos jornalísticos, independentes de grandes grupos econômicos e políticos, se tornando uma alternativa de sobrevivência para os profissionais da área.

Notas

¹Integrante do Grupo de Pesquisa Observatório de Ética Jornalística (ObjETHOS).

²A referência à obra de Gramsci foi extraída dos Cadernos do Cárcere, volumes 1, 2 e 3, editados pela Civilização Brasileira.

Notícias autodestrutivas: produção de conteúdo jornalístico na pós-modernidade

Ingrid Pereira de Assis¹ – Doutorado

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cárilda Emerim

Coorientador: Prof. Dr. Pedro Almeida (Universidade de Aveiro, Portugal)

Linha de Pesquisa: Tecnologias, Linguagens e Inovação no Jornalismo

Palavras-chave: notícia autodestrutiva; Semiótica discursiva; plataformas de redes sociais.

O objetivo da pesquisa é conceituar notícia autodestrutiva, compreendendo como ela se constitui (plano de conteúdo) e de que forma ela se apresenta (plano de expressão – visualidades). Integram o *corpus* de análise, as postagens dos perfis dos portais brasileiros *Uol*, no Snapchat, e do *G1*, nas Stories do Instagram; e do portal português *Público.pt*, também na plataforma de rede social (BOYD; ELLISON, 2013) Instagram. As postagens de cada perfil foram coletadas pelo período de um mês, variando em quantidade devido às diferenças de periodicidade entre os perfis analisados.

O objeto de estudo, portanto, é a conceituação de notícias autodestrutivas e a compreensão sobre como ela se configura, observando a sua relação com a efemeridade (BAUMAN, 2001). Serão cumpridos, ainda, alguns objetivos específicos, tais como: reconhecer os elementos visuais que compõem a notícia autodestrutiva produzida pelo *Uol*, *G1* e *Público*; observar as similaridades e diferenças visuais entre a notícia autodestrutiva brasileira e a portuguesa; identificar se estas narrativas jornalísticas são multimodais e apresentam um caminho transmidiático, a partir dos elementos verbo-visuais das postagens analisadas; acompanhar a rotina de produção dessas notícias autodestrutivas do portal *Público.pt*; entrevistar os profissionais responsáveis pela produção dessas notícias para compreender as escolhas realizadas ao longo deste processo de produção; por fim, compreender a interferência da efemeridade na visualidade desses textos-postagens produzidos para tais plataformas de redes sociais.

A pesquisa se sustenta metodologicamente na Semiótica Discursiva (GREIMAS, 1975), que permite compreender “o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz” (BARROS, 2005, p. 11). Para isso, faz uso de procedimentos metodológicos detalhados por Cárilda Emerim (2014 e 2016), que são amoldados a esta investigação, dentre eles: a decupagem do material coletado, objetivando a decomposição de materiais (do som e do vídeo) para mapear os elementos constituintes do objeto empírico; e as análises dos planos de conteúdo e de expressão do *corpus*. Além desses, serão realizadas entrevistas em profundidade com jorna-

listas das redações selecionadas e observação não participante nas redações.

Atualmente, a pesquisadora cumpre o estágio de doutorado sanduíche, na Universidade de Aveiro, em Portugal. Este estágio é supervisionado pelo professor doutor, Pedro Almeida. A realização desta etapa em solo português permitiu incluir o perfil do *Público.pt* na análise e aproximar esta pesquisa do centro de pesquisa interdisciplinar, *Digital Media and Interaction* (DigiMedia).

Nota

¹O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Integrante do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo (GipTele)

Referências

BARROS, D. L. P. de. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 2005.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOYD, Danah M.; ELLISON, Nicole B. Sociality through Social Network Sites. In: DUTTON, W. H. **The Oxford Handbook of Internet Studies**. Oxford: Oxford University Press, 2013 (p. 151-172).

EMERIM, Cárlica. Semiótica discursiva: aplicação na pesquisa em jornalismo. In: SCÓZ, SCÓZ, Murilo; VANDRESSEN, Monique; OLIVEIRA, Sandra Ramalho (org.). **Proposições interativas: modos de produzir sentidos**. Florianópolis: Ed. UDESC, 2016.

EMERIM, Cárlica. Telejornalismo e Semiótica Discursiva. In: VIZEU, Alfredo *et al.* (org.). **Telejornalismo em questão**. Coleção Jornalismo Audiovisual. v. 3. Florianópolis: Insular, 2014.

GREIMAS, A. J. **Sobre o sentido**: ensaios semióticos. Editora Vozes, 1975.

Percurso da pesquisa para avaliar a correlação das condições laborais dos jornalistas e a qualidade da informação

Janara Nicoletti – Doutorado

Orientador: Prof. Dr. Jacques Mick

Linha de Pesquisa: Jornalismo, Cultura e Sociedade

Palavras-chave: precarização; condições laborais dos jornalistas; qualidade jornalística.

Esta pesquisa de doutorado segue duas escolas de investigações já consolidadas no campo dos Estudos do Jornalismo, porém, apresenta uma perspectiva complementar ao analisar a correlação entre as condições de trabalho dos jornalistas e a qualidade da informação veiculada à sociedade. As duas dimensões investigadas permitem abordagens e perspectivas teóricas e metodológicas diversas¹, além de ambas sofrerem influências econômicas, sociais e culturais – variâncias que precisam ser ponderadas durante o desenvolvimento dos instrumentos de pesquisa, coleta e análise de dados.

Diante disso, foi desenvolvida uma proposta de modelo de análise para avaliar o nível de precarização do ambiente laboral, por meio de uma escala entre zero (0) e um (1). Quanto pior a nota, pior é a condição de trabalho. O mesmo se aplica à qualidade do produto. Para tanto, inspirou-se nos estudos sobre *job quality* (BUSTILLO *et al*, 2011) que apresentam um índice de qualidade do trabalho para conseguir identificar as variações dela entre vários países.

O modelo de análise de correlação entre condições de trabalho dos jornalistas e qualidade da informação se utiliza de técnicas de análise estatística (CONNOLLY; SLUCKIN, 1971; BARBETTA, 2006) para a construção das duas escalas. A primeira, “Qualidade Laboral dos Jornalistas”, é resultante dos índices: Condições de trabalho, Desempenho Profissional e Satisfação. A segunda, “Qualidade Percebida no Produto” agrega os índices: Qualidade percebida por Edição e Qualidade Percebida na manchete, mais três variáveis sobre o perfil geral do produto. A correlação dos conjuntos de indicadores presentes nos dois grupos é avaliada por meio do Coeficiente de Correlação de Pearson. Por fim, a interpretação dos dados é feita de forma qualitativa.

Para chegar nesta proposta foram percorridas as seguintes etapas: 1) desenvolvimento de matriz unificada de indicadores de condições de trabalho e qualidade da informação; 2) criação dos instrumentos de pesquisa: survey (BABBIE, 2003) e Protocolo de Análise de Conteúdo (BARDIN, 1999); 3) pré-teste: modelagem da proposta de análise, em dezembro de 2018; 4) piloto: survey com jornalistas (abril a junho de 2019) e análise de conteúdo (jornal impresso regional); 5) correlação piloto: observação da efetividade do modelo de análise, suas limitações e potencialidades.

Nota

¹Algumas referências: Schudson (1981); Accardo (1995); Willnat e Weaver (2012); Mick e Lima (2013); Örnebring (2016); Hanitzsch et al (2019); Cerqueira (2010); Anderson et al (2014); Lacy e Rosenstiel (2015); Picard (2000); Druck (2011); Alves (2013); Antunes (2015); Standing (2014); Sennet (2015).

Referências

- ACCARDO, A. **Journalistes au quotidien**: essais de socioanalyse des pratiques journalistiques. Bordeaux: Le Mascaret, 1995.
- ALVES, G. **Dimensões da precarização do trabalho**: ensaios de Sociologia do Trabalho. Bauru: Canal 6 Editora, 2013.
- ANDERSON, P. J. *et al.* **The future of quality news journalism**. Londres: Routledge, 2014.
- ANTUNES, R. **O caracol e sua concha**: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2015.
- BABBIE, E. **Métodos de Pesquisas de Survey**. 2 reimpressão. Editora UFMG: Belo Horizonte, 2003.
- BARBETTA, P. A. **Estatística aplicada às ciências sociais**. 6. ed. Editora da UFSC: Florianópolis, 2006.
- BUSTILLO, R. M. *et al.* **Measuring more than money**: the social economics of job quality. Edward Elgar: Glos, Northampton, 2011.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Edições 70: Lisboa, 1999.
- CERQUEIRA, L. A. E. **Qualidade jornalística**: ensaio para uma matriz de indicadores. Unesco: Representação do Brasil, Brasília, 2010.
- COHEN, B. H.; LEA, R. B. **Essentials of Statistics for the Social and Behavioral Sciences**. John Wiley & Sons: New Jersey, 2004.
- CONNOLLY, T. G.; SLUCKIN, W. **An introduction to statistics for the social sciences**. 3 ed. Palgrave Macmillan: London, 1971.
- DRUCK, G. Trabalho, precarização e resistências: novos e velhos desafios? **Caderno CRH**. Salvador, v. 24, n. 01, p. 37-57, 2011.
- HANITZSCH, T. *et al.* **Worlds of journalism**: journalistic cultures around the worlrs. Columbia University Press: New York, 2019.
- LACY, S.; ROSENSTIEL, T. **Defining and measuring quality journalism**. New Brunswick: Rutgers, 2015.
- MICK, J.; LIMA, S. **Perfil do jornalista brasileiro**: características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012. Florianópolis: Insular, 2013.
- ÖRNEBRING, H. **Newsworkers**: a comparative European perspective. New York: Bloomsbury Academic, 2016.
- PICARD, R. (org.). **Measuring media content, quality, and diversity**: approaches and issues in content research. Turku: Kirjapaino Grafia Oy, 2000.
- SENNET, R. **A corrosão do caráter**: as conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 2015.
- SCHUDSON, M. **Discovering the news**: a social history of American newspapers. New York: Basic Books, 1981.
- STANDING, G. **O precariado**: a nova classe perigosa. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- WILLNAT, L.; WEAVER, D. H. **The Global journalist in the 21st Century**. New York: Routledge, 2012.

Autocrítica jornalística pelo trabalho dos ombudsmans

Juliana de Amorim Rosas¹ – Doutorado

Orientadora: Prof. Dr. Rogério Christofoletti

Linha de Pesquisa: Jornalismo, Cultura e Sociedade

Palavras-chave: Jornalismo; ombudsman; autocrítica; *press criticism*.

A autocrítica do jornalismo impresso brasileiro pelo trabalho do ombudsman – uma análise da era áurea (1990) e dos dias atuais – é o objeto desta pesquisa, que utiliza referências bibliográficas para refletir sobre o papel da autocrítica jornalística, em especial do ombudsman, na Teoria da Crítica de Imprensa desenvolvida pela autora americana Wendy Wyatt – uma teoria normativa que tem como principal inspiração a teoria discursiva de Jürgen Habermas. O objetivo é tomar a teoria de Wyatt como base e discuti-la frente ao trabalho do ombudsman de imprensa. Propomos uma análise teórica do ombudsman pela luz desta teoria e apresentamos a importância da atribuição do defensor do leitor dentro do jornal, do jornalismo e do seu papel normativo para a democracia, tendo uma função positiva dentro da Teoria da Crítica de Imprensa.

O estudo aspira verificar características de continuidade e descontinuidade das experiências; tipologias e modelizações de crítica; dimensões e influências na autocrítica jornalística. Trabalha-se com a hipótese de que, ao contrário do que ocorreu nos Estados Unidos, a crítica do ombudsman no Brasil já nasce no estilo *watchdog*. Realiza-se, em primeira etapa, análise das experiências de ombudsman de imprensa em três jornais brasileiros: *Correio da Paraíba*, *Folha de S. Paulo* e *O Povo*, do Ceará do ano de 1995, escolhidas pela permanência, temporalidade, pioneirismo e representatividade (jornalística e regional) e pelo ano coincidente entre os três jornais citados. Na segunda etapa, esse resultado é confrontado com as experiências de ombudsman remanescentes no país (*Folha* e *O Povo*), verificando mudanças e/ou permanências no estilo e sua relevância frente à pulverização da crítica, especialmente em espaços online.

A partir da base teórica adotada (WYATT, 2007), que se baseia numa perspectiva habermasiana e deliberacionista de crítica de imprensa, com o jornalismo tendo o objetivo normativo de servir à democracia, na pesquisa para doutorado sanduíche em desenvolvimento, iremos testar algumas hipóteses de análise no jornalismo alemão, para em seguida confrontá-lo com as evidências encontradas no exame das colunas de ombudsman escolhidas. A metodologia empregada é a Análise de Conteúdo, onde se estabelecem categorias e tipolo-

gias das colunas públicas de crítica produzida pelos profissionais. Ao longo da pesquisa, são utilizados conceitos de *accountability* no jornalismo, *media criticism* e ética jornalística. A base teórica é a Teoria da Crítica de Imprensa, com perspectivas habermasianas sobre democracia deliberacionista.

Nota

¹O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Almedina Brasil, 2012.

BERTRAND, Claude-Jean. **O arsenal da democracia**. Bauru: EDUSC, 2002.

BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta sua mídia** - dispositivos sociais de crítica midiática. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2006.

HAAS, Tanni. Mainstream News Media Self-Criticism: A Proposal for Future Research. **Critical Studies in Media Communication**. v. 23, n. 4, October 2006, p. 350-355.

MAIA, Kênia Beatriz Ferreira. A modelização e o discurso de legitimação profissional do ombudsman de imprensa. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 1, n. 2 - 2º Semestre de 2004, p. 101-115.

MATA, Maria José. **A autocrítica no jornalismo**. Minerva Coimbra, 2002

VALA, Jorge. A análise de Conteúdo. In: SILVA, Augusto Santos; PINTO, José Madureira. **Metodologia das Ciências Sociais**. Porto: Edições Afrontamento, 1986.

WYATT, Wendy. **Critical Conversations** – A theory of press criticism. Broadway: Hampton Press, 2007.

Jornalismo e democracia no Brasil: uma trajetória de pesquisa

Marcionize Elis Bavaresco¹ – Doutorado

Orientador: Prof. Dr. Carlos Locatelli

Linha de Pesquisa: Jornalismo, Cultura e Sociedade

Palavras-chave: Jornalismo; Teoria do Jornalismo; Teoria Democrática; legitimidade.

A pesquisa da qual deriva este resumo foi iniciada no segundo semestre de 2017 e está em pleno desenvolvimento, motivo pelo qual as considerações aqui expostas podem ser provisórias, já que ainda passarão por um processo de maturação até a conclusão das análises, conexões e avaliação das hipóteses construídas até o momento. Na etapa atual, a intenção é compreender as principais linhas teóricas que sustentaram as pesquisas sobre a relação entre Jornalismo e Democracia no Brasil nas duas primeiras décadas do século XXI.

O que se constatou, até o momento, é que o tema é investigado majoritariamente por duas grandes áreas: Comunicação e Sociologia/Ciência Política. Nas pesquisas feitas na área do Jornalismo a temática ainda ocupa pouco espaço, especialmente porque a relação entre Jornalismo e Democracia é mobilizada enquanto pressuposto, que sustenta a legitimidade do Jornalismo e/ou a importância de pesquisá-lo².

A consequência dessa hegemonia das pesquisas feitas pela área da Comunicação e da Sociologia/Ciência Política parece ser uma desvinculação das pesquisas sobre Jornalismo e Democracia da *práxis* jornalística. Ou seja, esses estudos focam nas repercussões sociais do fazer jornalístico, mas não dão conta dos processos desse fazer. A maneira mais fácil de categorizar os trabalhos é em pesquisas com uma visão ‘positiva’ do Jornalismo e pesquisas com uma visão ‘negativa’ do Jornalismo, grande parte delas embasada por análises empíricas qualificadas e que sustentam seus argumentos.

Contudo, essas análises contraditórias contribuem pouco para a compreensão do Jornalismo como um todo, já que, em certa medida, os estudos se referem a tipos específicos de Jornalismo e a tipos específicos de Democracia (STRÖMBÄCK, 2005; SOARES, 2009; BAKER, 2004), embora nem sempre esses conceitos estejam definidos de maneira clara (como já argumentei em trabalhos anteriores: BAVARESCO, 2018; BAVARESCO, 2019). Nesse sentido, a busca é por preencher lacunas identificadas na Teoria do Jornalismo em suas tentativas de demonstrar a legitimidade do Jornalismo enquanto fomentador da democracia.

Na pesquisa em curso se investigam os constantes questionamentos acerca da legiti-

midade do Jornalismo nas sociedades democráticas contemporâneas, de modo a possibilitar a construção de um arcabouço teórico-analítico fundamentado na área de pesquisa do Jornalismo. Isso não quer dizer que o estudo se desenha exclusivamente com a Teoria do Jornalismo, pelo contrário, são mobilizadas teorias e metodologias de outras áreas do conhecimento, especialmente da Teoria Democrática, para avançar na fundamentação teórica dos estudos jornalísticos.

Isso requer desconstruir o paradigma de que o Jornalismo é “fundamental para a Democracia” para construir um arcabouço teórico-analítico que possibilite compreender “a que Jornalismo e a qual Democracia” se está fazendo referência ao apontar essa relação. Dessa forma, a intenção é esboçar ferramentas de compreensão que deem ênfase para aquilo que o jornalismo é, de fato, e não para aquilo que ele deveria ser. Isso sem desmerecer as pesquisas que possuem um fundo normativo, pelo contrário, valorizando-as a partir da constituição de um terreno mais sólido sobre o qual elas possam se desenvolver.

Notas

¹O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Integrante do Grupo de Pesquisa Jornalismo, Cultura e Sociedade.

² Não me estenderei, aqui, nos critérios adotados para a categorização dos trabalhos, esse aspecto metodológico será minuciosamente descrito na tese.

Referências

BAKER, C. Edwin. *Media, Markets and Democracy*. eBook. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

BAVARESCO, Marcionize Elis. Que jornalismo para que democracia? Uma análise introdutória de concepções expressas por organizações empresariais e por pesquisadores. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 16. *Anais [...]*. Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor): São Paulo, 2018.

BAVARESCO, Marcionize Elis. A legitimidade jornalística em questão: um diálogo entre a Teoria do Jornalismo e a Teoria Democrática. In: CONGRESSO COMPOLÍTICA, 8. *Anais [...]*. Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política: Brasília, 2019.

SOARES, Murilo César. *Representações, jornalismo e a esfera pública democrática*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

STRÖMBÄCK, Jesper. In search of a standard: Four models of democracy and their normative implications for journalism. *Journalism Studies*, v. 6, n. 3, p. 331–345, 2005.

Complexidades identitárias em Santa Catarina: narrativas de rivalidade entre times catarinenses na mídia esportiva impressa local

Matheus Simões Mello¹ – Doutorado

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cárilda Emerim

Linha de Pesquisa: Jornalismo, Cultura e Sociedade

Palavras-chave: Jornalismo esportivo; narrativa; identidade; futebol; Santa Catarina.

Ainda que sem o mesmo protagonismo que outras unidades da federação, Santa Catarina dota de rivalidades futebolísticas que envolvem suas respectivas comunidades. Nesse contexto, o futebol se apresenta como um meio fértil não só para enfrentamentos dentro das quatro linhas, mas, também, para a evocação de disputas políticas e choques entre particularidades locais/regionais. Em meio a isto, tem-se a imprensa esportiva e sua cobertura de agremiações conterrâneas e rivais estaduais. Este pesquisador tem o objetivo de verificar o panorama supracitado, atentando para a cobertura midiática das rivalidades entre os cinco principais clubes catarinenses: Associação Chapecoense de Futebol (Chapecó), Criciúma Esporte Clube (Criciúma), Joinville Esporte Clube (Joinville) e Figueirense Futebol Clube e Avaí Futebol Clube (ambos de Florianópolis).

Para tanto, são analisados quatro jornais de circulação diária: *Diário do Iguazu* (Chapecó), *A Tribuna* (Criciúma), *A Notícia* (Joinville) e *Diário Catarinense* (Florianópolis). Nosso recorte abrange exemplares veiculados entre 2009 e 2018. Optou-se por selecionar edições que repercutem partidas entre as equipes mencionadas e momentos-chave da trajetória destas durante o período, seja em glórias (títulos, classificações e promoções) ou fracassos (eliminações e rebaixamentos). Com essa filtragem, chegou-se a 328 exemplares. Parte-se da hipótese de que tais publicações evocam determinadas características e estereótipos locais para construir narrativas acerca dos torcedores da(s) equipe(s) conterrânea(s) e, por conseguinte, dos demais habitantes do município onde estão situadas, o que também acaba por delimitar os rivais estaduais como alteridades.

Para o desenvolvimento analítico deste estudo, opta-se por utilizar movimentos da Análise Crítica da Narrativa, idealizada por Luiz Gonzaga Motta (2013). Tendo em mente que a pesquisa ainda está em curso, não se pode trazer apontamentos concretos e definitivos. No entanto, análises de fragmentos do recorte e *corpus* afins evidenciam, por exemplo, a frequente extensão dos sentimentos clubísticos à cidade, como se tais instâncias fossem

homogêneas e indivisíveis (MELLO, 2016; 2018). Esse comportamento pode ser associado ao fenômeno denominado por Barkin (1987) como *boosterism*. Em suma, trata-se de uma promoção demasiadamente entusiasmada de algum feito esportivo local. O veículo que exerce o *boosterism* almeja, por um lado, estabelecer-se como porta-voz dos anseios locais e, por outro, aproveitar-se dessa proximidade construída para induzir interesses e narrativas à audiência. O *boosterism* fica ainda mais explícito quando, por exemplo, admite-se apoio e incentivo a uma agremiação conterrânea, como foi o caso de *A Notícia*, na edição que repercutiu o título da Série C do Campeonato Brasileiro conquistado pelo Joinville Esporte Clube. Nesta, mais precisamente no editorial, o editor-chefe Domingos Aquino escreve:

Foi no último trimestre de 2009, em uma reunião de trabalho com a equipe de esportes, que “AN” tomou uma decisão incomum no jornalismo contemporâneo: assumir um lado, passar a fazer uma cobertura absolutamente paroquial e torcedora pela redenção do JEC (AQUINO, 2011, p. 4).

Inserir-se, abertamente, como torcedor do Jec, como fez Aquino no trecho transcrito acima, não significa somente partilhar os sentimentos ocasionados pelo clube, mas, também, o tratamento diante das rivalidades. E, nesse sentido, o desenvolvimento analítico, ainda em curso, nos indica um possível fluxo de rivalidade mais volumoso no sentido interior-capital do que capital-interior, o que pode ser explicado por dois fatores: a) por um lado, o anseio das localidades interioranas em medir forças com a capital, disputa que transcende a esfera esportiva; b) por outro, o fato de Florianópolis possuir sua própria rivalidade cidadina.

Nota

¹O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Referências

- AQUINO, D. Um jornal ao lado do JEC. *A Notícia*, Joinville, p. 4, 5 dez. 2011.
- BARKIN, S. M. Local news television. *Critical Studies in Mass Communication*, Washington, v. 4, n. 1, p. 79-82, 1987.
- MELLO, M. S. Complexidades identitárias em Santa Catarina: delimitações e apontamentos preliminares sobre futebol e imprensa em Joinville. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 39. *Anais [...]*. São Paulo, SP, 2016.
- MELLO, M. S. Complejidades e identidades en Santa Catarina (Brasil): análisis de las narrativas periodísticas construidas en transmisiones radiofónicas de clásicos regionales de fútbol. In: INTERNATIONAL ASSOCIATION FOR MEDIA AND COMMUNICATION RESEARCH, 16. *Anais [...]*. Eugene, OR, Estados Unidos, 2018.
- MOTTA, L. G. F. *Análise Crítica da Narrativa*. Brasília: Editora da UnB, 2013..

JORNALISMO E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Da pauta ao play: metodologia para desenvolvimento de newsgames como ferramenta jornalística

Carlos Nascimento Marciano

Contribuições da África para o ensino de Jornalismo: as experiências de Angola, Moçambique e Cabo Verde

Edwin dos Santos Carvalho

Lacunas em torno da socialização de conhecimentos pelo jornalismo

Janaíne Kronbauer

Desafios e potencialidades do jornalismo popular em sua relação com a comunicação comunitária

Juliana Freire Bezerra

O ensino de jornalismo em meio a transformações do ambiente midiático e a novas diretrizes curriculares nacionais

William Ricardo Boessio

Da pauta ao *play*: metodologia para desenvolvimento de *newsgames* como ferramenta jornalística

Carlos Nascimento Marciano¹ – Doutorado

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rita Paulino

Linha de Pesquisa: Tecnologias, Linguagens e Inovação no Jornalismo

Palavras-chave: *Newsgames*; GDDN ; educação; metodologia.

O uso da tecnologia no jornalismo permite novas maneiras de se contar histórias e a capacidade de imersão dos jogos pode contribuir para o entendimento desses conteúdos. Essa união entre jogos e jornalismo pode ser observada nos *newsgames*, jogos cujo enredo é pautado em fatos jornalísticos, mas que visam não só entreter como também estimular, por meios lúdicos, a compreensão do fato noticiado.

Indo na contra mão das crises econômicas, o mercado de jogos tem faturamento constante, englobando o campo dos *mobiles*, consoles e *boardgames*. Embora o uso dos games para entretenimento seja o principal motivo desse crescimento exponencial, não é de hoje que educadores perceberam o potencial dessa ferramenta e os utilizam em sala de aula para trabalhar os mais variados assuntos, através da linguagem lúdica e até cola borativa.

Nessa linha, Moran (2013) enfatiza a importância de superar a educação tradicional, focando se na aprendizagem do aluno através do diálogo e envolvimento. Inserir os jogos em sala de aula como ferramenta pedagógica complementar, seja na sua produção ou análise, é fazer uso da prática experimental, sistematizada no que Moran (2013) chama de metodologia ativa de aprendizagem.

O uso de jogos jornalísticos em sites de notícias, apesar de crescente, ainda é tímido, e um dos fatores que podem contribuir para o cenário é a falta de conhecimento sobre como produzir esse tipo de conteúdo, que requer conhecimento técnico, equipe multifuncional e, acima de tudo, planejamento para que as informações não fiquem em segundo plano.

Pensando nisso este trabalho visa apresentar uma proposta metodológica sobre o desenvolvimento de *newsgames* com base no planejamento do jogo através do desenvolvimento do Documento de *Game Design* para *Newsgames* (GDDN).

Antes do jornalista ir apurar a matéria, é realizada uma reunião é realizada uma reunião de pauta, ou seja, de pauta, ou seja, uma reunião entre editores e repórteres para definir os acontecimentos que deverão ser uma reunião entre editores e repórteres para definir os acontecimentos que deverão ser noticiados (factuais ou não), bem como as fontes e desdobramentos que o artigo deverá seguir.

A mesma lógica vale para o *newsgame*: antes de realizar o desenvolvimento do jogo é

recomendável que a equipe se reúna, pense nos aspectos técnicos e conceituais do jogo, apresentando assim um *Game Desing Document* (GDD) que sistematize os objetivos da ferramenta e deixe claro de que forma o conteúdo do jogo estará relacionado com a matéria jornalística.

Existem diversos modelos de GDD, mas, de uma forma geral, ele atua como um grande guia, pois detalha para a equipe as etapas de desenvolvimento, incluindo as atividades, cronogramas, recursos, funções e prazos. Rogers (2014) menciona três modelos de GDD, indo do mais simples (uma página), até o mais complexo, rico em detalhes. Nesse meio, está o GDD de dez páginas, retomando alguns elementos que estão presentes na maioria dos jogos desenvolvidos. A proposta do autor é que em cada página seja descrito um ou mais elementos:

página 1 – página de título; página 2 – História e História e *gameplay*; página 3 – Fluxo Fluxo de jogo; página 4 – Personagens e controles; página 5 – Conceitos de *gameplay* e características de plataforma; página 6 – Mundo do jogo; página 7 – Interface; página 8 – Mecânicas e *power-ups*; página 9 – Inimigos e *bosses*; página 10 – *Cutscenes*, materiais bônus e concorrência. (ROGERS, 2014).

Quanto maior o projeto, maior o detalhamento necessário. Já os *newsgames* tendem a ser curtos, com mecânicas simples e gráficos leves por dois fatores: o foco principal do *newsgame* é transmitir o conteúdo noticioso de forma lúdica e sucinta; o tempo é crucial na rotina jornalística, pois em um dia de trabalho o repórter precisa cobrir várias pautas, voltar para a redação para redigi-las, e, em alguns casos, aparecer ao vivo ou fazer a edição do material.

Diante disso, o GDD de dez páginas parece ser uma ótima alternativa para compor a metodologia de desenvolvimento dos *newsgames*. Vale ressaltar, porém, que a peculiaridade dos *newsgames* é justamente o modo como a jogabilidade se relaciona com o tema noticioso.

Sendo assim, este estudo visa sistematizar o desenvolvimento de um *Game Design Document* para *Newsgames* (GDDN), unindo o lead jornalístico com alguns pontos de GDD tradicionais, sistematizando-os assim em 13 tópicos: História (O quê?); Objetivos (Por Quê?); Equipe e Deadline; *Gameplay* e plataforma (Como?); Personagens (Quem?); Inimigos; Universo do Jogo (Onde? Quando?); Controles; Câmera; Interface; *Cutscenes*; Cronograma; Orçamento.

Em um momento tão promissor para os Jogos Digitais, incentivar o uso de novas ferramentas com o propósito jornalístico é extremamente relevante. Assim, a disseminação e aplicação do GDDN em instâncias acadêmicas, ou mesmo em redações comerciais, pode facilitar esse processo.

Nota

¹Integrante dos Grupos de Pesquisa Observatório de Ética Jornalística (ObjETHOS); Hipermissão e Linguagem (Nephi-Jor) e Edumídia.

Referências

MORAN, J. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. **Educatrrix – Dossiê Currículo**, São Paulo: Moderna, a. 7, n. 12, p. 66-69, 2013.

ROGERS, S. **Level up: the guide to great video game design**. United Kingdom: John Wiley & Sons, 2014.

Contribuições da África para o ensino de Jornalismo: as experiências de Angola, Moçambique e Cabo Verde

Edwin dos Santos Carvalho – Doutorado

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Meditsch

Linha de Pesquisa: Jornalismo. Cultura e Sociedade

Palavras-chave: Pedagogia do Jornalismo; África; ensino; PALOP.

Este trabalho apresenta os resultados preliminares de uma pesquisa que busca identificar as contribuições da África para a Pedagogia do Jornalismo. Entre os meses de fevereiro e julho de 2018, este pesquisador esteve em Angola, Moçambique e Cabo Verde para analisar as estruturas curriculares, matrizes teóricas e práticas pedagógicas adotadas por Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) na formação acadêmica dos jornalistas. A fase empírica do estudo confirmou a hipótese de que os modelos de formação das escolas de Jornalismo desses países possuem singularidades com potencial para contribuir para o ensino do Jornalismo em diferentes partes do mundo. Para esta edição da Jornada Discente, serão apresentados alguns desses aspectos singulares observados nos cursos analisados.

Esta é uma pesquisa qualitativa, que tem como aporte metodológico o Estudo de Casos Múltiplos, com observação participante das práticas pedagógicas, aplicação de questionários aos estudantes e realização de entrevistas em profundidade com os docentes. Ao todo, 56 docentes foram entrevistados e 511 estudantes responderam questionários de modo presencial, em sala de aula. Para elaboração dos procedimentos de campo, incluindo a produção dos questionários e dos formulários de entrevistas, foram seguidas as recomendações de Robert Yin (2001).

Nove instituições de nível superior que oferecem cursos de graduação na área do Jornalismo foram selecionadas para a pesquisa, sendo três em cada país. Em Angola, as instituições analisadas são: a Universidade Agostinho Neto (UAN), a Universidade Privada de Angola (UPRA), e o Instituto Superior Técnico de Angola (ISTA). Em Moçambique, os três cursos analisados são os oferecidos pela Universidade Eduardo Mondlane (UEM), pela Escola Superior de Jornalismo (ESJ) e pela Universidade Pedagógica. Em Cabo Verde, as instituições escolhidas são: a Universidade de Cabo Verde, a Universidade Jean-Piaget de Cabo Verde e a Universidade de Santiago.

Esta pesquisa corrobora a ideia defendida pelo autor moçambicano Calane da Silva

(2013, p. 13-14), para quem a pedagogia, “sendo fundamentalmente educação, portanto um aspecto mais abrangente do que apenas instruir, apresenta-se simultaneamente como uma filosofia, uma ciência, uma arte e uma técnica de educação”. Neste sentido, embora tenha o currículo como elemento central de análise, a tese que está sendo produzida como resultado deste estudo leva em consideração outros elementos no processo de formação dos jornalistas dos PALOP: durante a fase empírica da pesquisa foram acompanhadas não apenas as atividades de ensino, como também as de pesquisa e extensão realizadas em cada escola.

Uma das singularidades do ensino do Jornalismo nos PALOP é a influência que a tradição oral dos países africanos exerce na formação acadêmica dos futuros jornalistas. Traço comum da cultura africana, a oralidade está presente nos métodos de ensino, nas avaliações e na estruturação dos componentes curriculares dos cursos de Jornalismo, a partir da oferta de disciplinas como: 1) Técnicas de Comunicação e Expressão, 2) Retórica e Argumentação e 3) Língua Portuguesa III – Oralidade.

Outro aspecto singular é o multilinguismo, característica marcante dos PALOP. Em primeira análise, o levantamento empírico identificou preocupação de uma parcela dos cursos de Jornalismo com o estudo das línguas nacionais. Além disso, os alunos aprendem sobre entonação, timbre, pausas vocais, sem necessariamente eliminar seus sotaques regionais, desde que respeitem as regras gramaticais da língua portuguesa.

Outra característica que chamou atenção nos cursos analisados é uma visão empresarial do Jornalismo. Diversas disciplinas orientam os estudantes para serem não apenas produtores de conteúdo, mas para que tenham condições de atuar também como gestores em empresas de comunicação social.

Por fim, esta pesquisa considera como singular a contribuição teórica que dezenas de autores africanos dos países de língua portuguesa estão produzindo/construindo/desenvolvendo no campo do Jornalismo. Como são novidades para a maioria dos pesquisadores brasileiros, os autores e obras africanos citados na tese serão apresentados em glossário, com breve apresentação de suas biografias, produções literárias e respectivos contatos, para que haja a possibilidade de suas contribuições teóricas se tornarem acessíveis para pesquisadores e professores de Jornalismo fora do continente africano.

Referências

SILVA, Calane da. **Kulimando saberes**: viagens discursivas pela pedagogia, didática, comunicação, antropologia cultural, espiritualidade, língua e literatura. Maputo: Alcance Editores, 2013.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Trad. Daniel Grassi – 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

Lacunas em torno da socialização de conhecimentos pelo jornalismo

Janaína Kronbauer¹ – Doutorado

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Meditsch

Linha de Pesquisa: Jornalismo, Cultura e Sociedade

Palavras-chave: Jornalismo; socialização; problematização; função social; interesse público.

Partimos do entendimento de que o jornalismo se constitui em uma forma social de produção de conhecimentos (GENRO FILHO, 2012; PARK, 2008). Sendo também um agente a socializar informações (SETTON, 2005) tem, adscrito a seu perfil, além de um compromisso profissional com o interesse público, um latente potencial de desvelamento (VIZEU; ROCHA, 2012), capaz de suscitar a análise crítica e a ação consciente dos indivíduos que o consomem – a práxis, no sentido proposto por Freire (1987).

A socialização vinculada ao jornalismo se relaciona ao compartilhamento de informações sobre o e no ambiente social. Nesse sentido, o jornalismo figura como agente socializador de informações em torno da realidade e, ainda, como ator social não apenas quanto à produção de informações, mas igualmente para a formação dos indivíduos – aspecto em que se vislumbra uma de suas funções sociais.

Ao socializar informações por meio das notícias o jornalismo é capaz de revelar nuances e perspectivas próprias a um sistema perito (GIDDENS, 1991). Ao fazê-lo Vizeu e Rocha (2012), com base em pesquisadores² referenciais, pontuam que o dar a conhecer operado pelo jornalismo assumiria um perfil crítico, atento à interpretação em torno da realidade. Em sociedades cada vez mais complexas, as práticas da profissão contribuiriam para que as pessoas, além de se situarem em torno do que ocorre à sua volta, entendessem, adaptassem e modificassem essa mesma realidade. Tal proposição se relaciona ao conceito de “conhecimento do desvelamento” de Paulo Freire, conformado a partir do momento em que o conhecimento (jornalístico), “tira o véu que cobre a realidade procurando mostrar as suas múltiplas faces”. Isso contribui para que “homens e mulheres tenham um forte instrumento para compreender o mundo que os cerca” (VIZEU; ROCHA, 2012, p. 6) e, a partir disso, nele intervir.

Contemporaneamente, no entanto, no que tange a essa socialização, o que se identifica é a ausência de problematização em torno dos eventos noticiosos reportados e ela, a problematização é ponto nodal para que o conhecimento do desvelamento se efetive. A dimensão educativa associada ao jornalismo, que assume um perfil não formal, mas intencional (LIBÂNEO; OLIVEIRA; TOSCHI, 2012), encontra, assim, um obstáculo para sua efetivação, o que, por consequência, gera uma lacuna quanto à possibilidade de mobilização das coletividades.

Dadas as condições de produção marcadamente híbridas, céleres e de busca por êxito comercial das empresas jornalísticas, na fase do jornalismo de comunicação (CHARRON; BONVILLE, 2016), a perspectiva da problematização se vê quase anulada para que haja tempo de atender à profusão de oferta informativa, salvo raras exceções. Com isso, perde-se no horizonte a perspectiva da busca por fomento à emancipação dos sujeitos, atributo inerente às democracias.

Pressupostos do jornalismo, como o espaço para o contraditório e a pluralidade de vozes, não encontram eco nas rotinas dos meios jornalísticos de referência. Deriva dessa carência e, retroalimenta essa mesma dinâmica, a própria insegurança quanto aos paradigmas da profissão (ADGHIRINI, 2017), sua legitimidade social e o exercício efetivo do jornalismo, colocados sob suspeição.

Se a práxis se constitui na “reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo”, conforme Freire (1987, p. 38), a ausência da crítica e do contraditório nas práticas jornalísticas fomenta a alienação social e a extinção da polivalência de visões em torno da vida em sociedade. Socializar conhecimentos por meio do jornalismo implica problematizar a pauta, levantar questionamentos, indagar o não revelado. Do contrário, o que se tem é apenas o compartilhamento de informações.

Nota

¹O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

²Tuchmann (1983), Genro Filho (1987), Gomis (1991) e Meditsch (1992; 2010).

Referências

- ADGHIRNI, Z. **O jornalista** – do mito ao mercado. Florianópolis: Insular, 2017.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- CHARRON, J. BONVILLE, J. **Natureza e transformação do jornalismo**. Florianópolis: Insular; Brasília, FAC Livros, 2016.
- GENRO FILHO, A. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Florianópolis: Insular, 2012.
- GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.
- LIBÂNEO, J.; OLIVEIRA, J.; TOSCHI, M. **Educação escolar**: políticas, estrutura e organização. São Paulo: Cortez, 2012.
- PARK, R. A notícia como forma de conhecimento: um capítulo dentro da sociologia do conhecimento. In: MAROCCO, B.; BERGER, C. (org.). **A era glacial do jornalismo**: teorias sociais da imprensa. Vol. 2. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- SETTON, M. A particularidade do processo de socialização contemporâneo. **Tempo Social**, Revista de Sociologia da USP, v. 17, n. 2, p. 335-350. Novembro 2005.
- VIZEU, A; ROCHA, H. Por uma epistemologia do campo jornalístico: construtivismo, conhecimento e esfera pública. In: ENCONTRO DA COMPÓS, 21. **Anais....** Juiz de Fora: UFOP Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1900.pdf. Acesso em: 18 set. 2019.

Desafios e potencialidades do jornalismo popular em sua relação com a comunicação comunitária

Juliana Freire Bezerra¹ – Doutorado

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Meditsch

Linha de Pesquisa: Jornalismo, Cultura e Sociedade

Palavras-chave: Jornalismo Popular; Comunicação Comunitária; Educação Popular.

O jornalismo enfrenta uma de suas mais graves crises que se materializa não apenas no enxugamento das redações, na precarização das condições de trabalho, no fechamento de jornais. Ela é também ética, política e técnica (CRISTOFOLLETI, 2019) e reflete-se na redução do interesse social no jornalismo e no aumento da desconfiança na mídia.

Para Altschull (2009), as perdas de credibilidade e circulação levam o jornalismo em todo o mundo a enfrentar igualmente uma crise de consciência. Advinda do afastamento jornalístico da sua natureza de serviço público, tal crise possibilita a reflexão de que é preciso repensar conceitos que legitimam a profissão, sobretudo o de objetividade. É que, para o autor, a objetividade carrega consigo uma noção de desapego e arrogância dos jornalistas no trato com as audiências e na interpretação que realizam do mundo noticiado. Em última instância, esse ideal jornalístico maximiza a ideologia capitalista que atravessa a profissão quando gera conteúdos descontextualizados e rasos, que pouco questionam o *status quo* e as injustiças do mundo.

Para então retomar a relevância social, entende-se que o jornalismo deve apostar mais no seu caráter transformador de serviço público, abraçando outra concepção de objetividade que se interliga à ideologia das minorias políticas. Para Altschull (2009), isso implicaria adotar como um dos modelos jornalísticos o que aqui é denominado de jornalismo popular comunitário. Aquele que se compromete com causas coerentes as da sua audiência e estabelece junto com ela um pacto não só de leitura, mas também de engajamento.

Transmutando tal reflexão para o contexto brasileiro, que é marcado pelos desertos de notícia e pela pobreza, torna-se nítida a necessidade de um jornalismo popular contra-hegemônico de qualidade que dialogue com as comunidades pobres. Este modelo de jornalismo não tem apenas como horizonte um grande mercado a se destinar, como também pode fazer reemergir a relevância social profissional.

Por conta disto, nesta tese, toma-se como objeto de estudo a relação entre o jornalismo popular de viés contra-hegemônico e a comunicação comunitária. Objetiva-se compreender os desafios e as possibilidades dessa relação. Para tanto, busca-se responder o seguinte problema de estudo: por que o jornalismo popular brasileiro não dialoga com a comunicação popular comunitária?

Parte-se do pressuposto de que o jornalismo popular e a comunicação comunitária se mantêm distanciados entre si, embora suas pautas tenham por horizonte um mesmo fim: o combate às privações sociais por meio de uma educação emancipadora. Adota-se duas hipóteses acerca do distanciamento entre estas duas esferas. Uma relacionada à visão negativa das comunidades populares acerca do jornalismo de modo geral, em virtude das empresas de mídia usualmente não validarem a visão de mundo popular. Outra relacionada à postura vertical com que os jornais populares se dirigem às comunidades, gerando um produto de formato e abordagem não-popular.

Para abordar esta questão, serão levadas em consideração: a dimensão pedagógica do jornalismo popular brasileiro, seu percurso histórico, bem como sua relação com as comunidades pobres. Sobre este último ponto, linguagem utilizada nas notícias, pautas selecionadas, rigor na produção do conhecimento jornalístico e compromisso com o engajamento cidadão serão adotados como categorias analíticas. Toma-se como palavras-chave deste estudo o conceito de comunidade em Bauman (2003), de educação popular em Paulo Freire (2005), de comunicação popular em Peruzzo (1998), de jornalismo popular de qualidade em Amaral (2006) e de contra-hegemonia em Gramsci (2004). Configura-se como objeto empírico jornais populares contra-hegemônicos nacionais a serem ainda selecionados e material oriundo de entrevistas semiestruturadas com os jornalistas destas redações e os moradores das comunidades a que aqueles fazem referência. Na segunda parte da tese, empreende-se como esforço realizar uma pesquisa-ação para implementação de um modelo de jornalismo popular de qualidade ligado a uma comunidade popular em Florianópolis-SC.

Nota

¹O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Integrante do Grupo de Pesquisa Observatório da Ética Jornalística (ObjETHOS).

Referências

- CALTSCHULL, H. A crisis of conscience: Is community journalism the answer? **Journal of Mass Media Ethics: Exploring questions of Media Morality**, v. 11, n. 3, p. 166-172, 2009.
- AMARAL, M. **Jornalismo Popular**. São Paulo: Contexto, 2006.
- BAUMAN, Z. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- CHRISTOFOLETTI, R. **A crise do jornalismo tem solução**. Barueri: Estação das Letras e Cores, 2019.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2005.
- GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 1, 2004.
- PERUZZO, C. **Comunicação nos Movimentos Populares: A participação na construção da cidadania**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1998.

O ensino de Jornalismo em meio a transformações do ambiente midiático e a novas Diretrizes Curriculares Nacionais

William Ricardo Boessio¹ – Mestrado

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Meditsch

Linha de Pesquisa: Jornalismo, Cultura e Sociedade

Palavras-chave: Ensino de Jornalismo; Diretrizes Curriculares Nacionais; projeto pedagógico; crise profissional.

A pesquisa tem como objeto de estudo os projetos pedagógicos de cursos de graduação em Jornalismo construídos a partir das novas Diretrizes Curriculares Nacionais e em meio a um cenário de transformações do ambiente midiático, que alteram as condições de atuação profissional. Parte-se do pressuposto de que o ensino de Jornalismo no Brasil estruturou-se de forma a contemplar as práticas jornalísticas existentes durante um período histórico em que as variáveis econômicas e de relacionamento com os públicos atuavam favoravelmente ao exercício da atividade (FIDALGO, 2008; LOPES, 2013; MICK, TAVARES, 2017).

A solidez das práticas jornalísticas ensinadas nas faculdades independia, assim, da reflexão que se produzia sobre elas: as formas de escrever, falar e se portar eram determinadas pelos formatos existentes e pelos exemplos que obtinham respaldo na circulação do conteúdo jornalístico. Enquanto isso, a produção “da própria comunidade teórica mantinha as aparências de responsabilidade científica para justificar o *status* universitário das profissões da comunicação” (MEDITSCH, SPONHOLZ, 2011, p. 11).

Hoje, porém, a inclusão de novas mídias alterou o contrato de passividade do público com relação à mídia e seus profissionais. Para Meditsch e Sponholz (2011), o debate sobre uma melhor confluência entre a teoria e prática nas escolas de Jornalismo ganha tons de emergência dado o cenário de instabilidade com as mudanças tecnológicas e culturais que ameaçam a viabilidade do exercício profissional do jornalismo, o que evidencia a necessidade de se refletir sobre a natureza e as transformações pelas quais passa o jornalismo. Não cabe ao ensino de Jornalismo arcar com a responsabilidade de reformar a profissão, de modo a adequá-la às transformações tecnológicas e culturais, por uma pretensa manutenção do *status* que deteve outrora.

Apesar de o jornalista ser o ator eleito socialmente para mediar fatos através de notícias, essa “nova fisionomia do jornalismo relativiza teorias e crenças que historicamen-

te sustentavam o poder hegemônico das redações tradicionais” (BRASIL, 2013, p. 6). Como fenômeno e ato que se erige na modernidade como forma de fazer conhecer aos cidadãos as informações singulares sobre aquilo que acontece no mundo ao seu redor, o jornalismo seguirá existindo sob formatos e em relações que se rearranjam por conta da necessidade social da notícia (PONTES; SILVA, 2009), com valores talvez distintos e uma diferente composição de atores sociais, o que abarca uma alternativa não mais profissional.

Assim, tenho como objetivo identificar nos projetos pedagógicos dos cursos de graduação em Jornalismo de instituições federais de ensino superior da região sul do Brasil, elementos que indiquem considerações às transformações midiáticas e à crise profissional em meio a formação universitária de futuros jornalistas. A hipótese é de que o ensino de Jornalismo passa por adaptações práticas, enfrenta resistências políticas e encontra impasses conceituais no momento de estabelecer ementas que sinalizem a possibilidade de que o jornalismo possa ocorrer sob outras normas e concepções.

Nota

¹O presente trabalho foi realizado parcialmente com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Referências

- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional da Educação. Câmara de Educação Superior. **Resolução n. 1 de 27 de setembro de 2013**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Jornalismo, Bacharelado, e dá outras providências. 27 de setembro de 2013.
- FIDALGO, Joaquim. **O jornalista em construção**. Porto: Porto Ed., 2008.
- LOPES, Fernanda Lima. **Ser Jornalista no Brasil: identidade profissional e formação acadêmica**. São Paulo: Paulus, 2013 (Coleção Temas de Comunicação)
- MEDITSCH, Eduardo; SPONHOLZ, Liriam. Prefácio: Bases para uma Teoria do Jornalismo 2.0. In: GROTH, Otto. **O poder cultural desconhecido: fundamentos da Ciência dos Jornais**. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 9-25. (Clássicos da Comunicação Social).
- MICK, J.; TAVARES, L..Governance of Journalism and Alternatives to the Crisis. **Brazilian Journalism Research**, [s.l.], v. 13, n. 2, p.114-145, 30 ago. 2017.
- PONTES, Felipe Simão; SILVA, Gislene. Jornalismo e realidade: da necessidade social de notícia. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 18, p. 44-55, dez. 2009.

JORNALISMO E GÊNERO

Quebrando o teto de vidro: como as mulheres jornalistas saem da mídia tradicional e vão experimentar um enfoque de gênero na mídia independente

Andressa Kikuti Dancosky

Os discursos das revistas feministas online

Gabriela Schander Braga

Jornalismo feminista em atuação na América Latina

Jéssica Gustafson Costa

Dimensões de análise da produção radiofônica informativa para o público feminino

Juliana Gobbi Betti

A construção de representações sociais das candidatas à vice-presidência na campanha eleitoral de 2018 na mídia impressa

Keltryn Wendland

Quebrando o teto de vidro: como as mulheres jornalistas saem da mídia tradicional e vão experimentar um enfoque de gênero na mídia independente

Andressa Kikuti Dancosky¹ – Doutorado

Orientador: Prof. Dr. Jacques Mick

Linha de Pesquisa: Jornalismo, Cultura e Sociedade

Palavras-chave: mulheres jornalistas; trajetórias profissionais; jornalismo independente.

As transformações políticas, tecnológicas, de credibilidade e de modelo de negócios pelas quais o Jornalismo tem passado nas últimas décadas, compreendidas como uma crise de governança (MICK; TAVARES, 2017), provocaram também intensas mudanças na profissão de jornalista. Diminuição dos postos de trabalho, acúmulo de funções, flexibilização dos contratos e outros elementos constituintes da precarização laboral se fazem mais presentes, aumentando a instabilidade e a insegurança dos e das profissionais. Neste cenário, observamos uma presença maior de mulheres e de pessoas jovens, recém-formadas, na carreira. Estudos como o de Hanitzsch e Hanusch (2012) abordam a questão em âmbito internacional e apontam que, se em 1995 as mulheres eram 28% das jornalistas no mundo, em 2009 esse número aumentou para 37%, chegando a 47% na Europa em 2012. No Brasil, de acordo com a pesquisa Perfil do Jornalista Brasileiro (MICK; LIMA, 2013), as mulheres representam 64% do setor. O jornalismo está se tornando mais feminino do ponto de vista quantitativo, mas isso não significa necessariamente um tratamento mais igualitário nas questões de gênero no que diz respeito às relações de trabalho dentro das redações, ou na representação das mulheres nas reportagens. Ao contrário, parece haver uma correlação entre os processos de reestruturação e precarização do mercado e da profissão, e a feminização do jornalismo - relação ainda invisibilizada por muitas pesquisas publicadas na área, como alerta Lelo (2019).

No entanto, estudos sugerem que essa lógica começa a mudar em iniciativas de jornalismo independente, as quais, por exemplo, têm mais mulheres em cargos de chefia do que a mídia tradicional - onde elas ocupam a maioria dos cargos menos prestigiados e tem salários mais baixos (KIKUTI; ROCHA, 2018). O relatório “Ponto de Inflexão”, lançado em 2017 pelo SembraMedia, aponta que 62% dos 100 veículos latino americanos analisados tem ao menos uma mulher como fundadora, e quando somados todos os criadores, elas representam 40% do total. Dos sites analisados pelo estudo, 57% possuem mulheres em cargos de direção. Em outras palavras, mulheres têm mais vez e voz no jornalismo independente do continente, contrastando com a direção na mídia tradicional, ainda composta majoritariamente por ho-

9ª Jornada Discente | PPGJOR-UFSC

mens. O relatório aponta que as mulheres estão tirando proveito das facilidades oferecidas por esses modelos para contornar as barreiras de gênero da mídia tradicional e criar suas próprias organizações de mídia. Embora não haja clareza sobre os efeitos desse fenômeno em aspectos como a divisão do trabalho, relações de poder entre jornalistas e as produções, segundo o estudo,

(...) há uma considerável evidência empírica de que organizações de mídia lideradas por mulheres são mais cooperativas, mais passíveis de formarem parcerias e compartilhar recursos, e elas também estão produzindo algumas das mais importantes coberturas em comunidades desfavorecidas. (LAFONTAINE; BREINER, 2017, p. 41)

A pesquisa de doutorado da autora, em fase inicial de desenvolvimento, tem como objetivo refletir sobre as razões que levam mulheres jornalistas a desenvolverem suas carreiras no jornalismo independente. O objeto de estudo são as trajetórias biográficas e profissionais das jornalistas, bem como os veículos que chefiam, em termos de gestão, organização e produção jornalística. Entre os procedimentos metodológicos, utiliza-se um conjunto de técnicas que envolve o mapeamento de mulheres jornalistas em cargos de chefia no jornalismo independente (obtido através do cruzamento dos dados da pesquisa de Trajetórias Profissionais com levantamentos já existentes sobre mídia independente, como o da Pública), seleção dessas mulheres pelo critério da diversidade (levando em conta interseccionalidades de raça, classe, localização geográfica), entrevistas em profundidade e análise dos sites em que trabalham. Os principais conceitos que o estudo mobiliza são os de jornalismo independente, gênero, trajetórias biográficas e profissionais.

Notas

¹O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

²Disponível em: <https://apublica.org/mapa-do-jornalismo/>

Referências

- HANITZSCH, T.; HANUSCH, F. 2012. Does gender determine journalists' professional views? A reassessment based on cross-national evidence. **European Journal of Communication**, v. 27, n 3. 2012.
- LAFONTAINE, D. BREINER, J. **Ponto de Inflexão**. Sembra Media/Omidyar Network, 2017.
- LELO, T.V. Reestruturações produtivas no mundo do trabalho dos jornalistas: precariedade, tecnologia e manifestações da identidade profissional. **Tese**. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.
- KIKUTI, A.; ROCHA, P.M. Mercado de trabalho e trajetória profissional de jornalistas mulheres entre 2012 e 2017 no Brasil. In: **Anais do 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. SBPJor: São Paulo nov.2018.
- MICK, J.; LIMA, S. **Perfil do jornalista brasileiro**. Florianópolis: Insular, 2013.
- MICK, J.; TAVARES, L. Governance of Journalism and Alternatives to the Crisis. **Brazilian Journalism Research**, v. 13, n. 2, 2017.

Os discursos das revistas feministas online

Gabriela Schander Braga¹ – Mestrado

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Daiane Bertasso

Linha de Pesquisa: Jornalismo, Cultura e Sociedade

Palavras-chave: Jornalismo; gênero; imprensa feminista; jornalismo de revista; discurso.

Esta pesquisa tem como objeto de estudo os discursos das revistas online brasileiras que são caracterizadas por um enfoque de gênero. O objetivo é compreender os sentidos mobilizados nos discursos dessas revistas consideradas feministas, buscando identificar as formações e estratégias discursivas de vínculos estabelecidas com as leitoras. O objeto empírico são as revistas *AzMina*, *Capitolina*, *Gênero e Número* e *QG Feminista*, e o corpus se constitui de 36 conteúdos jornalísticos publicados por estes veículos. A pesquisa utiliza a Análise de Discurso de linha francesa (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2016; ORLANDI, 2009; BENETTI, 2016) como aporte teórico-metodológico.

A partir do entendimento de que os estudos de gênero atravessam as variadas disciplinas dos saberes (STRATHERN, 2009), depreender como veículos jornalísticos com enfoque de gênero articulam seus discursos é uma forma de apreender as mulheres enquanto sujeitas do conhecimento (ZIRBEL, 2007). Neste sentido, a análise discursiva passa por uma percepção de como se dá a “intelectualização” deste jornalismo feminista, desde as contribuições dos movimentos feministas no contexto global e brasileiro, a formação de um jornalismo feminino, e o estudo das trajetórias individuais e sociais (BOURDIEU, 2007) de jornalistas que trabalham nestes veículos.

Dentre outras características relacionadas ao presente estudo, destaco que esse jornalismo não é uniformizado apenas por uma única prática discursiva. As formações discursivas se mostram enquanto aspectos relevantes para traçar aproximações e diferenças entre as revistas analisadas. Isso porque partem de pressupostos teóricos do feminismo diversos, e demonstram a multiplicidade de narrativas possíveis em um jornalismo com enfoque de gênero.

Nota

¹O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Integrante do Grupo de

Referências

- BENETTI, Marcia. Análise de Discurso como método de pesquisa em comunicação. *In*: MOURA, Cláudia Peixoto; LOPES, Maria Immacolata (org.). **Pesquisa em comunicação: Metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. p. 235-256.
- BOURDIEU, Pierre. O espaço social e suas transformações. *In*: BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Zouk, 2007.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- STRATHERN, Marilyn. Uma relação incômoda: o caso do feminismo e da antropologia. **Mediações – Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 14, n. 2, p. 83-104, 2009.
- ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos**. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.
- ZIRBEL, Ilze. Estudos feministas e estudos de gênero no Brasil. **Dissertação** (Mestrado em Sociologia Política) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis, 2007.

Jornalismo feminista em atuação na América Latina

Jessica Gustafson Costa¹ – Doutorado

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Daiane Bertasso

Linha de Pesquisa: Jornalismo, Cultura e Sociedade

Palavras-chave: Jornalismo; Feminismo; América Latina.

No amplo arcabouço dos Estudos de Gênero, as perspectivas teóricas ultrapassaram nas últimas décadas a análise da relação entre homens e mulheres sem, claro, desconsiderá-la. A consideração de outros marcadores sociais e suas diversas articulações com os contextos sociais, culturais e econômicos em que os sujeitos estão inseridos são de grande relevância (BRAH, PHOENIX, 2017; KERNER, 2012; SCHMIDT, 2017). Na proposta desta pesquisa, destaca-se a importante reflexão sobre a violenta intrusão colonial moderna na América, África e Ásia, que tentou silenciar e apagar a complexidade de povos que viviam no período pré-intrusão² e impor o seu sistema de valores.

Para a perspectiva feminista descolonial (LUGONES, 2014; SEGATO, 2011; 2014), com foco nas especificidades da América Latina, a dominação histórica, política, cultural e econômica da colonização não pode ser deslocada de seus processos de racialização e sexualização das relações sociais, assim como da instituição da heterossexualidade compulsória (CURIEL, 2010). Estas complexas imbricações resultam no conceito formulado pela argentina Maria Lugones (2014) de sistema colonial/moderno de gênero, entendido como constitutivo da colonialidade do poder, assim como esse é constituinte do sistema de gênero. Nas palavras dela: “La raza no es ni más mítica ni más ficticia que el género – ambas son ficciones poderosas” (2014, p. 68).

No que se refere ao jornalismo, o campo é entendido enquanto uma instituição moderna (GUERREIRO NETO, 2012), herdeira do pensamento positivista científico (MEDINA, 2008) e que atua, de forma geral, em consenso com os valores dominantes que circulam na sociedade, incluindo as assimetrias, estereótipos e preconceitos de gênero, raça, sexualidade e etnia. Em contrapartida, considera-se que a atuação de jornalistas feministas em portais independentes na América Latina, voltados para a produção de discursos contra-hegemônicos, está construindo novos sentidos que visam a transformação social.

Desta forma, o objeto de estudo proposto para a realização da pesquisa é o jornalismo feminista independente produzido atualmente na América Latina, questionando: Quais as contribuições do jornalismo feminista independente produzido atualmente na América Latina para o tensionamento do sistema colonial/moderno de gênero, raça, classe e sexualidade?

Considero, assim, que o trabalho das jornalistas se insere na empreitada de construção de uma epistemologia feminista, ao produzir um conhecimento que se debruça nas experiências cotidianas, nas opressões estruturais e rotineiramente vivenciadas, marcadas pelo gêne-

ro e outros posicionamentos sociais assimétricos. Fica nítido também em uma análise inicial dos portais que o tensionamento das práticas jornalísticas e dos cânones da profissão figuram como aspectos centrais do trabalho realizado por elas, em que a perspectiva de gênero, alicerçadas na teoria feminista, se traduz em novas formas de olhar o mundo.

Nota

¹O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

²Rita Segato (2011) considera que o processo de colonização europeia rasgou o tecido comunitário existente na ordem pré-intrusão, agravando e intensificando as hierarquias existentes, incluindo as de gênero.

Referências

- BRAH, Avtar; PHOENIX, Ann. Não sou uma mulher? Revisitando a interseccionalidade. In: BRANDÃO, Izabel *et al.* (org.). **Traduções da cultura**. Perspectivas críticas feministas (1970-2010). Maceió, Florianópolis: EdUFAL, EdUFSC, 2017.
- BUITONI, Dulcília Schroeder. **Imprensa feminina**. São Paulo: Ática, 1986
- CURIEL, Ochy. Hacia La construcción de um feminismo descolonizado. In: MIÑOSO, Yuderkys E. (org.). **Aproximaciones críticas a las prácticas teórico-políticas del feminismo latinoamericano**. Buenos Aires: Em La Frontera, 2010.
- GUERREIRO NETO, Guilherme. O jornalismo como instituição social. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 35. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2012.
- KERNER, Ina. Tudo é interseccional? Sobre a relação entre racismo e sexismo. **Novos Estudos**, n. 93. São Paulo: CEBRAP, 2012.
- LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial [p. 935-952]. **Estudos Feministas**, v. 22, n. 3, Florianópolis: UFSC, 2014.
- LUGONES, María. Colonialidad y género. In: MIÑOSO, Yuderkys E. *et al* (ed.). **Tejiendo de outro modo: feminismo, epistemología y apuestas descoloniales em AbyYala**. Popayán: Editorial Universidad Del Cauca, 2014.
- MEDINA, Cremilda. **Ciência e jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos**. São Paulo: Summus, 2008.
- SCHMIDT, Simone P. Ser mulher e outras palavras: o conceito de interseccionalidade revisitado por Avtar Brah e Ann Phoenix. In: **Traduções da cultura**. Perspectivas críticas feministas (1970-2010). Maceió, Florianópolis: EdUFAL, EdUFSC, 2017.
- SEGATO, Rita Laura. “Colonialidad y patriarcado moderno: expansión del frente estatal, modernización y la vida de las mujeres”. In: MIÑOSO, Yuderkys E. *et al* (ed.). **Tejiendo de outro modo: feminismo, epistemología y apuestas descoloniales em Abya Yala**. Popayán: Editorial Universidad del Cauca, 2014.
- SEGATO, Rita Laura. Género y colonialidad: em busca de claves de lectura y de um vocabulário estratégico descolonial. In: BIDASECA, Karina; LABA, Vanesa V. (org.). **Feminismos y postcolonialidad**. Descolonizando el feminismo desde y en América Latina. Buenos Aires: Godot, 2011.

Dimensões de análise da produção radiofônica informativa para o público feminino

Juliana Gobbi Betti¹ – Doutorado

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Meditsch

Linha de Pesquisa: Jornalismo, Cultura e Sociedade

Palavras-chave: Jornalismo radiofônico; rádio informativo; programas femininos; Epistemologia Feminista.

A pesquisa em desenvolvimento objetiva compreender como se caracterizam os programas radiofônicos informativos direcionados ao público feminino, reconhecendo-os enquanto espaço potencial de construção de um conhecimento crítico-emancipatório. Deste modo, considerando as diferentes barreiras ainda enfrentadas pelas mulheres na busca por seu reconhecimento enquanto sujeitas plenas de direito, a pesquisa perpassa a discussão sobre o papel dos meios de comunicação, em particular do rádio, como elemento de manutenção do *status quo* ao reforçar estereótipos e a imposição de padrões, e como aliado nas lutas feministas ao informar, educar e promover a reflexão. Compreende que “todo programa radiofônico educa”, como já salientava Kaplún (2017, p. 24) ao discutir a educação como processo permanente e não restrito ao espaço escolar.

Assim, a pesquisa retoma o ideário constituído pelo pensamento pedagógico e comunicacional latino-americano para a transformação das estruturas social, política e econômica. Assumindo uma concepção epistemológica feminista, que considera as interseccionalidades que influenciam a composição do discurso jornalístico sobre e para as mulheres, utiliza como método guia a Hermenêutica de Profundidade, em conjunto com procedimentos da análise discursiva e de conteúdo para a compreensão das produções selecionadas. Como explicam Veronese e Guareschi (2006, p. 87), “o referencial metodológico da HP inclui formas de análise complementares entre si, partes de um processo interpretativo complexo”, que Thompson (2002) sintetiza em três estágios sequenciais, a saber: análise sócio-histórica, análise formal ou discursiva e interpretação/re-interpretação.

Contudo, tais estágios são precedidos pela hermenêutica da vida cotidiana, que consiste em uma tarefa de pré-interpretação da doxa com o objetivo de inferir sobre “o que se conhece de determinada realidade para, a partir daí, submeter esta mesma realidade já conhecida a um desmanche, a uma desmontagem, a uma desconstrução” (PORTO, 2017, p. 24). Apontada por Thompson (2002, p. 363) como “primordial e inevitável”, esta etapa considera

a interpretação das formas simbólicas pelos sujeitos que constituem o campo-sujeito-objeto analisado. Assim, como dimensões-base estão a análise sócio-histórica e a contextual, de tal modo, esta pesquisa se vale da observação sistemática do cotidiano, da observação participante, da revisão bibliográfica e documental e da realização de entrevistas em profundidade como estratégias procedimentais para identificar “como as formas simbólicas são interpretadas e compreendidas nos vários contextos da vida social” (THOMPSON, 2002, p. 363).

Igualmente, empenha-se em historicizar participação das mulheres no desenvolvimento do rádio brasileiro, em especial, recuperando a memória sobre o que foi produzido por e para elas, bem como inventariando os programas que integram tal segmento na produção contemporânea. A caracterização das produções parte das contribuições de Mata e Scarafía (1993) para a análise sistemática do discurso radiofônico. Considera-o em três dimensões distintas: 1) dimensão referencial (aquilo sobre o que se fala), que inclui como categorias os itens e temas tratados, as fontes, âmbitos (contexto espacial), a temporalidade, os atores representados e a dinâmica social; 2) dimensão enunciativa (quem fala e como se relaciona com aqueles para quem fala); e 3) dimensão estrutural (como se organiza o que é dito). Além de realizar as adequações necessárias para redimensionar o foco de análise, buscamos ampliar a inclusão das especificidades sonoras da linguagem radiofônica, tais como o uso de música, ruídos, silêncios e outras estratégias expressivas. Deste modo, observamos os elementos sonoros verbais e não-verbais, entre os quais estão a integração entre a locução e outros recursos narrativos (tais como música, poesia, diálogos, sons ambiente) e as marcas da oralidade como estratégias discursivas sonoras.

Nota

¹O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Referências

KAPLÚN, Mario. **Produção de Programas de Rádio**: do roteiro à direção. Tradução Eduardo Meditsch e Juliana Gobbi Betti (org.). Florianópolis: Insular, 2017.

MATA, Maria C.; SCARAFÍA, Silvia. **Lo que dicen las radios**: una propuesta para analizar el discurso radiofónico. Quito: ALER, 1993.

PORTO, Sérgio D. Introdução. In: PORTO, S.D.; MOTA, C.L. (org.). **Hermenêutica e análise dos discursos em jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2017.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 2002.

VERONESE, Marília V.; GUARESCHI, Pedrinho; **Hermenêutica de Profundidade na pesquisa social**. *Revista Ciências Sociais Unisinos*. v. 42, n. 2, p. 85-93, maio/Agosto 2006.

A construção de representações sociais das candidatas à vice-presidência na campanha eleitoral de 2018 na mídia impressa

Keltryn Wendland¹ – Mestrado

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Terezinha da Silva

Linha de Pesquisa: Jornalismo, Cultura e Sociedade

Palavras-chave: Jornalismo; representações sociais; mulher; política; eleições 2018.

A campanha eleitoral à presidência da República em 2018 no Brasil trouxe algumas novidades importantes, do ponto de vista da participação quantitativa da mulher na disputa eleitoral em chapa majoritária (presidência e vice-presidência). A eleição contou com cinco candidatas à vice-presidência, e uma candidata à presidência, a ex-senadora Marina Silva, da Rede Sustentabilidade. Se a eleição de Dilma Rousseff à presidência em 2010 pode ser considerada um grande acontecimento nacional, no que se refere à participação da mulher na política institucional brasileira, a presença de mais mulheres na chapa majoritária em 2018 é um fato político também importante. Pode-se dizer que este fato rompe com certas expectativas, ainda vigentes, sobre o lugar da mulher na sociedade e também potencializa novas concepções a respeito.

Em que medida a “novidade” (da gradativa maior presença de mulheres na eleição presidencial) afetou ou repercutiu na cobertura jornalística da campanha eleitoral de 2018, no que se refere às cinco candidatas à vice-presidente, resultando em um tratamento jornalístico que potencialize novas representações sociais sobre o papel das mulheres na sociedade e sobre a atuação delas na política? Considerando que o jornalismo é uma prática de comunicação (Silva; França, 2017) que afeta e é afetado pela cultura e pelos sentidos que circulam na sociedade onde ele é praticado, a produção jornalística contribui decisivamente para o processo de (re)construção de sentidos e representações acerca de temas, sujeitos e suas ações.

Para investigar essa relação entre jornalismo e a produção de representações de mulheres políticas, adotamos o conceito de representação social na abordagem de Serge Moscovici (2009), que a entende como um fenômeno cujo propósito é tornar familiar o não-familiar, um modo de compreender a realidade e se comunicar, a partir de sentidos socialmente compartilhados.

A partir desta perspectiva, pode-se ver que as representações e as práticas de comunicação, como as realizadas pelo jornalismo, têm uma relação de mútua dependência (FRAN-

ÇA, 2004; ANTUNES; LARA, 2013; CORRÊA; NASCIMENTO, 2014), já que as representações socialmente compartilhadas possibilitam a comunicação humana, e que a comunicação (re) constrói e faz circular as representações. Assim, entendemos que o jornalismo e sua produção materializada em mídias é um espaço importante onde é possível observar as representações produzidas e em circulação na sociedade sobre mulheres com atuação na política institucional.

Para responder à questão-problema apresentada, buscamos nesta pesquisa identificar e analisar as representações sociais construídas sobre as cinco mulheres candidatas à vice-presidente da República (Ana Amélia Lemos (PP); Manuela D'Ávila (PCdoB); Kátia Abreu (PDT); Sônia Guajajara (PSOL) e Suelene Balduino (Patriota) na cobertura jornalística da eleição presidencial de 2018, em três jornais impressos: *O Globo*, *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*. O corpus da pesquisa (em fase de seleção) será composto com materiais (notícias, notas, artigos, entre outros) publicados entre 1º de agosto a 28 de outubro de 2018. Duas dimensões são adotadas para a análise: 1) Temas e destaque às mulheres: o que é relatado sobre as mulheres candidatas e sua atuação, e qual a visibilidade ou destaque que lhes são dados na cobertura da eleição; e 2) Representações: a forma de construção das mulheres presentes nos relatos analisados, ou seja, a representação feita sobre elas, suas ações e o papel que estão desempenhando naquele contexto.

Nota

¹O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Referências

ANTUNES, Elton; LARA, Eliziane. “A própria mãe”: jogos de luz e sombra em um caso de cobertura jornalística de violência contra crianças. **Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo. 2013.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. Representações, comunicações e práticas comunicativas. In: PEREIRA, M.; GOMES, R.C.; FIGUEIREDO, V.L.F. (org.). **Comunicação, Representação e Práticas Sociais**. Rio de Janeiro: PUC, 2004. p.13-26.

CORRÊA, Laura Guimarães; SILVEIRA, Fabrício. Representação. In: FRANÇA, Vera V.; MARTINS, Bruno G.; MENDES, André M. (org.). **Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS): trajetória, conceitos e pesquisa em comunicação**. Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - PPGCom - UFMG, 2014. p. 208-215.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SILVA, Terezinha; FRANÇA, Vera. Jornalismo, noticiabilidade e valores sociais. *E-Compós*, Brasília, v. 20, n.3, set./dez. 2017. Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/1398/948>. Acesso em: 27 set. 2019.

ROTINAS PRODUTIVAS NO JORNALISMO

A participação da audiência na produção e distribuição do Jornalismo Transmídia
Ana Carla Pimenta

Circulação da notícia em redes sociais: um estudo de caso dos oito anos da *Folha de S. Paulo* no Facebook
César Augusto Rosati

Valores-notícia incorporados ao jornalismo a partir de sites de redes sociais
Ingrid Cristina dos Santos

Programação radiojornalística maranhense: alguns resultados da pesquisa de campo
Nayane Cristina Rodrigues de Brito

Aspectos históricos e inovadores do telejornalismo local catarinense: um estudo de caso do *Bom Dia Santa Catarina*
Paulo José Mueller

Reflexões sobre uma pesquisa de campo de corte etnográfico
Silvio da Costa Pereira

A participação da audiência na produção e distribuição do Jornalismo Transmídia

Ana Carla Pimenta¹ – Mestrado

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rita Paulino

Linha de Pesquisa: Tecnologias, Linguagens e Inovação no Jornalismo

Palavras-chave: Jornalismo Transmídia; audiência; participação.

A internet e as novas ferramentas tecnológicas proporcionaram uma profusão de canais de informações e isso contribuiu para uma grande transformação cultural. A mudança no comportamento do público em relação aos meios de comunicação o levou a sair do papel passivo de mero consumidor de produtos de mídia e assumir um novo papel onde participa de forma ativa do processo comunicativo (JENKINS, 2009).

Também surgiram mudanças nas rotinas produtivas das empresas de mídias. A prática jornalística foi alterada nos aspectos tecnológico, empresarial, profissional e editorial. De acordo com Salaverría e Negredo (2008), vários fatores contribuíram para tais modificações, desde o uso de novas ferramentas e linguagens, até mudanças nos espaços e no trabalho jornalístico.

Todas essas variações possibilitam pensar novas formas de se comunicar com o público. Uma delas é o Jornalismo Transmídia, oriundo da fusão entre o conceito de narrativa transmídia (JENKINS, 2019) com os estudos do jornalismo, que segundo Reno (2013, p. 69) vem a ser:

Uma forma de linguagem jornalística que contempla ao mesmo tempo diversas mídias, com diversas linguagens e narrativas a partir de diversos meios e para distintos usuários, graças à interatividade na recepção da mensagem. Para tanto, são adotados recursos audiovisuais, de mobilidade e interativos e sua difusão a partir de mídias diversas, como blogs e redes sociais.

O engajamento, tão essencial para a existência desse tipo de jornalismo, faz com que a audiência participe ativamente, se apropriando e ressignificando o conteúdo produzido. O usuário pode comentar, editar e compartilhar informação. Isso muda a forma como a comunicação é produzida e distribuída. “O fato de o usuário se converter em produtor causa uma ruptura nas categorias de análise que fundamentaram até então o estudo do processo comunicacional, como emissor e receptor” (WEBER, 2011, p. 61).

Essa transformação no perfil do consumidor exigirá adaptações ao jornalismo, tendo em vista que esse consumidor antes chamado de audiência passa a ser um usuário que tam-

bém contribui ativamente nesse ecossistema jornalístico (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013).

Assim, chegamos a uma questão central desta pesquisa que é discutir sobre como esse modelo de distribuição, que necessita tão intensamente da participação da audiência, impacta na produção do jornalismo transmídia. Nosso estudo busca compreender a participação da audiência na produção e propagação desses conteúdos e o que altera no fazer jornalístico quando a audiência passa a ter um papel mais ativo no processo comunicativo.

Nota

¹O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Referências

ANDERSON, Christopher W.; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. Jornalismo pós industrial: adaptação aos novos tempos. **Revista de Jornalismo ESPM**, ano 2, n. 5, abr./maio/jun. 2013, p. 30 89.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

RENÓ, Denis. **Discussões sobre a nova ecologia dos meios**. Sociedad Latina de Comunicación Social La Laguna (Tenerife), 2013. Disponível em: http://media.wix.com/ugd//48cefa_9dec173bf9b5210dc9bc4317e5587e64.pdf.

SALAVERRÍA, Ramón.; NEGREDO, Samuel. **Periodismo Integrado: Convergencia de medios y reorganización de redacciones**. Barcelona: Editorial Sol90, 2008.

WEBER, Carolina Teixeira. Formatos hipermediáticos e redes sociais: apropriações em três webjornais de referência. 2011. **Dissertação** (Mestrado em Jornalismo) Programa de Pós Graduação em Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

Circulação da notícia em redes sociais: um estudo de caso dos oito anos da Folha de S. Paulo no Facebook

César Augusto Rosati¹ – Mestrado

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Raquel Ritter Longhi

Linha de Pesquisa: Tecnologias, Linguagens e Inovação no Jornalismo

Palavras-chave: Jornalismo; Facebook; *Folha de S. Paulo*; mídias sociais; circulação da notícia.

A globalização e o acelerado avanço tecnológico das últimas décadas podem ser identificados como dois dos principais desafios à atual prática jornalística. No momento em que os profissionais enfrentam fluxos de informação caóticos, o modelo tradicional de comunicação unidirecional de ponta a ponta está cada vez mais sendo substituído por fluxos de transmissão multidirecionais, de muitos para muitos (SHIRKY, 2011). Na internet, as pessoas, outrora conhecidas como audiência (ROSEN, 2012), desafiam jornalistas anteriormente conhecidos como os únicos provedores de notícias. Empresas jornalísticas agora operam não só como uma voz única, mas sim entre muitas, em meio a uma vasta mistura de provedores de informação em todo o mundo, num fluxo aparentemente infinito de acontecimentos. Se antes o público era visto como passivo, previsível, isolado e silencioso, hoje é tido como ativo, migratório, conectado socialmente e barulhento (JENKINS, 2009).

Os padrões de interação foram derrubados e a comunicação mudou com a emersão da sociedade em rede. Manuel Castells foi um dos primeiros a identificar uma mudança drástica na organização social no qual a informação e o conhecimento passaram a ser pilares fundamentais. Um período histórico caracterizado por uma revolução tecnológica, movida pelas tecnologias digitais de informação e de comunicação (TIC) que impactou, sobretudo, a profissão do jornalismo em sua essência, conforme propõe Heinrich (2011).

Graças ao sucesso dos sites de redes sociais, o jornalismo se vê em um novo ecossistema midiático que abarca, além das tradicionais organizações midiáticas, os usuários, agora considerados consumidores e produtores de conteúdo, que desejam participar (JENKINS; FORD; GREEN, 2013; SHIRKY, 2011; JENKINS, 2009).

Primo (2011) reafirma, portanto, a necessidade de demarcar as esferas cada vez mais interativas nas quais a profissão encontra-se, sendo então de suma importância uma análise detalhada da interação entre a tecnologia digital e a prática jornalística. É importante buscar respostas satisfatórias para compreender como as organizações jornalísticas vão se posicionar diante de um modelo de jornalismo em rede, com fluxos de informação multidirecionais. É preciso compreender as estratégias necessárias para conquistar a atenção do público dian-

9ª Jornada Discente | PPGJOR-UFSC

te de um mar, praticamente infinito, de informações.

Esta pesquisa tenta encontrar respostas nos estudos de circulação da notícia no ciberespaço, especialmente em relação ao comportamento de organizações jornalísticas nas redes sociais. Para isso apresenta um estudo de caso sobre como a *Folha de S. Paulo* usou a rede social Facebook dentro da estratégia de circulação digital da notícia. A primeira publicação oficial de conteúdo foi feita em abril de 2010, assim continuou até 2018 quando a *Folha* optou por deixar de publicar o seu conteúdo no Facebook. Conforme consta em um comunicado feito pelo jornal e publicado no site de redes sociais, a decisão foi um “reflexo de discussões internas sobre os melhores caminhos para fazer com que o conteúdo do jornal chegue aos seus leitores” (2018).

O estudo divide o período de atividade do jornal dentro do Facebook propondo três momentos: período repositório (2010 a 2012), consolidação estratégica (2013 a 2015) e saída e interação passiva (2016 a 2018). Com uma abordagem exploratória utilizam-se técnicas de entrevistas em profundidade com membros da equipe, bem como com outros jornalistas que integram a redação. A partir do relato das formas de utilização da plataforma, assim como de uma análise criteriosa das rotinas profissionais, este estudo faz uma categorização das ações empregadas, bem como discute as possíveis relações entre a inovação tecnológica e presença digital do jornal.

Nota

¹O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Referências

FOLHA DE S. PAULO. **Folha deixa de publicar conteúdo no Facebook**. Folha de S. Paulo, São Paulo, 8 fev. 2018. Disponível em: encurtador.com.br/uyPRV. Acesso em: 20 ago. 2019.

HEINRICH, Ansgard. **Network journalism: Journalistic practice in interactive spheres**. Routledge, 2011.

JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua. **Introduction to Spreadable Media**. 2013. Disponível em: <http://www.fromthesquare.org/?p=4259>>. Acesso em: 21 ago. 2018.

JENKINS, Henry. **Confronting the challenges of participatory culture: Media education for the 21st century**. MIT Press, 2009.

PRIMO, Alex. Transformações no jornalismo em rede: sobre pessoas comuns, jornalistas e organizações; blogs, Twitter, Facebook e Flipboard. **Intexto**, Porto Alegre, RS. n. 25, p. 130-146, dez. 2011.

ROSEN, Jay. The people formerly known as the audience. In: **The social media reader**. NYU Press, 2012. p. 13-16.

SHIRKY, Clay. **A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado**. Zahar, 2011.

Valores-notícia incorporados ao jornalismo a partir de sites de redes sociais

Ingrid Cristina dos Santos – Mestrado

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cárilda Emerim

Linha de Pesquisa: Tecnologias, Linguagens e Inovação no Jornalismo

Palavras-chave: Jornalismo; valor-notícia; site de rede social; relevância pública, interesse do público.

Esta pesquisa tem como objeto de estudo a incorporação de novos valores-notícia à rotina produtiva dos jornalistas a partir das conversações, interações e circulação de mensagens que se dão nos sites de redes sociais. Considerando o contexto da convergência, das novas configurações do jornalismo e da mudança na relação dos veículos de comunicação com o público, o objetivo é identificar como o jornalismo adota valores-notícia a partir dos sites de redes sociais e relacionar cada um desses atributos noticiosos aos conceitos basilares da relevância pública e do interesse do público.

A hipótese deste estudo, que apreende a notícia como construção social da realidade, é a de que pautas jornalísticas baseadas em compartilhamentos de assuntos estão diretamente relacionadas ao interesse do público, enquanto as pautas voltadas a desmentir boatos tendem a se aproximar mais da relevância pública. Trata-se de uma pesquisa de caráter descritivo-analítico que combina técnicas qualitativas e quantitativas. O objeto empírico é composto por publicações online de *O Estado de São Paulo* e *GaúchaZH*.

Os sites de redes sociais – espaços que suportam as redes sociais, permitindo trocas, interações e conexões mediadas pela tecnologia (RECUERO, 2009, p. 102; BOYD; ELLISON, 2007) – mudaram diversos aspectos do jornalismo. Entre eles, está a relação com o público, que passou também a produzir conteúdo e disputar a atenção da audiência em um contexto de cultura participativa, conforme afirma Henry Jenkins: “Em vez de falar sobre produtores e consumidores de mídia como ocupantes de papéis separados, podemos agora considerá-los como participantes interagindo de acordo com um novo conjunto de regras” (2009, p. 30).

A popularização das redes sociais na internet também afetou os processos de apuração da informação e a própria noticiabilidade, estudada por diversos autores e definida por Gislene Silva como “todo e qualquer fator potencialmente capaz de agir no processo da produção da notícia” (2005, p. 96). Os valores-notícia – “atributos que orientam principalmente a seleção primária dos fatos – e, claro, que também interferem na seleção hierárquica desses fatos na hora do tratamento do material dentro das redações” (SILVA, 2005) – muitas vezes permanecem com poucas variações ao longo dos anos. No entanto, “os valores-notícia não

são imutáveis, com mudanças de uma época histórica para outra” (Traquina, 2005, p. 95).

Assim, a chegada da internet, a reconfiguração do jornalismo – atrelada ao surgimento de diferentes modelos de negócio – e a presença de sites de redes sociais como grandes responsáveis pela distribuição do conteúdo jornalístico influenciam os fatores que consideram os acontecimentos noticiáveis e provocam mudanças nos valores-notícia.

Referências

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 2, n. 1. Florianópolis, SC. 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2091/1830>. Acesso em: 13 mar. 2018.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.

Programação radiojornalística maranhense: alguns resultados da pesquisa de campo

Nayane Cristina Rodrigues de Brito¹ – Doutorado

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Valci Regina Mousquer Zuculoto

Linha de Pesquisa: Tecnologias, Linguagens e Inovação no Jornalismo

Palavras-chave: Jornalismo; Radiojornalismo; programação radiojornalística; rádios maranhenses.

A tese objetiva investigar o Radiojornalismo na programação de rádios maranhenses de antena e rádio poste, refletindo sobre os modelos, gêneros e formatos jornalísticos utilizados pelos veículos radiofônicos. Enquanto estratégia metodológica adota-se uma concepção inter e transdisciplinar, com bases no Jornalismo, na Comunicação, Geografia e História. Serão diferentes métodos e técnicas combinados (geografias da comunicação, análise documental, história pública, entrevistas e análise de conteúdo da programação jornalística), que permitam abarcar o objeto de estudo. A tese terá como conceitos centrais o Radiojornalismo, programação e Jornalismo regional/local.

No primeiro semestre de 2019, realizou-se pesquisa de campo no estado do Maranhão para identificação, por meio de mapeamento, do funcionamento de emissoras maranhenses AM e FM com concessão, rádios comunitárias regularizadas ou não e rádios poste. Na pesquisa se identificou em que municípios estão instaladas e o contexto dessas estações. Assim, neste trabalho, apresentam-se os primeiros resultados e reflexões da pesquisa de campo². Até a entrega deste resumo o material obtido ainda estava em processo de sistematização.

O mapeamento dos veículos radiofônicos maranhenses foi uma etapa essencial para obter o conteúdo radiojornalístico a ser analisado. Nessa fase se trabalhou com os princípios de Geografias da Comunicação. Sônia Virgínia Moreira (2012, p.16), ao referir-se às pesquisas que utilizam as Geografias da Comunicação, indica que são “estudos plurais, interdisciplinares e cooperativos”.

A pesquisa de campo ocorreu em 25 cidades³ localizadas na região Norte do estado do Maranhão. Nessas localidades se registrou 73 emissoras radiofônicas: sete veículos comerciais AM; 21 rádios comerciais FM; uma rádio educativa, da Universidade Federal do Maranhão/São Luís; e 44 rádios comunitárias legalizadas e não-legalizadas.

Foram realizadas entrevistas semiabertas com diretores das rádios, produtores e apresentadores de alguns programas indicados como radiojornalísticos. Para Duarte (2006), uma das vantagens do modelo de entrevista semiaberta é a possibilidade de se criar uma estrutura

para comparação de respostas e articulação de resultados, o que facilitará a sistematização das informações transmitidas por diferentes sujeitos. Também se observou presencialmente uma edição de alguns programas.

Entre as constatações iniciais da pesquisa, cita-se a influência da política partidária nos conteúdos veiculados em determinados programas radiojornalísticos. Nas emissoras comunitárias, a maioria dos programas indicados como jornalísticos são comandados pelos diretores, profissionais que não são graduados em jornalismo, mas geralmente são recomendados para essa função. Nas rádios em que se evidenciaram a falta de programas radiojornalísticos a justificativa para a ausência está atrelada a profissionais que possam produzir ou comandar uma programação com esse perfil. Um dos motivos para esse fator está relacionado à ausência de curso de graduação em Jornalismo na maioria das cidades pesquisadas.

Verificou-se ainda que o *Jornal Central*, produzido pela *Agência Central de Notícias*, uma empresa maranhense, é veiculado em algumas emissoras mapeadas. O diferencial do jornal é a colaboração de mais de 180 rádios maranhenses parceiras, ao fornecerem as informações de suas respectivas localidades. Geralmente, as notícias são enviadas em áudio, gravadas por um profissional dessas emissoras, e irão compor o informativo mencionado. Após a análise dos dados adquiridos serão possíveis outras reflexões.

Notas

¹Bolsista Fapesc/Capes. Integra o Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (Girafa).

²A pesquisa de campo ocorreu entre abril e setembro de 2019.

³Cidades visitadas: Alcântara, Alto Alegre do Pindaré, Araganã, Barreirinhas, Bom Jardim, Bacabal, Caxias, Chapadinha, Codó, Governador Nunes Freire, Itapecuru Mirim, Maracaçumê, Maranhãozinho, Nova Olinda do Maranhão, Paço do Lumiar, Pindaré, Pinheiro, Presidente Médici, Santa Luzia, Santa Luzia do Paruá, Santa Inês, Timon, São José de Ribamar, São Luís, Zé Doca.

Referências

DUARTE, J. Entrevista em profundidade. In: BARROS, A.; DUARTE, J. (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MOREIRA, S. V. Por que Geografias, no plural, para a Comunicação? In: MOREIRA, S. V.(org.). **Geografias da Comunicação: espaço de observação de mídia e de culturas**. São Paulo: Intercom, 2012.

Aspectos históricos e inovadores do telejornalismo local catarinense: um estudo de caso do Bom Dia Santa Catarina

Paulo José Mueller – Mestrado

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cárilda Emerim

Linha de Pesquisa: Tecnologias, Linguagens e Inovação no Jornalismo

Palavras-chave: radiojornalismo; rádio; reportagem radiofônica; hiperídia; tecnologia.

Esta pesquisa tem como objeto de estudo as características específicas do telejornalismo local de Santa Catarina com vista a identificar se há elementos inovadores e diferenciais aos que ocorrem no telejornalismo nacional dito de referência. Para atender a proposta desse estudo, escolhe-se como objeto empírico o programa *Bom dia Santa Catarina* da NSC TV, afiliada a *Rede Globo*. Como sistematização do material, o corpus está delimitado, a princípio, em dez edições selecionadas uma a cada ano no período de uma década. A metodologia articula entrevistas com os profissionais responsáveis pelo telejornal nos últimos dez anos com a história pública que tem se mostrado um caminho importante para entender o passado recente do telejornalismo, e o Estudo de Caso. Yin (2001) acredita que a coleta de informações de fontes diversificadas evita distorções e os resultados demonstram mais estabilidade e confiança.

Para qualificar a conjuntura da análise se faz necessário contextualizar o próprio objeto de estudo dentro da trajetória histórica do telejornalismo de Santa Catarina com o resgate cronológico da instalação da *RBS TV*, a migração para o *Grupo NSC Comunicação* e o percurso do BSDC nessa linha temporal. A elaboração do protocolo de estudo será feita a partir da seleção do objeto empírico e da definição do corpus. O pesquisador irá decupar os materiais audiovisuais para mapear e relacionar os processos de inovação no telejornal com base na classificação proposta por Tourinho (2009) e Hartley (1997) que consideram as características tecnológicas e não tecnológicas como frutos da inovação e distinguem os elementos inovadores ou não no produto telejornalístico por meio da estrutura verbal, visual, logística e narrativa da notícia.

Schumpeter (1934) estabelece como inovação um novo produto ou qualidade ainda não apresentada; um novo método produtivo ainda não testado; a abertura de um novo mercado; a utilização de uma nova fonte de matérias-primas; e a criação de uma nova organização. Para alinhar com o objeto de estudo, a pesquisa adaptará os elementos de Schumpeter da seguinte forma: formato do telejornal e recursos não tecnológicos na apresentação audio-

visual como elemento de novidade; interação entre apresentador e repórter nas entradas ao vivo como método produtivo.

Após essa primeira classificação será feita uma análise sob os aspectos inovadores baseados nas seguintes categorias propostas por Cajazeira e Malkowski (2017): 1) qualidade da imagem (resolução); 2) construção do texto; 3) estrutura da reportagem/entrevista (*off*, passagem e sonoritas); 4) cenários (estúdio ou externas). O passo seguinte envolve a aplicação da técnica de entrevistas semi-estruturadas (abertas e fechadas) com os profissionais identificados previamente e que participaram da construção e desenvolvimento da produção do telejornal. Na sequência será usado o método do estudo de caso com intuito de comparar as características de inovação de forma cronológica e estabelecer uma linha do tempo que permita trazer diferenças, excentricidades ou similitudes no formato, linguagem e apresentação do produto ao longo da última década.

A última etapa da pesquisa consiste na interpretação dos resultados com base na análise comparativa dos dados obtidos por meio das evidências levantadas anteriormente no estudo de caso. A partir dos elementos coletados serão identificadas as causalidades e/ou excentricidades para estruturar as características de inovação e até mesmo relacionar a funcionalidade de cada processo inovador com o contexto da produção do telejornal. Nesse sentido, com base na análise histórica e cronológica da inovação do produto analisado, será possível traçar uma perspectiva de tendência para o futuro do telejornalismo no Estado de Santa Catarina.

Referências

- BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa**. Rio de Janeiro, Mauad X, 2007.
- BRASIL, Antônio. **Telejornalismo imaginário: Memórias, estudos e reflexões sobre o papel da imagem nos noticiários de TV**. Florianópolis: Insular, 2012.
- CAJAZEIRA, Paulo; MALKOWSKI, Thiago. A Inovação e o Telejornalismo Laboratorial das Universidades Federais da Região Nordeste do Brasil. *In: ENCONTRO DOS GRUPOS DE PESQUISAS EM COMUNICAÇÃO*, 17. **Anais...** Intercom, São Paulo, 2017.
- EMERIM, Cárlica; HOMRICH, Lalo Lopes; MORAES, Áureo Mafra. Apontamentos históricos sobre o telejornal Bom Dia Santa Catarina. *In: ENCONTRO REGIONAL SUL DE HISTÓRIA DA MÍDIA*, 5. **Anais...** Florianópolis, 2014.
- HARTLEY, John. Modo de destinassem. *In: O'SULLIVAN, Tim et al. Conceptos clave em comunicassem y estúdios culturales*. Buenos Aires: Amorrortu, 1997.
- SCHUMPETER, Joseph. **Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico** (1ed. 1934). Tradução de Maria Sílvia Possas. Coleção Os Economistas. São Paulo: Nova Cultural, 1997.
- TOURINHO, Carlos Alberto Moreira. **Inovação no telejornalismo: o que você vai ver a seguir**. 1. ed. Vitória: EspaçoLivros, 2009.
- YIN, Robert K. **Estudo de Caso, planejamento e métodos**. 2. ed. São Paulo: Bookman, 2001.

Reflexões sobre uma pesquisa de campo de corte etnográfico

Silvio da Costa Pereira¹ – Doutorado

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Raquel Longhi

Linha de Pesquisa: Tecnologias, Linguagens e Inovação no Jornalismo

Palavras-chave: Fotojornalismo; pesquisa de campo; etnografia.

As transformações no modo de produção de relatos jornalísticos a partir de imagens técnicas foram o eixo central da pesquisa que realizamos. Queremos aqui refletir sobre o processo de pesquisa de campo junto a profissionais de três veículos. A abordagem que propusemos é qualitativa, pois busca compreender um conceito em transformação, observável mas não mensurável. Também pode ser vista dentro dos estudos de *newsmaking*, embora a aderência seja pequena porque valores notícia ou critérios de noticiabilidade, *gatekeeping*, constrangimentos organizacionais, ideologias, relacionamento com fontes, ou impactos das narrativas não eram nosso foco. Planejada para ser um estudo de casos múltiplos, buscávamos através dela acompanhar o processo de produção de narrativas jornalísticas baseadas em imagens técnicas, sendo cada processo de produção um caso. Os dados seriam captados por observação direta e entrevistas semi-estruturadas.

Após obter as autorizações, começamos a pesquisa, que se estendeu por 36 dias. Já na primeira redação notamos uma dificuldade ligada à escolha da metodologia. Dentro da dinâmica da redação o percurso de produção não é linear. O fotógrafo ia para outra pauta antes de tratar ou enviar as fotos para a redação; o editor tinha uma reunião no meio da seleção das imagens. Em outras palavras, o fluxo de produção era totalmente fragmentado. Acompanhá-lo implicaria em tempos mortos, algo incompatível com uma pesquisa de poucos dias. Além disso haviam basicamente narrativas audiovisuais ou com fotos e textos. Os demais formatos que buscávamos acompanhar ocorriam apenas esporadicamente.

Por isso optamos por trabalhar com uma metodologia de corte etnográfico, também baseada na observação participante e nas entrevistas semi-estruturadas. O enfoque passou para uma miríade de possibilidades observáveis (dificuldades, escolhas, equipamentos, relações pessoais, ações, objetos, processos, etc.) que atravessam a produção das narrativas baseadas em fotos e vídeos. O que antes seriam dados relevantes de cada caso, passam a ser o foco principal. E não nos obrigariamos mais a seguir cada produção do início ao fim, embora continuássemos tentando acompanhá-las nesse percurso não linear. Tal mudança havia sido prevista pela então doutoranda Lívia Vieira poucos dias antes do início do campo. Ela dizia que a pesquisa tinha características de uma etnografia, o que nos levou a ler sobre o assunto, e possivelmente nos preparou para agir logo que percebemos a questão.

Consideramos que nossa pesquisa não se constituiu em uma etnografia, mas teve um caráter etnográfico porque, como explica Lago (2007), uma etnografia implica em uma densa

descrição da cultura do grupo, através de intenso contato, o que é impossível de ocorrer em um período de 36 dias. Acreditamos que nosso trabalho de campo esteve mais próximo da noção de etnografia focada proposto por Knoblauch (2005), realizada a partir de visitas relativamente curtas e que se valem de uma intensiva coleta de dados apoiada por tecnologias.

Tínhamos em mente a importância em ser aceitos pelos grupos e sujeitos que observávamos, mesmo com a aproximação relativamente abrupta que o curto tempo de imersão proporcionou. A leitura prévia de Lago – e de outros autores que aqui não citamos – provocada pelas considerações de Vieira, ajudou a minimizar vieses como a participação observante, e colaborou com a construção de estratégias que ajudassem a desnaturalizar as proximidades que existem entre um pesquisador jornalista e um sujeito de pesquisa também jornalista. Buscávamos refletir constantemente sobre como nossa subjetividade poderia interferir no contexto da pesquisa, conseguindo enxergar isso em diversas situações, algumas apenas tardiamente.

A chegada nas redações foi o momento de maior estranhamento, como explica TEXTO-05. “No primeiro dia todo mundo [ela faz uma cara de quem se pergunta ‘quem é esse cara’]. [...] A partir do segundo dia, já ficou completamente natural a sua presença”. Percebemos o quanto fomos aceitos quando, no quarto dia de pesquisa, a editora-chefe da redação do sul comenta: “não precisa ficar pedindo para acompanhar [o trabalho de algum profissional dentro da redação]. Senta do lado e fica vendo”.

Os profissionais observados também buscam mostrar seu melhor perfil, o que pode ter levado alguns a ficarem mais pró-ativos. Mas o efeito parece não ser intenso pois, como disse um repórter, “de qualquer maneira eu tinha que fazer o serviço”. Em alguns momentos noto que a presença do pesquisador passa despercebida, pois eles nos procuram ao terminar o trabalho. Apenas observar, no entanto, pode ser problema em situações onde as fontes podem estranhar nossa participação, e aqui pode ser interessante interagir também com elas. Mas um editor também lembra que a presença do pesquisador pode provocar a reflexão junto aos profissionais. “[...] Quando você me indaga, você me obriga a pensar como que eu estou fazendo isso. E fica uma semente. Por exemplo, essa semente da gente pensar mais na imagem. [...] Porque a gente tem uma formação muito para texto.

A boa acolhida, no entanto, se deu principalmente junto aos profissionais que acompanhamos. Junto aos demais, houve momentos onde percebemos certo incômodo com nossa presença, fato que no entanto não atrapalhou o andamento da pesquisa.

Nota

¹Integrante do Grupo de Pesquisa Nephi-Jor.

Referências

NOBLAUCH, H. Focused Ethnography. *Forum Qualitative Sozialforschung*, v. 6, n. 3, set. 2005. Disponível em <https://bit.ly/2drqIRu>. Acesso em 11 abr 2019.

LAGO, C. Antropologia e Jornalismo: uma questão de método. In: LAGO, C. e BENETTI, M. (org.). *Metodologia de pesquisa em Jornalismo*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010, p. 48-66.

PASSOS INICIAIS: PESQUISA EM JORNALISMO

Nesta seção estão textos de pesquisadores com ingresso recente no PPGJor, cujas experiências foram compartilhadas em uma roda de conversa. Alguns dos ingressantes no ano de 2019 optaram por compartilhar esses passos iniciais por escrito.

Modelos de negócios para o jornalismo online independente brasileiro

Alessandra Natasha Costa Ramos¹ – Mestrado

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Stefanie C. da Silveira

Linha de Pesquisa: Tecnologias, Linguagens e Inovação no Jornalismo

Palavras-chave: Jornalismo online, modelos de negócios, jornalismo independente.

A crise por que passam os veículos jornalísticos após a mudança de paradigma representada pela comunicação mediada por computador evidencia a necessidade de se encontrar um modelo de negócio adequado para operar nesta economia de mercado (ALVES, 2001). Essa crise, que se traduziu em demissões nas redações jornalísticas e no fechamento de muitas delas, é um dos fatores capazes de estimular um espírito empreendedor em jornalistas que viram na popularidade das mídias sociais e de ferramentas de blogs e de web design fáceis de usar a possibilidade para lançarem seu próprio empreendimento, driblando, assim, as dificuldades encontradas no mercado de trabalho.

De acordo com o relatório da Sembramedia, “Ponto de inflexão – Impacto, ameaças e sustentabilidade: Um estudo dos empreendedores digitais latino-americanos”, à medida que a disrupção da mídia vai criando oportunidades e desafios, um número crescente de meios nativos digitais está construindo audiências e gerando receita. O estudo revelou que investimentos pequenos podem gerar grandes retornos, se adotadas certas estratégias de rentabilização, e apontou, em termos gerais, para dois caminhos para aumentar a receita: gerar audiência para direcionar tráfego e publicidade ou alavancar a lealdade do público para obter receitas com *crowdfunding*, treinamento, eventos e outras fontes.

Com base em estudos como este, no levantamento conceitual de modelos de negócios, e no estudo de caso de outros nativos digitais brasileiros que têm conseguido não só sobreviver, mas gerar lucro com suas atividades, esta pesquisa tem como objetivo investigar os atuais modelos de negócios adotados pelos nativos digitais independentes² brasileiros e suas particularidades.

Nota

¹O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

²Para fins desta pesquisa, consideram-se veículos de comunicação independentes aqueles cujos fundadores e/ou mantenedores não são vinculados às grandes empresas jornalísticas.

Referências

- ALVES, Rosental C. The future of online journalism: mediamorphosis or mediacide?. **Info**, v. 3, n. 1, p. 63-72, 2001.
- ANDERSON, Christopher W.; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. Post-Industrial Journalism: Adapting to the present. **Geopolitics, History, and International Relations**, 7(2): 32-123, New York: 2015.
- CANAVIDAS, João. **Webjornalismo: 7 Características que marcam a diferença**. Covilhã: LivrosLabCom, 2014.
- CHRISTENSEN, Clayton. **The Innovator Dilemma**. New York: Harper Business, 2011
- COSTA, Caio Túlio. Um modelo de negócios para o jornalismo digital. **Revista de Jornalismo ESPM**, São Paulo, v. 9, p. 51-115, abr./jun. 2014.
- JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. Tradução de Susana Alexandria. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.
- MIOLI, Teresa; NAFRÍA, Ismael (org.). **Jornalismo inovador na América Latina**. E-book, 2017. Disponível em: <<https://knightcenter.utexas.edu/books/PIPortugues.pdf>> Acesso em: 19 set. 2019.
- MIOLI, Teresa; NAFRÍA, Ismael (org.). **Inovadores no jornalismo latino-americano**. E-book, 2018. Disponível em: <<https://knightcenter.utexas.edu/books/INOADORES%20PORTUGUESE5.2%20UPLOAD.pdf>> Acesso em: 19 set. 2019.
- OSTERWALDER, Alexander; PIGNCUR, Yves. **Business Model Generation - Inovação em Modelos de Negócios: um manual para visionários, inovadores e revolucionários**. Rio de Janeiro, RJ: Alta Books, 2011.
- SEMBRAMEDIA; OMIDYAR NETWORK. **Ponto de Inflexão - Impactos, Ameaças e Sustentabilidade**: Um estudo dos empreendedores digitais latino-americanos. Disponível em: <https://www.omidyar.com/sites/default/files/file_archive/Inflection%20Point/Ponto%20de%20Inflexao.pdf> Acesso em: 18 set. 2019.

O radiojornalismo das emissoras comunitárias maranhenses em ambiente convergente: uma proposta de pesquisa

Jefferson de Sousa Moraes¹ – Mestrado

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Valci Regina Mousquer Zuculoto

Linha de Pesquisa: Tecnologias, Linguagens e Inovação no Jornalismo

Palavras-chave: radiojornalismo; convergência; tecnologias; rádio comunitária; Maranhão.

Desde a sua primeira transmissão no Brasil em 1922 até o momento, o rádio passa por constantes evoluções. Um desses avanços se trata da sua relação com as tecnologias. Com o avanço das tecnologias da informação e da comunicação, as TICs, que ditam novas maneiras de fazer jornalismo frente ao momento de convergência midiática, o rádio, como Lopez (2010) defende, torna-se hipermidiático, capaz de transpor as ondas eletromagnéticas podendo estar presente em diversas plataformas digitais, emitindo e compartilhando informações. Ferraretto (2014) explica que essa aproximação com os recursos tecnológicos trouxe uma nova perspectiva de comunicação digital, com destaque para a ampliação da interatividade no rádio. Antes desses aportes, o meio radiofônico se destacava entre os meios de comunicação por ser o único a interagir com a população.

Como parte dos meios em transformação, as rádios comunitárias também tendem a participar desse ciberespaço ampliando suas potencialidades. No Maranhão, as rádios comunitárias estão presente em boa parte dos lares fazendo companhia a milhares de maranhenses diariamente. De acordo com a Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), o Estado possui 137 rádios comunitárias regularizadas. Já a Associação Brasileira de Rádio Comunitárias do Maranhão (ABRAÇO-MA), estima que o Maranhão tenha cerca de 300 rádios comunitárias entre regularizadas e não regularizadas. Para efeito desta pesquisa, serão utilizadas as rádios comunitárias regularizadas, dividindo a pesquisa em 5 mesorregiões: centro, leste, norte, oeste, e sul maranhense. Neste panorama surge o seguinte questionamento: como a convergência tecnológica e midiática tem afetado o jornalismo praticado nessas emissoras? Para refletir essa problemática, a pesquisa tem como objetivo principal analisar a produção de conteúdos jornalísticos nas rádios comunitárias maranhenses em um ambiente convergente.

Na busca por compreender este processo e, principalmente, sua relação com o jornalismo das emissoras em estudo a pesquisa adota três estratégias metodológicas: a observação

simples, entrevistas face-a-face, além da análise de produto sonoro e online. Na primeira parte busca-se entender como os produtores de informações tem se confrontando frente às novas tecnologias. O segundo passo tem como objetivo ampliar o conhecimento sobre esse conteúdo jornalístico em convergência de acordo com esses profissionais. Já na terceira parte analisa-se como é produzido informações jornalísticas levando em consideração as transformações tecnológicas e midiáticas.

Alguns resultados preliminares apontam que essas emissoras utilizam parte dos aportes tecnológicos e digitais para produção, emissão e compartilhamento de conteúdo jornalístico. Apesar da tímida presença dessas rádios comunitárias no ciberespaço, causada principalmente pela falta de recursos tecnológicos, elas mostram aptidão no debate, podendo competir com outras emissoras do Estado. Com o avanço da tecnologia e sua popularização no dia a dia dos brasileiros e brasileiras será possível ampliar a participação dessas rádios no ambiente convergente, possibilitando avanços no jornalismo local, ampliando assim o debate democrático e pluralidade de vozes na região que por muito tempo contou apenas com a mídia hegemônica como referência do jornalismo desenvolvido pelo Estado.

Nota

¹O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Integrante do Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (Girafa).

Referências

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio, teoria e prática**. São Paulo: Summus Editorial, 2014.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e Mídias Sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

LOPEZ, Debora Cristina. **Radiojornalismo hipermidiático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica**. Covilhã, Portugal: LabCom, 2010. Disponível em: http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20110415-debora_lopez_radiojornalismo.pdf.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **No ar – a história da notícia de rádio no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2012.



Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPGJOR)
Campus Universitário, Trindade
88040-980 - Florianópolis/SC
(48) 3721.9463 - www.ppgjor.posgrad.ufsc.br

ISSN 2526-1231